



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Arquitetura para uma formação e expressão cultural partilhadas

Centro Cultural e Comunitário na Cidade Velha

Márcia Simone Santos Évora

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura, especialização em arquitetura

Orientação Científica:

Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri:

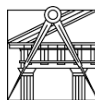
Presidente: Doutor Carlos Jorge Henriques Ferreira

Vogal: Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa

Orientador: Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2023



Arquitetura para uma formação e expressão cultural partilhadas

Centro Cultural e Comunitário na Cidade Velha

Márcia Simone Santos Évora

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura, especialização em arquitetura

Orientação Científica:

Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Doutor José Luís Mourato Crespo

Júri:

Presidente: Doutor Carlos Jorge Henriques Ferreira

Vogal: Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa

Orientador: Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro, 2023

RESUMO

O trabalho presente organiza um conjunto sucessivo de intervenções, a pontuar um percurso historicamente significativo entre a baixa da Cidade Velha, sobranceira à praia, e o alto de Achada Forte, onde se implanta o Forte Real de São Filipe, na Ilha de Santiago, em Cabo Verde. Pretende-se contribuir para a requalificação do Centro Histórico da Cidade Velha, primeira capital de Cabo Verde, marcada pela arquitetura militar e religiosa e classificada como património mundial da Humanidade, pela UNESCO. A permanência e a memória constituem valores a sublinhar, tanto num quadro de valorização monumental, quanto na imaginação de uma infraestrutura de suporte às dinâmicas quotidianas – espaço comunitário e qualificação de percurso urbano - adequada ao cultivo da identidade popular.

Partindo-se do redesenho do encontro da cidade com o mar, na orla marítima que alberga atividades piscatórias e comerciais, essenciais à promoção do turismo e valorização da economia local, inscreve-se um percurso perpendicular à encosta, de cariz local, simultaneamente utilitário e turístico, a articular monumentos históricos da cidade, mediados de forma estratégica pela proposta do centro cultural e comunitário, que servirá de palco a manifestações culturais do povo da Cidade Velha.

Em reação manifesta ao notório abandono dos monumentos históricos da Cidade Velha, sinaliza-se a relevância de uma intervenção baseada na preservação e atribuição de um valor de uso a tais edifícios, de valor histórico e cultural indisputáveis.

Palavras chave: Cidade Velha, Centro Histórico, percurso urbano, identidade popular, Ilha de Santiago-Cabo Verde

ABSTRACT

The work presents a successive set of interventions, punctuating a historically significant route between the downtown of Cidade Velha, overlooking the beach, and the top of Achada Forte, where the Forte Real de São Filipe is located, on Santiago Island, in Cabo. Verde. It is intended to contribute to the requalification of the Historic Center of Cidade Velha, the first capital of Cape Verde, marked by the military and religious and classified as a World Heritage Site by UNESCO. The permanence and memory of a value to be highlighted, both within a framework of monumental urban valorization, and in the imagination of an infrastructure to support everyday dynamics – space and route qualification – suitable for the cultivation of popular identity.

Part of the redesign of the meeting of the city and the sea, on the shore that houses fishing and commercial activities, promoting tourism and enhancing the city, a route perpendicular to the coast of a local nature, nearby hillside and the local economy historical monuments of the city, strategically mediated by the proposal of the cultural center and articulated, which will serve as a stage for cultural manifestations of the people of Cidade Velha.

In a manifest reaction to the non-abandonment of historic monuments, it manifests itself in an intervention in the construction of a use value to such historic buildings, of indisputable historical and cultural value.

Keywords: Cidade Velha, Historic Center, Urban route, popular identity, Ilha de Santiago-Cabo Verde

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à minha mãe, pelo exemplo e apoio incansável ao longo da minha vida.

Ao meu pai, pela energia transmitida de positividade em todas os momentos.

Aos meus familiares, que direta ou indiretamente estiveram envolvidos nesta trajetória.

Aos meus amigos e companheiros de percurso académico, pela prontidão para ajudar nos momentos adversos e pela amizade incondicional.

Às figuras educadoras desta faculdade e a toda a comunidade académica, em especial aos meus orientadores Daniel Jesus e Luís Crespo.

ÍNDICE

RESUMO	I
ABSTRACT	III
AGRADECIMENTOS	IV
ÍNDICE GERAL	VI
ÍNDICE DE FIGURAS	VII
1.INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Tema e objetivos	2
1.2 Metodologia	3
1.3 Estrutura do trabalho	4
2.OTERRITÓRIO.....	7
2.1 Enquadramento geográfico.....	8
2.2 Breve nota histórica.....	13
2.3 Características demográficas e sociais.....	16
3.O PATRIMÓNIO.....	19
3.1 Construído	24
3.1.1 Autóctone: Arquitetura tradicional cabo-verdiana.....	24
3.1.2 Alóctone: Arquitetura colonial portuguesa.....	28
3.2 Vivido.....	37
3.2.1 Práticas culturais e espaços de vivência.....	40
3.2.2 Presença externa e espaços resultantes	47
4.A EVOLUÇÃO URBANA.....	52
4.1 Implantação e estrutura urbana	53
4.2 Composição urbana.....	58
4.3 Normas interventivas do sítio histórico.....	62
5.O PROJETO.....	67
5.1 Casos de referência	69
5.2 Proposta Urbana	78
5.3 Proposta Arquitetónica	82
6.CONCLUSÃO.....	93
Bibliografia.....	95
ANEXOS	99

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Posição de Cabo Verde no Atlântico, com indicação da ilha de Santiago e da Cidade Velha	9
Fonte: https://pt.dreamstime.com/ilustra%C3%A7%C3%A3o-stock-mapa-de-cabo-verde-image90489728	
Figura 2- Mapa geomorfológico da ilha de Santiago (esquerda)	10
Fonte: https://pt.dreamstime.com/ilustra%C3%A7%C3%A3o-stock-mapa-de-cabo-verde-image9048972	
Figura 3- Mapa de análise topográfica da Cidade Velha (direita)	10
Fonte: https://ch.guimaraes.pt/static/uploads/actas/2CHI/vol4/CHlv4art05.pdf	
Figura 4_ Temperaturas máximas e mínimas na Cidade Velha	11
Fonte: https://pt.weatherspark.com/y/31476/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Cidade-Velha-Cabo-Verde-durante-o-ano	
Figura 5_ Probabilidade de Precipitação na Cidade Velha	12
Fonte: https://pt.weatherspark.com/y/31476/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Cidade-Velha-Cabo-Verde-durante-o-ano	
Figura 6_ Sensação de humidade na Cidade Velha	12
Fonte: https://pt.weatherspark.com/y/31476/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Cidade-Velha-Cabo-Verde-durante-o-ano	
Figura 7_ Ventos dominantes na Cidade Velha	13
Fonte: https://pt.weatherspark.com/y/31476/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Cidade-Velha-Cabo-Verde-durante-o-ano	
Figura 8_ Planta da Cidade Velha -Século XVII	15
Fonte: Camara Municipal da Cidade Velha	
Figura 9_ Relação vale-povoamento	Figura 10_ Vale-vegetação
Fonte: Camara Municipal da Cidade Velha	
Figura 11_ Crescimento Populacional de Cabo Verde	19
Fonte: https://countrymeters.info/pt/Cape_Verde	
Figura 12_ Taxa de crescimento populacional da população	19
Fonte: https://countrymeters.info/pt/Cape_Verde	
Figura 13_ Rua da Banana, Cidade Velha	26
Fonte http://wikimapia.org/30517957/pt/Rua-de-Banana	
Figura 14_ Habitação tradicional de pedra basáltica e colmo (esquerda)	27
Fonte: flickr.com/photos/mafans/36347704583/	

Figura 15_Presença da árvore na varanda frente rua (direita)	27
Fonte: https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g1007636-d8517368-Reviews-Rue_Banana-Cidade_Velha_Santiago.html	
Figura 16_Ilustração das habitações tradicionais.....	28
Fonte: Guia e normas urbanísticas da cidade velha	
Figura 17_Ventilação das habitações	29
Fonte: Guia e normas urbanísticas da cidade velha	
Figura 18_Mapas dos principais monumentos da Cidade Velha.....	30
Fonte: Autora	
Figura 19_ Forte Real de São Filipe	32
Fonte: https://www.civitatis.com/pt/praias/tour-praias-cidade-velha/	
Figura 20_Vista aérea do Forte Real de São Filipe.....	32
Fonte: https://www.civitatis.com/pt/praias/tour-praias-cidade-velha/	
Figura 21_Planta do Forte de São Filipe.....	32
Fonte: https://www.civitatis.com/pt/praias/tour-praias-cidade-velha/	
Figura 22_ Alçado sul do Forte de São Filipe	31
Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Alcornoque-4-Fortaleza-Real-de-Sao-Felipe-Arquivo-dos-autores-2015_fig4_318041727	
Figura 23_Gravura do século XVII da Sé.....	33
Fonte: https://docplayer.com.br/77385255-Reflexo-da-cidade-velha-arquitectura-patrimonio-e-turismo-o-caso-cidade-velha-em-cabo-verde.html	
Figura 24_Planta atual da Sé Catedral	34
Fonte: Acervo do autor	
Figura 25_Alçado sul da Sé Catedral.....	34
Fonte: http://www.young-ambassadors.net/cidade-velha-cv/#jp-carousel-5266	
Figura 26_Fachada sudeste da Sé Catedral.....	34
Fonte: http://www.young-ambassadors.net/cidade-velha-cv/#jp-carousel-5266	
Figura 27_Gravura da Igreja Nossa Sra. do Rosário	37
Fonte: http://www.young-ambassadors.net/cidade-velha-cv/#jp-carousel-5266	
Figura 28_Planta da Igreja Nossa Sra. do Rosário	37
Fonte: http://www.young-ambassadors.net/cidade-velha-cv/#jp-carousel-5266	
Figura 29_Igreja Nossa Senhora do Rosário pós restauro.....	37
Fonte: https://ipc.cv/monumento-e-sitio/igreja-nossa-senhora-do-rosario/	
Figura 30_Vida piscatória cabo-verdiana.....	38
Fonte: https://allartsgallery.com/pt-pt/artistas/126-kiki-lima/biography	
Figura 31_Casas da comunidade "rabelados" na ilha de Santiago	39

Fonte: <https://cmsm.cv/locais/rabelados-de-sao-miguel/>

Figura 32_Pratica de batuco em roda 43

Fonte: Guia e normas urbanísticas da cidade velha

Figura 33_Pano de terra 46

Fonte: <https://allartsgallery.com/pt-pt/artistas/126-kiki-lima/biography>

Figura 35_Processo de tecelagem do pano de terra..... 46

Fonte: <https://allartsgallery.com/pt-pt/artistas/126-kiki-lima/biography>

Figura 36_Cobertura reforçada com tecelagem 46

Fonte: <https://allartsgallery.com/pt-pt/artistas/126-kiki-lima/biography>

Figura 38_Binde de cuscuz..... 46

Fonte: <https://africanfood94.wordpress.com/2016/03/31/cuscuz-cabo-verdiano/>

Figura 39_Ruínas de antiga fabrica de tijolos 46

Fonte: <https://africanfood94.wordpress.com/2016/03/31/cuscuz-cabo-verdiano/>

Figura 40_Publicação das habitações no Hotel.com..... 51

Fonte: https://pt.hoteis.com/?locale=pt_PT&pos=HCOM_PT&siteid=300000027

Figura 41_Mapas do núcleo urbano 56

Fonte: Autora

Figura 42_Mapas da malha e dos eixos estruturantes..... 58

Fonte: Autora

Figura 43_Mapas do tipo de malhas da cidade..... 59

Fonte: Autora

Figura 44_Mapas dos tipos de lote da cidade..... 61

Fonte: <https://allartsgallery.com/pt-pt/artistas/126-kiki-lima/biography>

Figura 45_Mapas da ocupação do solo da cidade 62

Fonte: Autora

Figura 46_Mapas da area considerada Patrimonio mundial 62

Fonte: Autora

Figura 47_Pousada de São Pedro 66

Fonte: Autora

Figura 48_Planta e alçados da reabilitação da Pousada de São Pedro 66

Fonte: Autora

Figura 49_Vista aérea das zonas reabilitadas.....70

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/945781/reabilitacao-urbana-de-alto-de-bomba-outros-bairros>

Figura 50_Mobiliário urbano concebido para espaço de lazer.....71

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/945781/reabilitacao-urbana-de-alto-de-bomba-outros-bairros>

Figura 51_Espaço desportivo.....71

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/945781/reabilitacao-urbana-de-alto-de-bomba-outros-bairros>

Figura 52_Integração da plataforma nas ruínas do Castelo.....72

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-187226/arquitetura-e-paisagem-um-passeio-pelas-ruinas-do-castelo-sandsfoot-por-levitate>

Figura 53_54 Enquadramento da paisagem.....73

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-187226/arquitetura-e-paisagem-um-passeio-pelas-ruinas-do-castelo-sandsfoot-por-levitate>

Figura 55_Corte Longitudinal da proposta.....73

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-187226/arquitetura-e-paisagem-um-passeio-pelas-ruinas-do-castelo-sandsfoot-por-levitate>

Figura 56_Fachada principal da Escola Primária do Gando.....74

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/786882/escola-primaria-em-gando-kere-architecture>

Figura 57_Composição dos elementos da fachada.....75

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/786882/escola-primaria-em-gando-kere-architecture>

Figura 58_Atmosfera das salas de aula.....75

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/786882/escola-primaria-em-gando-kere-architecture>

Figura 59_Identificação do bairro de São Sebastião.....76

Fonte: Autora

Figura 60_Zona ampliada da Sé Catedral.....80

Fonte: Autora

Figura 61_Zona ampliada do Centro Cultural e Comunitário.....81

Fonte: Autora

Figura 62_Perfil do espaço de permanência.....81

Fonte: Autora

Figura 63_Perfil da plataforma mirante.....81

Fonte: Autor1

Figura 64_Zona ampliada da plataforma mirante.....81

Fonte: Autora

Figura 65_Planta e perfil geral da proposta.....	82
Fonte: Autora	
Figura 66_Corte longitudinal da proposta.....	84
Fonte: Autora	
Figura 67_Planta do piso terreo e alçado sudeste.....	85
Fonte: Autora	
Figura 68_Planta de Cobertura e alçado nordeste.....	86
Fonte: Autora	
Figura 69_Corte transversal CC.....	87
Fonte: Autora	
Figura 70_Corte transversal BB.....	87
Fonte: Autora	
Figura 71_Sistema de cobertra com panos de terra entrelaçados.....	87
Fonte: Autora	
Figura 72_Planta piso 2 e Corte AA.....	89
Fonte: Autora	
Figura 73_Corte longitudinal BB.....	90
Fonte: Autora	
Figura 74_Planta piso 1 e corte alçado Oeste.....	91
Fonte: Autora	
Figura 75_Planta piso 0 e alçado Este.....	92
Fonte: Autora	
Figura 76_Detalhe construtivo da proposta.....	93
Fonte: Autora	

1.

INTRODUÇÃO

“Na antiguidade, os primeiros arquitetos amassavam a terra com os pés, para preparar os tijolos. Arquitetos descalços pisando a terra, uma imagem distante da nossa realidade que se afasta cada vez mais da natureza.”

(Lengen, 2004, p. 1).

1.1 Tema e objetivos

O presente trabalho final de mestrado tem como matriz a problemática do património, reconhecendo, na presença da pegada arquitetónica presente, o seu valor enquanto elemento de identificação de um povo, cidade ou país. A partir do património vivido, construído e natural, pretende-se discutir as dissonâncias implícitas no processo de conservação e consequente musealização das cidades, entendidas como espaços dedicados à presença externa e não propriamente à interna. A dualidade do fenómeno turístico fomenta uma necessidade de equilíbrio nas formas de ocupação do espaço, na medida em que evidencia fragilidades sociais, económicas e ambientais, principalmente em territórios insulares. Neste sentido, a arquitetura para uma formação e expressão cultural partilhadas, busca conciliar as duas presenças num contexto dedicado à comunidade local e ao mesmo tempo permeável à nova presença.

O tema é abordado no contexto da Cidade Velha, uma cidade histórica que se vem recuperando da descaracterização, resultado da marginalização do património e a autoconstrução presentes no processo de expansão da cidade. É a cidade mais remota do arquipélago de Cabo Verde, localizada mais propriamente na ilha de Santiago e considerada Património Mundial da Humanidade pela UNESCO em 2009. Como tal, é implementada uma nova política urbana, que está assente nos programas de restauro do património edificado, contrariada pelas instabilidades político-sociais associadas ao direito à cidade.

A investigação apoia-se na tensão existente na dualidade de interesses, por um lado dos atores da cidade e por outro, dos seus representantes. Assim, a proposta é pensada através das duas visões, na tentativa de encontrar um elo, neste caso, espacial e democrático, permeável às dinâmicas culturais partilhadas.

O espaço urbano é caracterizado pela arquitetura alóctone e autóctone, onde este último surge como motivador caso de estudo para o desenvolvimento do projeto, do qual se pretende desencadear uma forma alternativa de construir, através da reinterpretação das antigas técnicas e materiais construtivos, apoiada numa reflexão contemporânea da arquitetura do passado. *“...as gerações do presente e do futuro poderão encontrar o elo que as liga ao passado e equacionar os problemas das suas relações com o mundo em que vivem, nomeadamente no que toca à sua integração numa sociedade como a nossa, em constante evolução.”* (Pereira, 2004, p. 20).

Em suma, propõe-se a resinificação do sítio histórico, refletindo as dimensões do seu património e incorporando-as numa intervenção urbana voltada para o património natural e construído, e consolidada numa proposta arquitetónica cujo programa alberga a componente imaterial deste mesmo património.

1.2 Metodologia

O desenvolvimento do projeto está assente numa metodologia de trabalho composta por três fases complementares entre si.

Fase 1. Inicia-se o processo pela interpretação da cidade, com o objetivo de perceber as principais necessidades e problemáticas. Neste sentido, segue-se o reconhecimento do local como um território insular e tropical, onde o levantamento topográfico, climático e histórico se vê indispensável para o ato de projeto. É priorizada a observação in loco, permitindo registar através de desenhos e fotografias os momentos da cidade, além de possibilitar o contacto direto com a comunidade e entidades (Câmara Municipal da Ribeira Grande, Centro Cultural...) e consequente solicitação de documentação de apoio à análise, além do testemunho dos moradores relativamente à cidade em que vivem.

Fase 2. Uma vez entendido o contexto, a análise direciona-se para uma escala mais aproximada do património edificado da

cidade, contribuindo para o reconhecer de uma arquitetura anterior de carácter histórico e comparando-a com casos de referência histórica, cultural ou arquitetonicamente compatíveis. No mesmo registo, procura-se integrar na investigação uma abordagem do património imaterial, na perspetiva de justificar o centro cultural e comunitário como programa arquitetónico a desenvolver.

Fase 3. Aquando do conhecimento e reconhecimento do edificado e o seu contexto na cidade, é importante a elaboração de estratégias através de desenhos e maquetes que representem e alimentem a procura de soluções acertadas em relação ao projeto. Consta esta fase final, portanto, de aplicação dos conceitos e referências no desenvolvimento do projeto urbano e arquitetónico, por meio de cartografias, fotografias, desenhos e esboços anteriores ao produto final materializado nos painéis e maquetes.

1.3 Estrutura do trabalho

Capítulo 1. Introdução

Neste capítulo de arranque é apresentado e justificado o tema do Projeto Final de Mestrado, expondo as problemáticas, definindo os objetivos e enunciando a metodologia de trabalho para a sua concretização.

Capítulo 2. O território

Este capítulo serve como elemento introdutório ao local, tendo em conta a origem da cidade, passando pela ideia de cidade laboratório e o resultado dessa experiência na atualidade. Apresenta-se, portanto, uma breve nota histórica do local e os fatores favoráveis ao assentamento humano neste contexto, destacando a sua localização geográfica, características físicas e climáticas, bem como as condições demográficas e sociais.

Capítulo 3. O património

No terceiro capítulo pretende-se, num primeiro momento, relatar o conjunto patrimonial construído da cidade, partindo duma noção e contextualização histórica da sua construção e dando seguimento a uma descrição e análise da envolvente, forma, tipologia, técnicas e materiais construtivos. A abordagem é dividida entre a arquitetura autóctone e alóctone. Num segundo momento, discutem-se as relações de identidade refletidas nas práticas culturais e no contexto informal da sua prática, aqui nomeado de espaço de vivência. Em contraponto, discute-se a questão da atividade turística e a sua influência na dinâmica da cidade, tendo em conta a presença externa e consequente pressão do espaço, aqui designado por espaço resultante.

Capítulo 4. A evolução urbana

Neste capítulo introduz-se a morfologia e evolução da cidade, com o intuito de perceber a origem e os processos de expansão da mesma. É feita ainda uma análise das normas urbanísticas para a preservação do sítio histórico, no sentido de guiar o ato de projeto.

Capítulo 5. O projeto

No quinto capítulo apresenta-se uma estratégia de intervenção urbana e arquitetónica, considerando os aspetos desenvolvidos nos capítulos anteriores e introduzindo temas arquitetónicos práticos aplicados ao projeto.

Capítulo 6. Conclusão

No último capítulo faz-se a conclusão do trabalho, respondendo às temáticas levantadas ao longo do documento e criticando-as, à luz do resultado final.

Regresso

*Mamãe Velha, venha ouvir comigo
O bater da chuva lá no seu portão.
É um bater de amigo
Que vibra dentro do meu coração
A chuva amiga, Mamãe Velha, a chuva,
Que há tanto tempo não batia assim...
Ouvi dizer que a Cidade-Velha
– a ilha toda –
Em poucos dias já virou jardim...
Dizem que o campo se cobriu de verde
Da cor mais bela porque é a cor da esp'rança
Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde.
– É a tempestade que virou bonança...
Venha comigo, Mamãe Velha, venha
Recobre a força e chegue-se ao portão
A chuva amiga já falou mantenha
E bate dentro do meu coração!*

Amílcar Cabral¹

¹ <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/amilcar-cabral-regresso/>

2.

O TERRITÓRIO

“Numa ilha atlântica, seca e árida, na foz de uma ribeira, na ausência de uma nuvem, reencontramos o primeiro lugar de Cabo Verde.”

(Tavares, 2010, p. 10).

2.1 Enquadramento geográfico

I localização

Cabo Verde é um pequeno estado insular, localizado no Oceano Atlântico na encruzilhada entre a Europa, América e a África (500km da costa senegalesa). É composto por dez ilhas vulcânicas e oito ilhéus, que somam uma área de 4033 km². Consoante o posicionamento das ilhas em relação ao vento, o arquipélago é dividido em dois grupos: barlavento, formado pelas ilhas e ilhéus a norte e sotavento, a sul do território. Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boavista e os ilhéus desabitados de Pássaros, Branco e Raso fazem parte do primeiro grupo, donde sopra o vento e o segundo é formado pelas ilhas do Maio, Santiago, Fogo, Brava e os ilhéus desabitados de Santa Maria, Grande, Luís Carneiro, Sapado e de Cima, donde o vento escoa (Ferreira, 1997). Santa Luzia é a menor ilha e a única desabitada, ao passo que, Santiago é a maior e mais populosa, onde se localiza o objeto de estudo da presente investigação. A antiga Ribeira Grande, atual Cidade Velha é o primeiro povoado fundado no arquipélago, pertencente ao município da Ribeira Grande, localizado a sul da ilha e a 15 km a oeste da cidade da Praia, a atual capital do país.

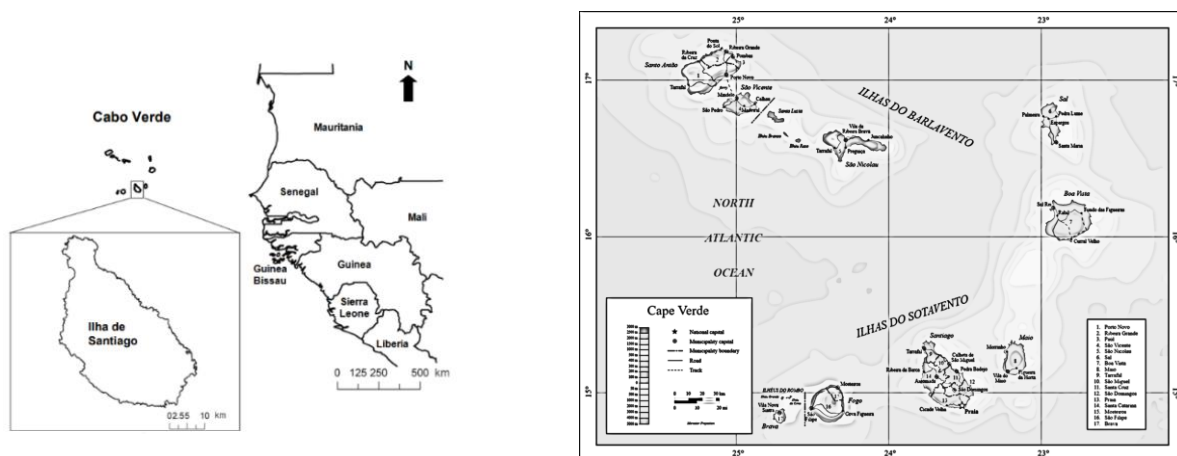


Figura 1- Posição de Cabo Verde no Atlântico, com indicação da ilha de Santiago

Características geomorfológicas

Topograficamente, a origem vulcânica das ilhas designa dois grupos distintos: as ilhas planas, situadas a este e rodeadas por extensas praias (Sal, Boavista e Maio) e as de relevo acidentado, mais montanhosas (Santo Antão, São Nicolau, Fogo e Santiago). O vulcão ativo da ilha do Fogo é o pico mais alto, com a altitude de 2829m (Ferreira, 1977). Em particular na ilha de Santiago, a topografia é constituída por picos e encostas declivosas e vales profundos, apresentando-se com grande diversidade de formas de relevo. Segundo Assunção (1968), a intensa erosão tem atuado fortemente sobre as formas originais resultantes da atividade vulcânica, pelo que muitas vezes não é possível identificar na ilha os centros vulcânicos antigos.

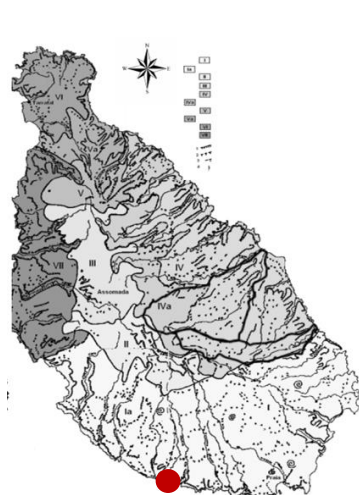


Figura 2- Mapa geomorfológico da ilha de Santiago Figura 3- Mapa topográfico da Cidade Velha

No final do séc. XV, a ocupação da ilha de Santiago começa ao longo do vale da Ribeira Grande, atravessado por dois cursos de água provenientes de nascentes localizadas na Maria Parda e nas proximidades do convento de São Francisco. O vale é protegido por duas rochas escarpadas basálticas, que configuram duas plataformas a este e a oeste do território. Fernando Pires define essa morfologia como “fechadura”.

Características ambientais

A análise das condições ambientais do arquipélago, em especial da Cidade Velha se vê fundamental, tendo em consideração a expansão urbana desenfreada e a situação geográfica que definem condições climáticas particulares.

O clima das ilhas é intertropical seco e árido, caracterizado por temperaturas elevadas, precipitação escassa e alta frequência de ventos fortes. De dezembro a julho, as massas de ar húmidas de Nordeste e Harmatão definem a estação seca e entre agosto e outubro, o período de maior probabilidade de precipitação, define a estação húmida do local.

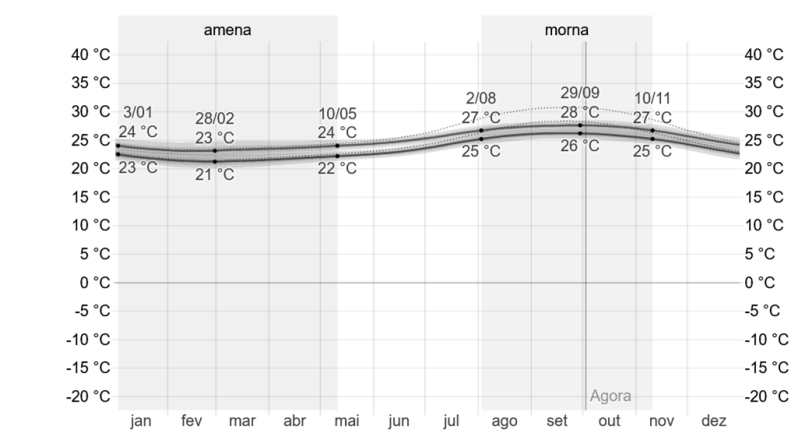


Figura 4_Temperaturas máximas e mínimas na Cidade Velha

Ao longo do ano, a probabilidade de precipitação na Cidade Velha atinge um percentual acima dos 13% na estação de maior precipitação com a duração de dois meses, entre agosto e outubro. Em contrapartida, a estação seca e predominante em todo o arquipélago dura aproximadamente 9 meses, de outubro a agosto. A Cidade Velha tem variação sazonal moderada na precipitação mensal de chuva. Entre o final de julho e início de fevereiro, verifica-se chuva contínua durante 31 dias, com o mínimo de 13 milímetros. Em setembro atinge o pico com acumulação média de 46 milímetros durante esse intervalo de tempo. No mês de junho é registado 0 milímetros, indicando o período de chuva mínima do local.

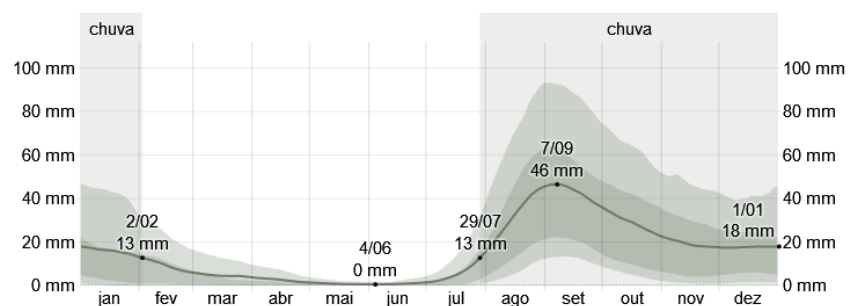


Figura 5_Probabilidade de Precipitação na Cidade Velha

Em termos de humidade, nota-se que a Cidade Velha tem um comportamento variável e sazonal, com sensação extrema de humidade. A temperatura varia de forma considerável desde o nascer ao pôr do sol, enquanto que a humidade permanece e varia lentamente ao longo do dia. *“Assim, enquanto a temperatura pode cair à noite, um dia abafado normalmente é seguido por uma noite abafada.”*².

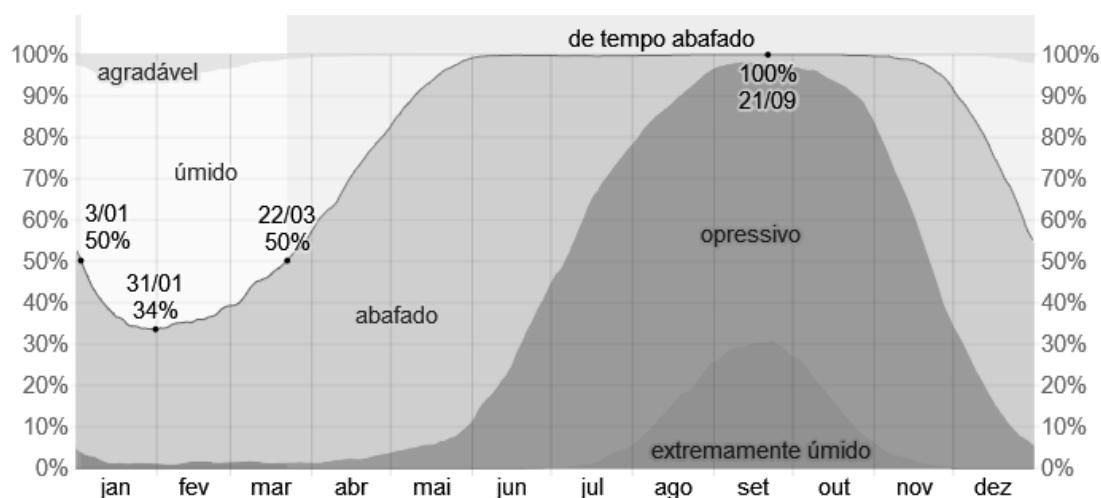


Figura 6_Sensação de humidade na Cidade Velha

² <https://pt.weatherspark.com/y/31476/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Cidade-Velha-Cabo-Verde-durante-o-ano>

Durante 9 meses, entre março e janeiro o nível de conforto é abafado durante meia parte do tempo. Em setembro atinge-se a maior probabilidade de precipitação e igualmente de humidade, “...com condições abafadas durante 100% do tempo.”³.

A topografia determina a sensação do vento nas diferentes plataformas da Cidade Velha. A zona baixa, resguardada pelas montanhas escarpadas é a mais densa e consequentemente, menos ventosa. A zona intermedia, com uma densidade urbana razoável consegue difundir a velocidade média do vento, com o registo acima dos 20km/h durante os meses de outubro e junho. Em janeiro atinge velocidades médias de 26,5km, no dia mais ventoso do ano. A direção dominante do vento vem de Norte, durante 11 meses, de 30 de dezembro a 14 de dezembro e nas restantes semanas predomina a direção leste.

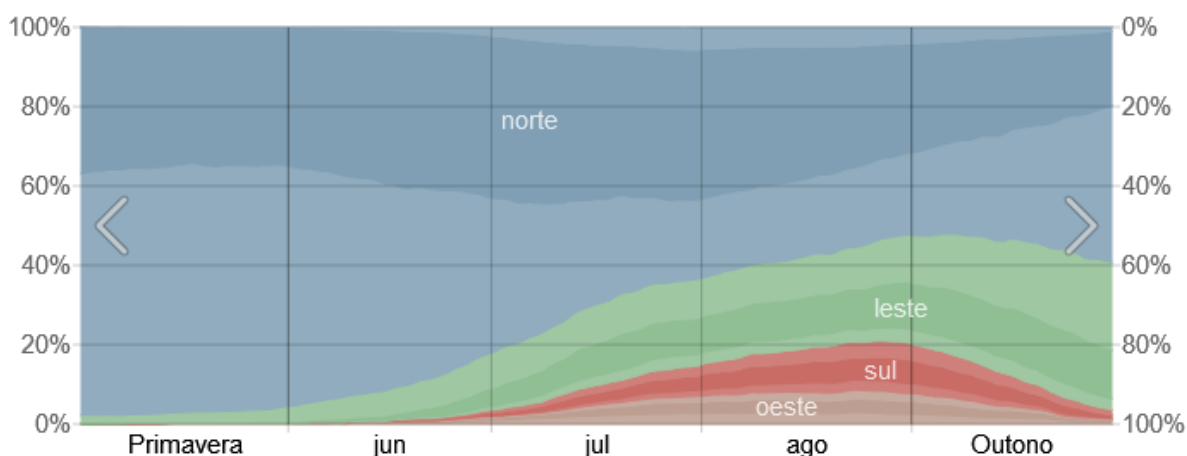


Figura 7 _ Ventos dominantes na Cidade Velha

³ <https://pt.weatherspark.com/y/31476/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Cidade-Velha-Cabo-Verde-durante-o-ano>

2.2 Breve nota histórica

I da Ribeira Grande à Cidade Velha

A Cidade Velha, antiga Ribeira Grande, foi a primeira cidade fundada no arquipélago de Cabo Verde e nos trópicos no ano de 1462, na decorrência do seu achamento pelos navegadores portugueses. Localizada estrategicamente entre a Europa, América e a costa da África, a cidade estabelecia uma relação comercial muito forte entre esses continentes no contexto da expansão marítima, servindo como local de abastecimento e reparações navais num primeiro momento e funcionando mais tarde como polo socioeconómico, admirativo, religioso e militar.

O regime de povoamento revelou-se experimental em primeira instância, com a implementação de espécies vegetais, animais oriundas dos continentes mencionados anteriormente, na procura de vida neste território de origem vulcânica. (Pereira, 2004).

No contexto da colonização, o modelo de povoamento das ilhas foi baseado na atribuição de terras por parte dos colonos e pela apresentação da carta régia de 1466, que oferecia maior liberdade comercial e outros privilégios a quem fosse viver na ilha. (Pires, 2007). Com isto, se sucede a prática da agricultura para a subsistência dos povos vindos da África e outras partes do mundo, atraindo e convergindo várias identidades nesse local estrategicamente bem localizado, no âmbito de trocas entre continentes vizinhos. Surge assim, no encontro de várias culturas, através de processos de miscigenação, o povo cabo-verdiano.

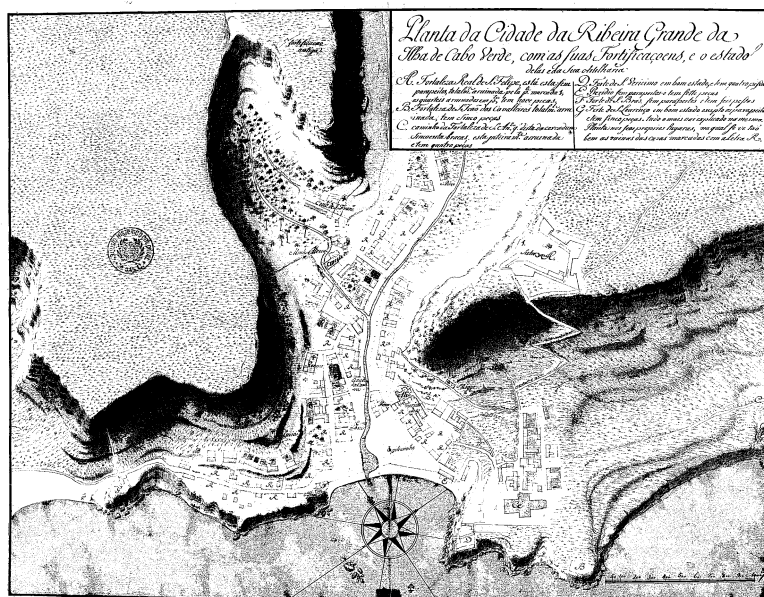


Figura 8_Planta da Cidade Velha - Século XVII

O desenvolvimento urbanístico deve-se, principalmente à importância geoestratégica da cidade, no circuito das navegações europeias no oceano Atlântico e pelos recursos hídricos disponíveis na altura. A configuração da cidade nos seus primórdios foi caracterizada pela presença de duas ribeiras ladeadas por vegetação abundante, que em gesto de rutura da grande massa escarpada, abriam-se e desaguavam no mar.

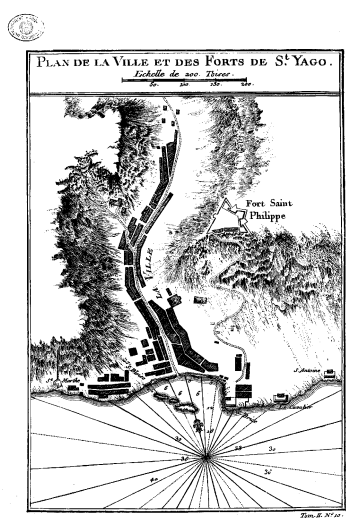


Figura 9_Relação vale-povoamento



Figura 10_Vale-vegetação

A evolução da malha urbana, entre os séculos XVI e XVII, partiu da organização ao longo da costa e evoluiu para o interior da ilha, dando origem ao mais antigo bairro de São Pedro e posteriormente, aos bairros de São Brás e São Sebastião. (Pires, 2007).

O período até então descrito, de desenvolvimento em vários setores configura uma época gloriosa da cidade, que é interrompida por invasões decorrentes da contestação da supremacia ibérica pelas novas potências europeias, fruto da concorrência no campo do comércio triangular. Além dos ataques dos corsários, dá-se o desvio do tráfico negreiro e a perda do monopólio deste comércio, bem como a corrupção da política local que configura o declínio da cidade no século XVII. Nestas circunstâncias, a população começa a migrar para o interior da ilha e principalmente para a atual capital, Praia, que se fez capital do arquipélago em 1769. (Pires, 2007).

O estado de destruição da antiga capital levou ao seu abandono, mantendo-se reduzido o contacto da coroa portuguesa com Cabo Verde. Segundo Lúcia Évora (1997, p.18), *“a fraca ligação entre o continente e as ilhas manter-se-á até a efetiva abolição do tráfico negreiro transatlântico e a separação administrativa da Guiné”*. Acrescenta ainda, que houve tentativa por parte da política portuguesa de afastar o povo cabo-verdiano dos movimentos independentistas que assolaram a África entre 1961 e 1974. Porém, os cabo-verdianos residentes na Guiné organizaram-se e sob a liderança de Amílcar Cabral foi criado o partido africano de independência da Guiné e Cabo Verde (P.A.I.G.C), que reclamava a independência conjunta dos dois povos com a formação de duas repúblicas. (Ferreira, 1997).

Após a independência do arquipélago em 1975, a Ribeira Grande continua progressivamente arruinada, perdendo grande parte dos edifícios civis, religiosos e militares. Anos mais tarde, as ruínas constituiriam a matriz para a reocupação do local, com a chegada de populações vindas do interior da ilha. Nesta altura, já conhecida como Cidade Velha e não mais Ribeira Grande.

“Depois do esplendor ficou-te caído o nome, uma onomástica gravada em quebradas lajes, a inocência com que o tempo segrega o mais incatrizável lanho.” (Tavares, 2010, p. 12).

No século XX implementa-se o plano de conservação e salvaguarda do património nacional coordenado pelo arquiteto Siza Vieira, decorrente da relevância da cidade num período marcante da humanidade, reconstituindo a diversidade de património que resistiu de forma construída e vivida, mundialmente reconhecida pela UNESCO em 2009.

2.3 Características demográficas e sociais

I População

A demografia cabo-verdiana foi influenciada por dois momentos marcantes da história do arquipélago, tanto nos primórdios da fundação da Ribeira Grande, quanto numa fase intermédia da época de fome do ano 1947, configurando épocas vulneráveis para a evolução demográfica do país. No primeiro caso, no contexto do povoamento da ilha de Santiago, existiu grande tensão no século XV resultante dos ataques de piratas, obrigando a migração das pessoas para áreas menos acessíveis e mais protegidas. Em 1947, o fenómeno de fome arrasa as ilhas e configura um declínio na demografia do país, registando milhares de mortes, igualmente decorrente de outros fenómenos endêmicos como a malária.

A economia de Cabo Verde é débil, decorrente de um fraco desenvolvimento das suas estruturas produtivas e possui uma tradição secular de emigração, como saída para essa crise económica. Até á atualidade a emigração é o fenómeno com maior influência na demografia do país, pela existência de vários núcleos migratórios espalhados pelo mundo, resultado da procura de melhores condições de vida e justificando a taxa emigratória igual ou superior a dos residentes neste território.

No início a população concentrou-se maioritariamente nas ilhas de Santiago e Fogo e no séc. XVI estabilizou-se entre os 130.000 e os 150.000 habitantes. Atualmente, Santiago é a ilha mais populosa, com cerca de 50% da população do total de 569.503 habitantes em todo o país, dos quais 50,4% são mulheres e 49,6% são homens.⁴ Estes habitantes distribuem-se numa área de 4.033 km², resultando numa densidade populacional de 119hab./km². A estrutura etária é jovem, com uma percentagem de 40% de efetivos (0-14anos) e 6% com indivíduos acima dos 65 anos, onde a idade media ronda os 24 anos.⁵

Mais concretamente na Cidade Velha, registrou-se uma diminuição significativa da população entre 1990 e 2010, de 2148 habitantes para 1214 habitantes. A população dedica-se essencialmente a atividades piscatória e agrícola, com um avanço recente no sector terciário. Todavia, a cidade é dependente da economia da capital (Praia), para onde se deslocam várias pessoas diariamente á busca de sustento, devido ao contexto económico bastante fragilizado e dependente de receitas turísticas. Por um lado, as permanências temporárias na cidade definem a condição de espaço dormitório e por outro, a migração definitiva para localidades mais próximas da capital, justifica a diminuição considerável da população residente.

⁴ (https://countrymeters.info/pt/Cape_Verde, s.d.)

⁵ (https://countrymeters.info/pt/Cape_Verde, s.d.)

População cabo-verdiana (últimos 10 anos)

Ano	População	Taxa de crescimento
2012	502 067	1.27 %
2013	508 517	1.28 %
2014	515 035	1.28 %
2015	521 535	1.26 %
2016	527 957	1.23 %
2017	534 346	1.21 %
2018	540 657	1.18 %
2019	546 875	1.15 %
2020	552 979	1.12 %
2021	559 576	1.19 %
2022	566 252	1.19 %

População de Cabo Verde (1951 - 2022)

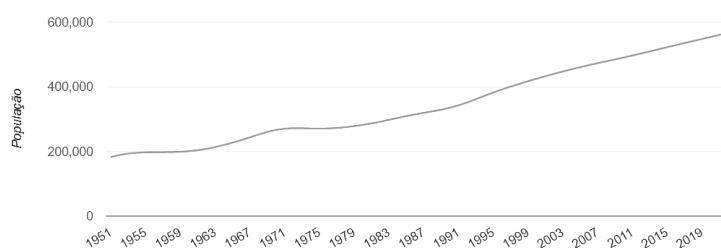


Figura 11_Crescimento Populacional de Cabo Verde

Taxa de crescimento 1952 - 2022

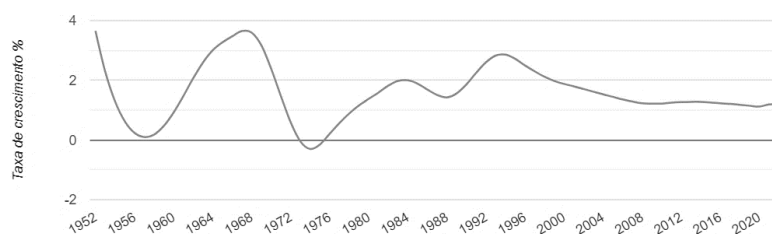


Figura 12_Taxa de crescimento populacional da população

3.

O PATRIMÓNIO

“O Património histórico e os comportamentos que lhes estão associados encontram-se presos em estratos de significação cujas ambiguidades e contradições articulam e desarticulam dois mundos e duas visões do mundo.”

(Choay, 2010, p. 11).

Enquadramento

“Património histórico. A expressão designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos.” (Choay, 2014, p.11).

O termo património, assim como outros conceitos como memória coletiva estão incorporados no léxico contemporâneo de forma ambígua, pela complexidade e multiplicidade de sentidos. Todavia, património está desde a sua origem vinculada com o passado, na perspetiva de evitar o desaparecimento ou esquecimento de algo simbólico ou valioso. No mundo contemporâneo esta noção vincula-se com o ato de colecionar baseado na ideia de “património como categoria do pensamento” (Gonçalves, 2003).

A transição do século XX para o XXI, num processo que já vinha de décadas anteriores, impulsionou o estudo e divulgação do património como forma de salvaguarda de uma identidade regional e local. Pelas palavras de Dominique Poulot, *“a história do património é a história da construção do sentido de identidade e mais particularmente, dos imaginários de autenticidade que inspiram as políticas patrimoniais.” (Poulot, 2012, p. 36).*

Por volta de 1972, a UNESCO se compromete através da Convenção do Património Mundial, Cultural e Natural a proteger os bens patrimoniais de exceção, em todo o mundo. Segundo Dias e Aguiar (2002), mais do que benefícios diretos originários da UNESCO, os governos de todo o mundo, ao incluírem monumentos e sítios na Lista do Património Mundial, obtêm prestígio e projeção internacional, valorizando culturalmente esses locais e incluindo-os no circuito do turismo internacional.

Segundo Jorge Mangorrinha, o turismo é um dos mais expressivos fenómenos de sociedades pós-industriais, porque é capaz de causar fortes repercussões sobre os ambientes económico, sociocultural e físico, por vezes negativamente, mas também é gerador de emprego e riqueza (Mangorrinha, s.d.). Acrescenta de forma crítica, o seguinte ponto de vista: *“Aos agentes que operam no território, sobretudo em locais sensíveis como os territórios insulares, cabe controlar os padrões de valor ambiental e cultural, garantindo intervenções respeitadoras de níveis equivalentes ou superiores de qualidade global e valores de sustentabilidade.”* (Mangorrinha, 2018, p. 34).

O caso da Cidade Velha

Particularmente em Cabo Verde, a candidatura a património Mundial evidencia discursos sobre o passado, que legitimam a Cidade Velha enquanto cidade histórica, turística e lugar de memória.

O processo de candidatura teve impacto no património edificado, que desde finais do século XX vem sofrendo intervenções coordenadas pelo Arquiteto Siza Vieira, apoiada por um grupo de espanhóis responsáveis pelo restauro do Forte de São Filipe e da Igreja do Convento de São Francisco. Além do restauro de monumentos, inicia-se a requalificação dos bairros antigos, em especial das habitações tradicionais na rua da Banana (Bairro de São Pedro). No campo arqueológico, dirigido por um grupo da Universidade de Cambridge, efetuou-se escavações na área dos Jesuítas e da capela de Conceição relatados mais tarde como valor acrescentado na candidatura. O artesanato e o batuque são também estruturados e apresentados, decorrente do alargamento das classificações ao património intangível iniciado em 1983 e efetivado em 2003, com o intuito da Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular. Portanto, em 2008 apresenta-se o dossier da candidatura e no

ano seguinte, Cidade Velha entra na lista de património Mundial da Humanidade. (Santos, 2012).

Segundo Flávia Santos (2012), na continuidade dos trabalhos, a cooperação espanhola cria um novo projeto denominado Projeto de Reabilitação Urbana e Melhorias Habitacionais na Cidade Velha em parceria com o Ministério da Cultura. Este processo, no entanto, gerou uma certa instabilidade social, pondo em causa todo o trabalho até então desenvolvido, pela divergência de interesses dentro deste meio. Na construção cultural que é o património, o jogo de escolhas e consequente adversidades são evidenciadas, tal como afirma Nora quando diz que *“o património é muito mais reivindicado do que herdado e muito menos comunitário que conflitivo.”* (Nora, 1997, p. 392). Evidente que a questão embrionária dos assuntos torna a situação mais complexa, principalmente no que diz respeito ao entendimento popular. Os residentes, embora incutidos através de campanhas de divulgação e discussão do tema, se mostraram muitas vezes insatisfeitos com as novas políticas. Por entrevistas feitas, Flavia Santos entende que os moradores locais justificam a sua fraca participação no processo da candidatura por considerarem que não foram ouvidos, (...) o que demonstra alguma insatisfação na forma como o processo foi conduzido, e realçam que devia servir e agradar a população, para que ela possa contribuir para a sua preservação.

Por outro lado, o coordenador científico de preparação da candidatura, Charles Akibodé (2008) aponta aspetos que extravasam a escala da Cidade Velha, com uma visão de progresso turístico global do arquipélago, apoiada também no património imaterial. *“A partir de agora as pessoas vão passar a conhecer Cidade Velha. Brava pode se desenvolver rapidamente, Santo Antão com turismo de montanha, São Vicente com turismo urbano, Sal e Boa Vista com turismo de mar. Não é somente a Cidade Velha que vai se beneficiar com*

isso. (...) Temos que pensar numa política artesanal virada para o turismo.”⁶

Consciente da dimensão e estrutura das ilhas, acrescenta eventuais perdas geradas pelo fluxo turístico, que atempadamente devem ser reconhecidas e refletidas. *“Temos que proteger a população da Cidade Velha. Com a vinda de diversas pessoas, com a pressão do espaço, a população da Cidade Velha é capaz de sofrer muito, se não tivermos um bom plano de melhoramento das suas vidas.”⁷*

Conclui-se assim, que as políticas de preservação terão de ter em conta a sustentabilidade de todos estes conjuntos, entendidos já não como simples patrimónios edificados museológicos e museográficos, mas como patrimónios coletivos imateriais de toda uma sociedade e, portanto, a serem imprescindíveis à autoafirmação cultural insular

⁶ Entrevista por Flávia Santos (2008, p.45) a Charles Akibodé, Coordenador Científico da Comissão de Preparação do Dossier de 48 Candidatura de Cidade Velha a Património Mundial retirada da Revista de Estudos Cabo-Verdianos nº4.

⁷ Idem.

3.1 Construído

3.1.1 Autóctone: Arquitetura tradicional cabo-verdiana

A Ribeira Grande é o berço da nação cabo-verdiana e igualmente da arquitetura tradicional característica do país. Aquando do primeiro assentamento humano neste território, por meio dos mínimos recursos disponíveis, erguiam-se as casas de paredes grossas em pedra e coberturas de palha e caniço. A arquitetura tradicional foi adaptada ao contexto pós destruição no séc. XVIII, definindo uma lógica urbana posterior baseada na malha pré-existente e tendo em conta o fator topografia como condicionante do desenho e evolução da cidade.

“Nascia assim a Cidade Velha, com a construção, sobre as fundações dos desaparecidos edifícios, de habitações simples, em alvenaria de pedra e cobertura em folhas de coqueiro, com farta utilização de cantarias recolhidas nos escombros dos monumentos.”⁸.

No âmbito da reconstrução setecentista, a implementação dos lotes acontece perpendicularmente á rua e com uma base de 6,6 x 19,8 m que pode duplicar, conforme as necessidades (Pato, 2018). Este modelo padronizado de loteamento é refletido em grande parte dos quarteirões e é reproduzida até nas construções isoladas pela cidade. O traçado urbano sofre alterações com a topografia e dá lugar a lotes cuja largura varia para 9,9m ou 13,20m nos casos de habitações de famílias mais abastadas, que possuíam um lote e meio ou duplo lote, principalmente no centro da cidade, nas ruas da banana e carreira, no bairro de São Pedro (Pato, 2018).

⁸ (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>)

Deste modo, confirmam-se duas tipologias habitacionais, uma tradicional: caracterizada pelo arquétipo de volume térreo simples implantado no lote base, com cobertura de duas águas, duas janelas e uma porta central; e outra senhorial: caracterizada pelo lote variável, podendo atingir o segundo piso, com maior possibilidade de compartimentação e cobertura de até quatro águas.

Habitação tradicional

As tipologias habitacionais tradicionais são caracterizadas pela modularidade, constituída pela varanda de frente rua, um volume retangular de um piso e um pátio que evolui para outro volume, caso o proprietário assim o entender. A repetição deste modelo ao longo da rua confere uma leitura contínua do espaço público. Os materiais utilizados na construção são essencialmente, pedra basáltica, barro e palha, aproveitando tanto os recursos locais disponíveis, como os escombros de edifícios desmantelados na época do ataque à cidade.

A **varanda** é um espaço que intermedeia o interior da habitação e o espaço público, com um muro baixo e bancos corridos de pedra, dando lugar a atividades sociais e domésticas. Por vezes, a árvore vê-se presente, servindo de elemento de sombreamento.



Figura 13_Rua da Banana, Cidade Velha



Figura 14_Habitação tradicional de pedra basáltica e colmo (à esquerda)

Figura 15_Presença da árvore na varanda na frente da rua (à direita)

Um espaço de extrema importância, que estabelece uma relação íntima do morador com a rua e principalmente com o resto da comunidade, conferindo uma dinâmica social de coesão. O **pátio** encontra-se na parte traseira da habitação e funciona como espaço doméstico, onde se lava, cozinha, planta e onde ficam os animais domésticos. Estes espaços sofrem alterações constantes, cedendo parcelas para construção de instalações sanitárias, cozinhas e até quartos.

O **volume** de habitação tem um único piso, de base retangular e ocupando cerca de 1/3 ou 1/4 do lote em profundidade e com a largura do mesmo. Em muitos casos o volume está paralelo ao volume da rua subsequente, incorporadas no mesmo lote, abrindo-se para as suas ruas respectivas e mantendo o quintal como espaço de partilha. O volume é encerrado com uma **cobertura inclinada** de duas ou quatro águas, que no seu interior não é suportada por nenhuma laje, garantindo uma melhor circulação de ar e um pé direito maior. Originalmente, as coberturas eram construídas com uma estrutura de asnas em madeira, revestidas no exterior com peças cerâmicas e no interior com caniço, usando técnicas de tecelagem para decorar e firmar o todo. (ainda existem exemplares desta técnica em algumas habitações) (Pato, 2018).

Construção com duas frentes de rua

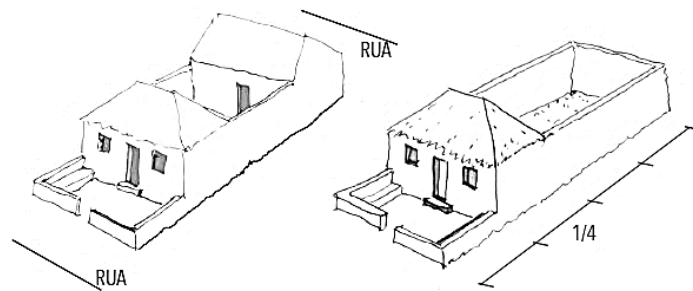


Figura 16_ Ilustração das habitações tradicionais

A **fachada principal** tem uma estereotomia simples, composta unicamente pela porta e duas janelas simétricas. Na parte traseira, existe uma porta de acesso ao quintal, alinhada com a da fachada principal, que permite uma boa ventilação do espaço, na medida em que não existe compartimentação entre ambas. Os **vãos** eram rematados por lintéis e caixilharia de madeira, com portadas. Atualmente, com a inserção do betão na construção, existe a possibilidade de obter maiores vãos. A **ventilação** é cruzada entre as portas devidamente alinhadas da entrada e traseiras da habitação, conferindo um maior conforto térmico, tendo em conta o clima quente do local (Pato, 2018).

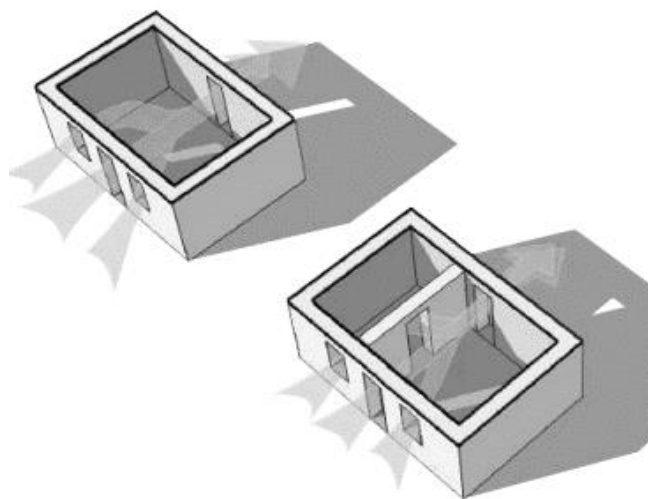


Figura 17_ Ventilação cruzada nos espaços

3.1.2 Alóctone: Arquitetura colonial portuguesa

I Arquitetura militar e religiosa

A arquitetura alóctone é caracterizada pela história do local e fortemente influenciada pela implementação do cristianismo na cidade, testemunhada pela arquitetura religiosa e pelo contexto de disputa territorial, revelada pela arquitetura militar da cidade. Havia na cidade 24 igrejas e uma estrutura defensiva marcada por seis fortificações ao longo da costa e o Forte de São Filipe, no cimo da encosta. (Pereira, 2004). Neste ponto pretende-se analisar os principais monumentos da cidade, no sentido de perceber onde e como se inserem no percurso de memória que a proposta de projeto descreve. Já tendo uma composição urbana que facilita a continuidade e a ideia de percurso, é escolhido o Forte de São Filipe como ponto de partida e sucessivamente a Sé Catedral, a Praça do Pelourinho e por fim, a Igreja Nossa Senhora do Rosário para esta análise.



Figura 18_ Mapa dos principais monumentos da Cidade Velha

Forte Real de São Filipe

Este forte foi construído entre 1585 e 1591, pelos arquiteto e engenheiro João Nunes e Felipe Tercio, a mando do Rei Filipe II de Espanha, razão pela qual é chamada Fortaleza Real de São Filipe. Faz parte da grande estrutura defensiva da cidade assente na plataforma a 120 m do nível do mar, no cimo do planalto escarpado a oeste do território. Localizado estrategicamente para cobrir visualmente toda a cidade e o mar, na perspetiva de controlar as chegadas de navios inimigos e dar vasão aos constantes ataques sentidos no século XVII. Dominante em relação as restantes fortificações, situadas ao longo da costa, funcionava como defesa, tanto por mar, como por terra. Por volta de 1712 é atacada por corsários franceses, comandados pelo Jacques Cassard, que de seguida, saquearam toda a cidade (Pereira, 2004). A integridade construtiva foi posta em causa e a destruição da cidade vincou no abandono deste território e igualmente das estruturas militares, que viriam a ser reabilitadas no âmbito da Candidatura a Património Mundial. A intervenção foi desencadeada pela Cooperação Espanhola, em parceria com o Governo de Cabo Verde, objetivando a sua recuperação, revitalização e preservação, constituindo-se numa autêntica atração turística (Pereira, 2004).



Figura 19_ Forte de São Filipe

Arquitetonicamente, caracterizada por uma planta trapezoidal constituída por duas fachadas orientadas a campanha e duas frentes muralhadas de parapeito de tiro, orientadas para a cidade. A Sul, a muralha mais baixa vira-se para a cidade e para o mar, encontrando perfeitamente adoçada ao terreno e a Norte, as muralhas mais altas se erguem para a proteção terrestre (Mendonça, 2018). Nas extremidades a este e oeste, situam-se os baluartes pentagonais intermediados por cortinas e meio-baluartes a Sul e a Norte, com as respetivas guaritas. No terrapleno, rodeados pelas muralhas e nas proximidades do meio baluarte a sul, encontrava-se a casa do governador e a capela de São Gonçalo, estando no centro a cisterna. O paiol de pólvora e os armazéns situam-se a sudoeste e a oeste no mesmo eixo, estão os quartéis militares (Mendonça, 2018). Existem duas portas de acesso, uma a nordeste, na parte de trás do forte que atualmente é a porta principal e a Sudoeste que era antigamente a porta principal e atualmente não é utilizada pelo público. O "*Porton di nôs ilha*", é um pórtico localizado a sudoeste, que se abre para a cidade e assim é chamado desde então e é bastante referenciada no universo artístico pela imagem simbólica que possui. Na construção das muralhas eram utilizadas pedras locais, com argamassa de terra, posteriormente reforçada com cal e argila pela ineficiência da terra nos impactos dos canhões. As peças decorativas eram feitas de pedras trazidas de Portugal, nos vértices, cantarias, portais e lintéis e as guaritas são construídas em pedra basáltica e com coberturas em marselha, com estrutura de madeira (Mendonça, 2018).

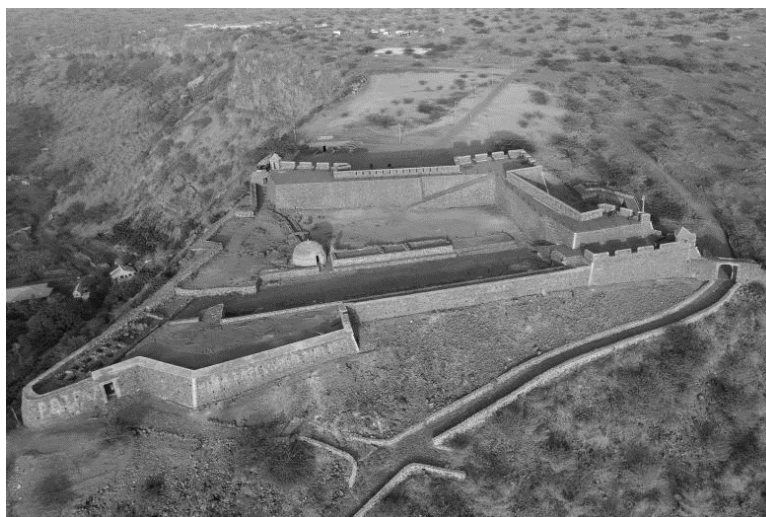


Figura 20_Vista aérea do Forte Real de São Filipe

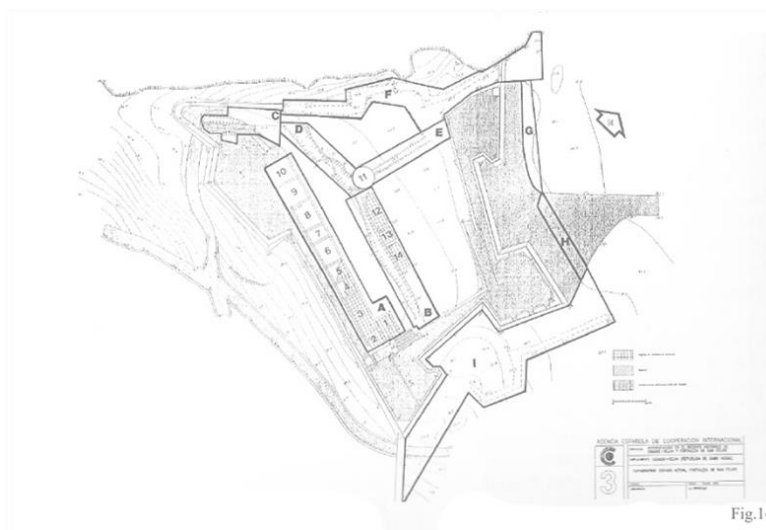


Figura 21_Planta do Forte de São Filipe

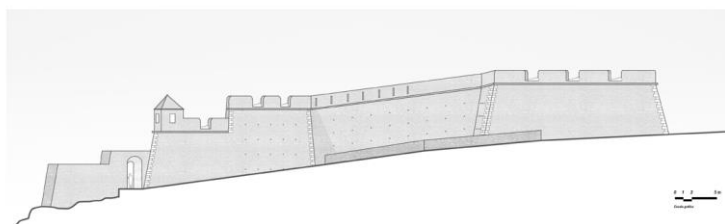


Figura 22_. Alçado sul do Forte de São Filipe

Sé Catedral

A Sé da Cidade Velha foi a primeira a ser construída nos trópicos e está localizada no bairro de São Sebastião, na achada logo abaixo do Forte de São Filipe e elevada em relação ao mar, na cota intermedia. É delimitada pelas habitações do bairro e contornada a sul pela via automóvel que liga o centro da Cidade Velha às outras localidades.

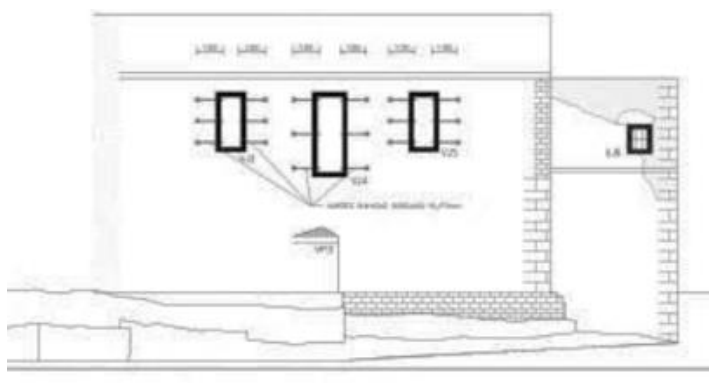
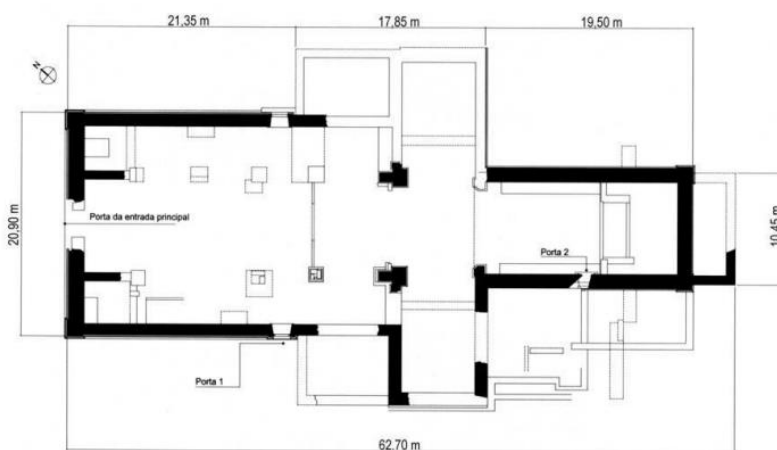
O processo de construção foi extenso, devido á grande escala do projeto e descontinuados processos de construção iniciados em 1556, suspensos em 1592, parados durante 130 anos e concluídos mais tarde em 1705. Durante este período a obra foi interrompida e na sequência da retoma *reconheceu-se “que o projeto original, estabelecido já nos fundamentos e nos muros construídos, mostrava-se sobredimensionado relativamente às necessidades e às possibilidades financeiras da cidade.”*(Bispo, 2013, p.2). Neste sentido, decidiu-se não construir a nave projetada inicialmente, e sim uma nave menor e uma capela lateral não edificada, como espaço que bastasse as manifestações religiosas. *“Para a decoração da capela, utilizaram-se azulejos de épocas mais recentes, supondo-se ter havido uma composição figurativa emoldurada com motivos florais em azul e branco de fins do século XVII.”* (Bispo, 2013, p.2).

Na gravura abaixo, vê-se que a igreja, assim como várias igrejas implementadas nos territórios colonizados, apresentava uma fachada discreta, pouco ornamentada, composta por paredes de alvenaria e torres de sino simétricas. Com um portal de entrada e duas janelas simétricas e uma rosácea ao centro, que configurava *“uma tríade que pode ser lida como simbolizando a Trindade. No transepto, constata-se uma construção simples, mas alta, de duas águas e claraboia lateral, que parece ter sido o espaço utilizado para o culto, com entrada lateral.”* (Bispo, 2013, p.2).



Figura 23 _ Gravura do século XVII da Sé no lado direito

Na sequência do ataque de 1712, a Sé ficou bastante danificada e desde então os rumores de eventual demolição e modificação do projeto inicial culminam no seu abandono. A retoma acontece no período pós-independência, com o objetivo de preservar o património construído da cidade. Segundo Alexandre Mimoso, as primeiras intervenções arqueológicas sucederam de 1989 a 1993, e em simultâneo, elaborou-se o primeiro projeto de valorização das ruínas. Devido ao risco de desabamento, algumas áreas sofreram pequenas consolidações de emergência nesta primeira fase. (Mimoso, 2016). Na segunda fase, com o projeto do século XVIII pretendeu-se adaptar o novo programa ao pré-existente, com um espaço interno unitário (de uma só nave). (Mimoso, 2016). Na obra recente de consolidação, identificou-se um estado crítico da estrutura, má qualidade de materiais empregues, sendo as fundações os únicos elementos com excelente estado de conservação. Em suma, a consolidação das ruínas baseou-se no travamento de paredes existentes através de elevação de contrafortes, enchimento de lacunas, preenchimento dos vazios interiores das paredes com injeção de cal, pregagens com varões de aço, reparação de fraturas e reposição de cantarias.



Igreja n^a Senhora Do Rosário

A igreja de Nossa Senhora do Rosário constitui um típico e raro exemplo da arquitetura gótica no continente africano. Os trabalhos de reabilitação desta igreja, com mais de 5 séculos de história, financiadas pelo Fundo do Turismo de Cabo Verde ao abrigo do plano nacional de reabilitação de edifícios históricos e religiosos muito devido ao seu contexto histórico sendo a casa onde pregou o Padre António Vieira e sítios de algumas passagens de Vasco da Gama de Cristóvão Colombo.

No início teria sido construída como capela gótica, de estilo manuelino em 1495 e passa a ser igreja, resultado da ampliação da anterior capela, sofrendo depois intervenções, clássicas e barrocas. Localiza-se na Rua da Carreira, assente na cota superior a mesma, sendo acedida através duma escadaria, cujos degraus são constituídas por pedras dos túmulos epigrafados, que termina na plataforma ampla, onde a igreja se encontra. A sul, abre-se a porta principal de acesso à nave e na lateral se encontra a torre quadrangular e a torre adjacente em forma cilíndrica. A cobertura é abobadada e nervurada, pontuada nos nós com o selo da cruz da coroa real portuguesa.

*“É uma igreja de nave única, com altar-mor sobre supedâneo de cinco degraus. Na parede do lado do Evangelho existe uma capela tardo-gótica com influência manuelina, com arco quebrado, ladeado por duas gárgulas, e cobertura em abóbada de nervuras com fechos policromos.”*⁹. O processo de reconstrução teve início em 1967, onde se construiu uma nova torre piramidal, sacristia e substituição de azulejos, seguindo a linguagem original.

⁹ <https://rr.sapo.pt/2019/02/03/religiao/descoberta-capela-quinhentista-na-cidade-velha-de-cabo-verde/noticia/139721/>

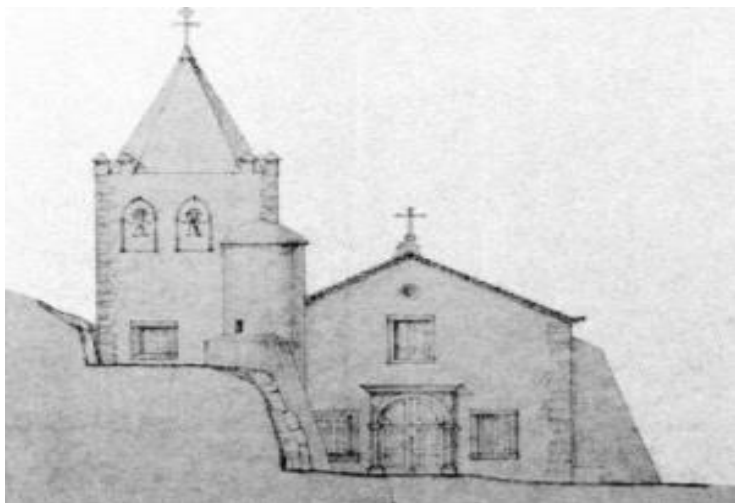


Figura 27_Gravura da Igreja Nossa Sra. do Rosário

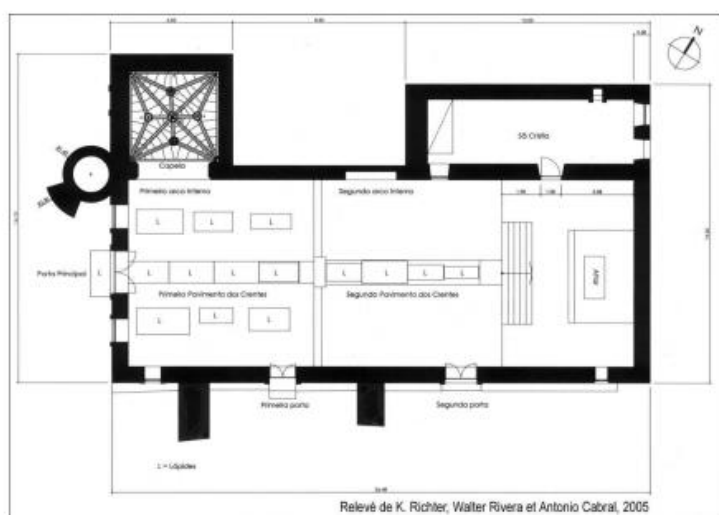


Figura 28_Planta da Igreja Nossa Sra. do Rosário



Figura 29_Igreja Nossa Senhora do Rosário pós restauro

3.2 Vivido

A questão de identidade

*“A questão do Património Cultural Imaterial (PCI) é um conceito relativamente novo no quotidiano do cabo-verdiano. À luz das Convenção da UNESCO para Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, PCI agrega o conjunto de “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, junto com instrumentos, objetos, artefactos e lugares culturais que lhes são associados, que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu património cultural.”*¹⁰

Enraizado no macro que é a cultura, este conjunto de elementos são entendidos como aspetos intrínsecos ao desenvolvimento da comunidade e criação da identidade do grupo. As formas de expressão incorporam a dimensão do exprimir humano das adversidades vivenciadas num determinado meio, exemplificadas nas composições e nas palavras cantadas, na morna pela lamentação e no batuque pelo manifesto.

O povo cabo-verdiano é caracterizado como heterogéneo, justificado pelo resultado de processos de miscigenação com influência direta na diversidade cultural entre as ilhas e na relação com o resto do mundo. *“a natureza arquipelágica de algumas regiões insulares se traduz na fragmentação e dispersão do território, refletindo-se, muitas vezes, na existência de uma grande diversidade intrarregional”* (Fernandes, 2016, p. 238).

Deste modo, reconhece-se que o cabo-verdiano é singular, embora moldado por influências africanas e europeias e por isso, em constante procura dum sentido de identidade, por aí fora. Esta condição traz angústias pelo cerne geográfico em que se

¹⁰ (<https://ipc.cv/patrimonio-imaterial>)

inserir as ilhas e igualmente pelas dificuldades de permanência nesse território de incertezas. Tais sentimentos são incorporados e expressados na literatura, pintura, dança, música, trazendo temas relacionados maioritariamente com a água, com ênfase na imensidão do mar que limita as ilhas, bem como nas incertezas da vida piscatória e escassez da chuva que alimenta.



Figura 30_Vida piscatória na Cidade Velha

A pesquisa se afunila para a ilha de Santiago, onde se encontram expressas as manifestações herdadas da comunidade africana no período de povoamento e na medida em que grande parte dessas tradições não migra para as ilhas de povoamento posterior. Logo, confirma-se a condição heterogênea das ilhas no âmbito cultural, inclusive na vertente linguística de cada região. Segundo Luís Batalha, a separação categórica das regiões “ganham dimensões raciais, e isso porque os “Badius” costumam ser associados a pessoas mais escuras e “Sampadjudos” a pessoas mais claras ou até de cor branca.” (Batalha, 200, p.74). Antigamente, referia-se aos “badios” ou vadios, aos escravos rebeldes que constituíam uma comunidade discriminada devido á resistência ao regime religioso colonial. Como resultado, refugiaram-se nas montanhas e passavam a viver em comunidade, isolados de tudo e de todos, sem qualquer tipo de conforto material¹¹. Até hoje esta comunidade permanece com o mesmo estilo de vida,

¹¹ <https://sol.sapo.pt/artigo/401931/cabo-verde-a-doutrina-dos-rabelados>

rejeitando as modernices do entorno. As casas de palha refletem a ideologia “rabelados”, tirando partido da essencialidade e materiais locais para o abrigo da sua comunidade.



Figura 31_Casas da comunidade "rabelados" na ilha de Santiago

O indivíduo nascido em Santiago, na sociedade atual ainda é denotado de “badiu”, definindo a vertente linguística e a região a que pertence. Por outro lado, os “sampadjudos” pertencem à região de Barlavento e são caracterizados por traços mais europeus, tanto comportamentais como fisionómicos, na medida em que as suas ilhas foram povoadas pelos mestiços migrados de Santiago e consequentemente, mais difusos culturalmente. Contudo, Pedro Gregório esclarece que *“se pode afirmar que os cabo-verdianos são portadores de uma comum identidade cultural, nacional na sua essência, e homogénea nos seus traços essenciais.”*¹²

De modo geral, o saber fazer da comunidade cabo-verdiana e o engenho para determinadas atividades criativas como a tecelagem, olaria e cestaria é reconhecível pelas habilidades manuais na criação de objetos através da matéria-prima local como o barro, além do algodão e caniço produzidos através da antiga base de subsistência do arquipélago, a agricultura.

¹² Entrevista a Pedro Gregório por João Paulo Carvalho e Branco Madeira em Nação e Identidade - Singularidade de Cabo Verde

Em suma, percebe-se que a cultura é moldada pela questão socioeconômica e pela própria localização geográfica, incessantemente retratada nas manifestações e práticas culturais particulares do contexto, imersas na relação do homem com o mar e a terra. Entende-se que essa relação, outrora estreita, desvanece pouco a pouco no tempo e no meio globalizado em que se vive e por esta via, dá lugar ao abandono gradual dos métodos tradicionais de expressão.

Posto isto, o principal objetivo do programa arquitetônico em desenvolvimento insere-se na perspectiva positiva do resgate e implementação dos ensinamentos tradicionais, num ambiente livre e criativo através da fusão do antigo com o novo, tendo em consideração o pensamento de João Leal: *“Um popular vivido não já como complacência melancólica para com as tradições, mas como um projeto criativo em que os recursos tradicionais se misturam deliberadamente com novos formatos;”* (Leal, 2009, p. 475).

3.2.1 Práticas culturais e espaços de vivência

I A informalidade espacial

As manifestações culturais cabo-verdianas são difundidas em espaços bastante informais, na sequência duma relação íntima da comunidade com o espaço de rua, largos ou mesmo varandas das casas, no contexto das suas práticas. A Cidade Velha constitui um exemplo dessa informalidade, onde nota-se uma expansão do meio privado para o público, frequente pela própria disposição e morfologia das casas, com varandas de frente rua e até pátios partilhados entre habitações. A condição informal de certa maneira dá a entender que a comunidade não só pratica como também vive essas relações culturais naturalmente no seu dia a dia como lazer ou mesmo forma de viver. Na perspectiva de contextualizar as situações urbanas culturais faz-se um breve apontamento histórica das práticas de interesse para o desenvolvimento do projeto.

Dança e Música (Batuco)

Resgatando a ideia introdutória, apoiada nas relações do homem, no nicho das suas emoções e desabafo na arte, inicia-se uma breve apreciação do Batuco. A análise da prática se limita ao contexto da ilha de Santiago, onde nasce e permanece, dando principal atenção à resistência da mesma na comunidade da Cidade Velha.

Como referido, o Batuco se apresenta como manifesto das relações humanas ou “não humanas”, vivenciadas na época colonial e desta feita, relata assuntos sociais através da palavra cantada, naturalmente punidos nesse contexto, vindo a ser proibidos no século XIX.

De forma sintética, Delta Cultura define a prática da seguinte maneira: *“Batuco é um estilo de música tradicional da ilha de Santiago, que é maioritariamente apresentado por mulheres e que combina percussão, canto e dança.”*¹³. Envolve três elementos rítmicos, que se unem no compasso do tema social a manifestar pela voz do grupo, que *“canta sobre os acontecimentos do cotidiano e experiências, mas também sobre a política e a cultura de uma forma, muitas vezes engraçada, mas também crítica.”*¹⁴. Essa voz é conhecida pela corista e é acompanhada por uma roda de mulheres que tocam sobre peças de tecido ou plástico, ritmando a dança perfeitamente coordenada com a intensidade do som.

¹³ <https://www.deltacultura.org/pt-pt/quem-somos/informacao-cabo-verde/>

¹⁴ <https://www.deltacultura.org/pt-pt/quem-somos/informacao-cabo-verde/>



Figura 32_ Prática do Batuko em roda

"Batuko e nos aima" faz parte do poema intitulado Batuko, do autor Dambará e traduzido significa: O batuco, a nossa alma. Isso transcende a ideia superficial e entra no campo espiritual, que usa o corpo e o som como ferramenta para exprimir a essência de um povo. O batuco testemunhou dificuldades em permanecer e sobreviveu enquadrada no apelo à libertação, marcada pela independência de Cabo Verde em 1975. *"O batuco só ganhou o direito de subir a um palco de teatro com a subida ao palco da História do povo que o criou."*

Nesta prática, também se destaca a utilização do "pano di terra" à volta da coxa, utilizado antigamente como produto de troca, servindo hoje como elemento simbólico da comunidade cabo-verdiana, usado frequentemente pelas mulheres maduras no dia-a-dia. Este pano também é conhecido como *"pano di bicho"*, cujo o nome tem origem *"na combinação de padrões geométricos brancos, azuis e pretos inspirados em peles de animais como o leopardo e cabras."*¹⁵.

¹⁵ Bentley Duncan, The Portuguese Atlantic Islands (tradução de Rendall Leite) <https://objectoescrita.portfoliobox.net/iiiartesanato>



Figure Figura 33_ Pano de terra como acessório



Figure Figura 34_ Tecelegem de panos

Artesanato (Olaria e Cestaria)

A olaria no contexto cabo-verdiano é uma atividade que de certa forma complementa a cestaria, visto que o processo de uso desses objetos é sequencial, principalmente quando se trata da utilização no meio doméstico. São denominadas de oficinas cruzadas, incluindo a panaria, pelo saber tradicional complementar que constitui o rendimento de algumas mulheres e homens cabo-verdianos. No entanto, verifica-se que *“estas atividades entraram em decadência em meados do século XX, constituindo-se como um fator de desvalorização e*

*empobrecimento desta população (...)*¹⁶. Esta situação está a ser revertida atualmente com projetos que combinam aspetos culturais e sociais, associados a padrões de sustentabilidade mais equilibrados, destacando-se na ilha de Santiago os centros de produção tradicionais das localidades de Trás dos Montes e Fonte Lima.

A figura feminina com o cesto no cimo da cabeça durante o seu dia de labuta é uma tradição que se vê presente nas ruas, em especial nas vendas ambulantes na Cidade Velha. Trata-se de um objeto utilitário e antigo, feito com os recursos vegetais locais, como as taras de coqueiro ou fibras de caniço. O material é preparado através do corte em tiras, devidamente limpo e *trançado através de técnicas que conferem grande resistência aos cestos, dentre os quais se destacam o entrelaçado diagonal e em espinha de peixe*.¹⁷.

Durante a história, maioritariamente nas zonas rurais, a principal função do cesto era peneirar o milho cochido¹⁸, separando-o do farelo e por isso é conhecido como “balai di tenti”. “Balai” que significa balaio e “tenti” que significa peneirar. Além disso, o cesto servia e ainda serve para transportar cargas, guardar loiças, roupas e comidas. As senhoras normalmente embrulham o seu conteúdo num pano e transportam-no sobre a cabeça, depois de um dia de colheita, vendas ambulantes ou usam-no estritamente no ambiente doméstico. A versatilidade deste objeto justifica a sua resistência aos tempos, muito embora tem sido trocado por objetos mais acessíveis e insustentáveis.

¹⁶ <http://www.oficinasdoconvento.com/?p=7481>

¹⁷ <https://objectoescrita.portfoliobox.net/iiiartesanato>

¹⁸ Cochido, do verbo cochir- malhar ou descascar. Em Cabo Verde usa-se o pilão para moer o milho, como ilustra a figura x



Figura 35_A trouxa dentro do cesto sobre a cabeça (à esquerda)



Figura 36_Processo de pilar e cochir o milho (à direita)

Este saber fazer também permitia a confecção de esteiras, tirando partido de materiais e técnicas similares. A esteira é uma espécie de tapete feito com nervuras secas de folhas de bananeira ou coqueiro unidas com cordas de carrapato¹⁹. Frequentemente usado para descanso ou base para atividades domésticas no chão. No contexto arquitetónico, é utilizado como separador de ambientes e suporte do colmo das coberturas das casas.



Figura 37_Estrutura de cobertura reforçada com a tecelagem local

¹⁹ <https://objectoescrita.portfoliobox.net/iiiartesanato>

Na atividade oleira, ainda se usam técnicas ancestrais de origem africana e é fortemente dominada pelas mulheres. *“Define-se como atividade doméstica sazonal, numa economia informal. Realiza-se na época seca e é um modo de subsistência alternativa ou complementar à atividade agrícola.”*²⁰. No contexto rural, após a colheita transporta-se e peneira-se o milho no “balai di tenti” e usa-se a farinha no preparo do cuscuz (prato típico do país) num objeto conhecido por “binde”. É uma *“espécie de tigela de barro com orifícios circulares no fundo.”*²¹, permitindo que através do vapor a farinha borrifada com água e temperada com açúcar, coza. O cuscuz, assim como cachupa estão presentes na base da subsistência de várias famílias caboverdianas



Figura 38_Binde de cuscuz

O barro constitui matéria-prima para peças de utilidade doméstica e igualmente para a construção civil. A produção cerâmica na construção civil em Cabo Verde teve início na ilha de Boa Vista, com a produção de telhas e tijolos. A fábrica fundada por Aureliano Ribeiro, trabalhou por 19 anos na produção e exportação para a África Ocidental, além de empregar operários da ilha de Boa Vista e outras ilhas. Em 1928, embora com a qualidade de produtos e demanda, a fábrica fecha as portas. Restam as chaminés na praia das chaves.

²⁰ Convento, O. d., 2009. Guia interpretativo do lugar. *Centro de Artes e Ofícios Trás di Munti*.

²¹ <https://objectoescrita.portfoliobox.net/iiiartesanato>



Figura 39_ Ruínas da antiga fábrica de tijolos na Boa Vista

3.2.2 Presença externa e o espaço resultante

Enquadramento

Nas últimas décadas, o turismo desenvolveu-se e mudou completamente as suas características, tornando-se essencialmente um fenómeno de massas. Neste sentido, a questão da pressão do espaço torna-se indissociável a essa realidade, principalmente em territórios de pequena escala, como é Cabo Verde. *“Para além da sua condição arquipelágica, Cabo Verde não foge às regras impostas pelo mar, pelo clima e por outros elementos naturais que influenciaram dinâmicas económicas, sociais e culturais, moldando um modo de vida que espelha a escassez de recursos que as populações sempre enfrentaram.”* (Lúcio Cunha, 2022, p. 510).

A escala essencial para os seus, torna-se cada vez mais consumida pela presença turística, numa expectativa baseada nos aspetos culturais, históricos e de certa forma exóticos, promovidos pelo marketing urbano. A dissonância económica, social e cultural entre as partes está implícita no conflito gerador de marginalização e descaracterização local. No entanto, considera-se que *“a mistura de pessoas com várias proveniências e culturas originou um quadro humano que compensou a precariedade da natureza e criou uma sociedade*

crioula em que impera amenidade e morabeza, traços matriciais da identidade cabo-verdiana.” (Lúcio Cunha, 2022, p. 511).

Tendo em consideração que a economia cabo-verdiana depende em grande parte de acordos internacionais e receitas geradas pelo turismo, entende-se que a atividade é a estratégia de investimento mais proeminente das ilhas, considerando o clima, as praias e atualmente, o título de património como principais atrativos turísticos.

Ocupação temporária

As visitas turísticas têm aumentado progressivamente e os espaços adaptam-se constantemente para acolher a nova presença. Tendo em vista a escala e a situação socioeconómica de Cabo Verde, nota-se um desenvolvimento centrado em investimentos hoteleiros de responsabilidades, muitas vezes, estrangeiras. Por um lado, revigora a tendência “colonizadora” por parte dos investidores, pela apropriação da terra e por outro lado, “escravocrata” pela mão de obra disfarçada de oportunidade de emprego para a comunidade local. À vista disso, considera-se relevante perceber o peso não só financeiro, mas também social e ambiental deste fenómeno, considerando os impactos relativos à presença externa e ao espaço que resulta desta ocupação temporária.

Consoante o quadro x, nota-se que a evolução no setor turístico (de 1999 a 2006), aproxima-se do dobro de estabelecimentos hoteleiros e quartos em 7 anos, com o aumento consequente, de três vezes mais empregos. Por sua vez, triplicou igualmente o número de hóspedes e dormidas. A ilha de Santiago é a terceira mais visitada, depois das ilhas de Boavista e Sal dominantes no turismo balnear.

Ilhas	Estabelecimentos		Quartos		Capacidade de Alojamento		Pessoal Serviço		Hóspedes		Dormidas totais	
	1999	2006	1999	2006	1999	2006	1999	2006	2001	2006	2001	2006
Santo Antão	6	19	54	215	107	426	26	110	3.903	8.799	13.559	20.498
Boavista	6	5	155	614	264	878	110	459	10.168	20.968	70.031	171.866
Brava	3	5	28	37	50	104	12	15	89	158	5.704	409
Fogo	7	10	55	127	120	5.854	62	64	4.014	4.038	11.791	7.510
Maio	2	3	26	68	54	1.479	16	21	728	602	7.145	2.158
Sal	14	34	761	2.673	1.715	136	664	1.774	93.496	167.222	542.497	945.421
Santiago	22	31	429	622	890	1.252	416	507	28.196	55.648	88.570	139.501
São Nicolau	8	6	55	57	97	253	27	18	1.323	1.573	5.939	4.817
São Vicente	11	20	262	423	577	68	228	322	20.178	21.574	60.688	75.838
Cabo Verde	79	133	1.825	4.836	3.874	10.450	1.561	3.290	162.095	280.582	805.924	1.368.018

Tabela 1_Evolução do setor turístico (1999-2006)

A solução governamental estratégica para o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde incide nos seguintes princípios:

- Um turismo sustentável e de alto valor acrescentado, com o envolvimento das comunidades locais no processo produtivo e nos seus benefícios;
- Um turismo que maximize os efeitos multiplicadores, em termos de geração de rendimento, emprego e inclusão social;
- Um turismo que aumente o nível de competitividade de Cabo Verde, através da aposta na qualidade dos serviços prestados;
- Um turismo que promova Cabo Verde no mercado internacional como destino diversificado e de qualidade.

Novos projetos e apropriação de habitações tradicionais

Na sequência duma noção geral dos impactos do turismo na forma de ocupação do espaço, percebe-se que para além da crescente a nível de hotéis, pensões e outros espaços de ocupação temporária, existe também uma sofisticação dos mesmos em detrimento do luxo e conforto para os seus hóspedes, irrealista em relação às características físicas e humanas locais.

É exemplo disso, o megaprojeto “Ocean Cliffs Resort” o mais novo empreendimento hoteleiro para a Cidade Velha, que para além do luxo para visitantes, promete oferecer empregabilidade para a comunidade local.

“A zona da Cidade Velha de Cabo Verde, classificada como Património Mundial, vai receber um investimento superior a 228 milhões de euros para instalação de um resort de cinco estrelas com 719 quartos e mais de mil empregos.”²².

Promovido pela New Vision Investment (NVI), este complexo já foi aprovado pelo Conselho de Ministros e dá acesso a benefícios fiscais e aduaneiros, além de apoios adicionais aos promotores. Segundo a NVI, o projeto é dividido numa primeira fase de infraestruturação que decorrerá num período de 12 meses, sob o orçamento de 17,5 milhões de euros e oferta de 200 vagas de emprego. A segunda fase é dedicada à urbanização, orçada em 210,7 milhões de euros, constituída pelas unidades de hotéis, hotéis-resort, vilas, apartamentos, centro desportivo, centro clínico, centro de negócios, centro de congressos e aquaparque. Estima-se 160 postos de trabalho durante a obra e conclusão em 4 anos. *“O Governo de Cabo Verde considera o projeto New Vision Investments — NVI, SA de grande valia, e, por isso, o declara de interesse excecional no quadro da sua estratégia de desenvolvimento socioeconómico do país, tendo em conta o impacto que representará em termos de investimento, do emprego, da formação profissional, da riqueza que gerará e do aumento quantitativo e qualitativo da capacidade de alojamento nacional”*²³. Além de projetos hoteleiros de luxo, investe-se cada vez mais na ocupação temporária das habitações tradicionais da cidade, em especial na Rua da Banana.

²² <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2021-07-28-cidade-velha-de-cabo-verde-recebe-mega-investimento-hoteleiro-de-228-meuro/>

²³ <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo>



Figura 40_Publicação da habitação “laranjinha” no Hotel.com

4.

A EVOLUÇÃO URBANA

4.1 Implantação e estrutura urbana

I A localização e a forma do núcleo

Os fatores primordiais de implantação dos núcleos urbanos nas ilhas do Atlântico no contexto dos séculos XV e XVI eram essencialmente, *“a presença de uma baía abrigada que permitisse a construção de um ancoradouro, pontos altos nessa baía que pudessem garantir uma defesa mais eficaz do porto e da cidade e, finalmente, o elemento água que está associado à sobrevivência da espécie.”* (Pires, 2007, p. 85). Tanto em Cabo Verde, como na Madeira e Açores implanta-se o núcleo urbano em detrimento dessas características territoriais. A formação e evolução das cidades nesses contextos foi influída pelas boas condições de abrigo e acostagem que as baías e enseadas dispunham, nas quais se instalavam os ancoradouros de apoio à atividade portuária. Na Ribeira Grande, a condição natural da enseada teve um papel decisivo na escolha do núcleo, no qual se fixa a estrutura portuária, além das primeiras construções e o largo do pelourinho, nas proximidades. (Pires, 2007).

Uma vez fixado, a questão defensiva do território afirma-se pela *“localização das primeiras infraestruturas nos sítios altos, permitindo uma defesa eficaz tanto do porto quanto do núcleo.”* Num primeiro momento, *“nos dois extremos da baía encontravam-se os baluartes de S. Veríssimo e de S. Brás, localizados a uma cota entre dez e vinte metros respetivamente e visão completa do porto e da cidade.”* (Pires, 2007, p. 88). As características do relevo estão na origem da estruturação do sistema defensivo e igualmente, na formação do vale da ribeira. A presença dos cursos de água é o principal fator de expansão do núcleo para o interior da ilha, pela determinação do caminho dos novos aglomerados urbanos. A água e vegetação abundantes da ribeira tiveram influência na escolha, embora o local se encontrasse *“numa zona caracterizada por condições climáticas de aridez e semiaridez, o que proporciona uma paisagem agreste, desprovida de vegetação e batida pelos ventos provocando secas temporárias e dificultando a vida dos*

seus habitantes.” (Pires, 2007, p. 88). Entretanto, ultrapassou-se as condições climáticas desfavoráveis e reconheceu-se como um lugar de assentamento humano.

De forma geral, a condição de relevo tem influência direta na forma do núcleo urbano e verifica-se, ao longo da história, a distinção das zonas de vale e rios como lugar de assentamento. No caso da Ribeira Grande, a topografia é caracterizada por uma zona de relevo acentuado e escarpado e outra, de vale profundo e verdejante. Segundo Fernando Pires (2007,p. 34) *“se, por um lado, as montanhas escarpadas protegiam dos ventos e criavam condições propícias para a instalação do povoado, por outro lado, condicionavam a sua forma e estrutura de crescimento.”* Acrescenta ainda, que é recorrente nas ilhas a instalação de núcleos urbanos em vales, com uma variedade de formas resultantes de processos de adaptação ao relevo local.

A topografia da cidade em estudo divide-se numa zona de vale (5 a 10 metros do nível do mar), com os primeiros assentamentos, a zona intermedia (entre 10 a 20 metros), com a implantação dos aglomerados urbanos posteriores e a zona alta (20 a 120 metros), com plataformas áridas e desprovidas de construção. Tendo em conta a adaptação do núcleo em relação ao relevo, identifica-se que a *“área de implantação possível se estendia até a distância de 450 metros no sentido noroeste/sudeste enquanto que no sentido nordeste/sudoeste não chegava a ultrapassar os 150 metros de largura.” (Pires, 2007, p. 93).*

Numa fase evoluída da cidade as zonas anteriormente mencionadas ganham níveis de subdivisão, principalmente entre a zona intermédia e alta. Com base na análise de Fernando Pires, considera-se que entre os 20 e 40 metros se situa o corpo principal da zona alta, entre os 40 e 90 metros existe uma zona escarpada muito acentuada e de construção nula e, finalmente, entre os 90 e 100 metros assenta o Forte de São Filipe. Na zona alta, percebe-se que não existe transição suave entre plataformas, mas sim soluções de continuidade, representadas

pelas acentuadas escarpas. Em contraponto, na zona baixa a ligação entre as plataformas é pouco acentuada e quase impercetível. As duas zonas conectam-se através duma grande via rampeada que atravessa e divide a zona alta da baixa.



Figura 41_Mapa com indicação do núcleo e zonas da cidade

Os eixos do tecido e as áreas urbanas resultantes

Os eixos principais de formação da cidade estão mediados pelas zonas descritas e caracterizadas no ponto acima e determinam as áreas urbanas resultantes do processo de expansão em função das limitações físicas do território.

Na zona baixa: eixo vertical (sudoeste/nordeste) e horizontal (eixo noroeste/sudeste) - O primeiro divide a cidade em duas margens, parte do porto em direção ao vale e concorre com o eixo da rua da Direita do Bairro de São Brás. Este bairro se situa à esquerda do eixo e consiste numa área essencialmente habitacional, enquanto que à direita se encontra a área portuária e administrativa da cidade. O eixo horizontal concorre com a linha de costa e atravessa o largo do pelourinho em direção ao Forte de São Lourenço. O tecido mais orgânico desta zona

deriva das características geográficas como a costa e o vale, que o estruturam e limitam. Na área de inundação do vale não existe nenhuma construção, com a exceção do largo de Pelourinho implantado na zona costeira e considerado o ponto central da cidade. Em relação aos acessos á cidade, as limitações físicas estão associadas á condição de escarpas em torno de todo o núcleo urbano, cujas únicas saídas se conseguem pelos lados noroeste e sudeste da urbe.

Na zona alta: eixo vertical (sudoeste/nordeste) - O elo de ligação entre os dois promontórios de destaque desta zona (da Sé Catedral e do Forte de São Filipe). Entre ambos existe uma zona habitacional mais recente, que remonta a meados do século XVI, caracterizada pelo tecido urbano mais regular. Fernando Pires (2007, p.95) considera que nesta zona *“as barreiras física são de outra ordem. Encontra-se situada numa achada elevada, limitada a sudoeste pela própria escarpa que se projeta no mar, enquanto que a nordeste é barrada pela escarpa da achada seguinte onde se encontra implantado o Forte de São Filipe.”*

Acredita-se que a cidade teve tendência em expandir, num primeiro momento, para a margem direita da cidade na imediação das ruas do Porto, Calhau e Misericórdia, segundo os eixos norte/nordeste, em simultâneo com a expansão do núcleo para norte, na margem esquerda. No entanto, no início do século XVI emergem novos e mais definitivos eixos de expansão direcionados pelas ruas Direita de S. Pedro e Da cidade, seguindo os eixos da ribeira e núcleo/noroeste, respetivamente. Em meados do século XVI a cidade sofre novos processos de expansão, decorrentes da construção da Sé e do Palácio Episcopal, onde se implanta uma nova área urbana, o bairro de São Sebastião. (Pires, 2007).

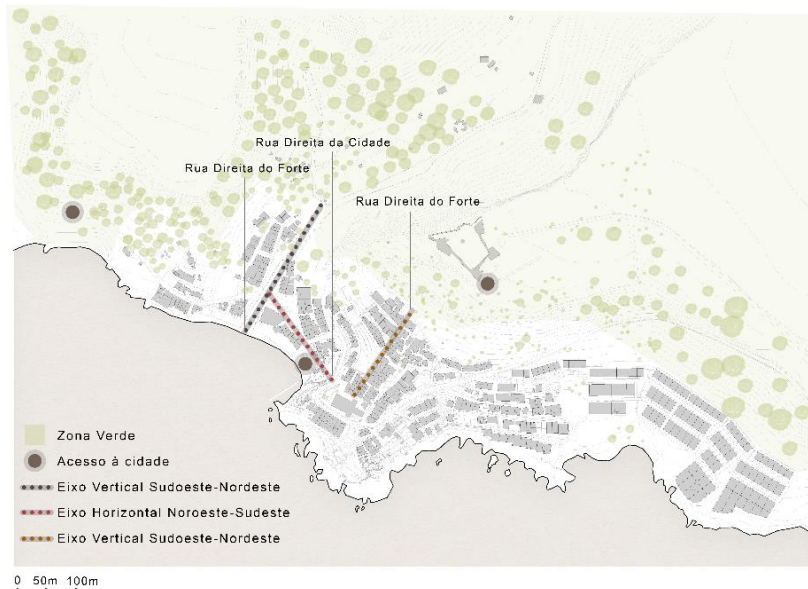


Figura 42_Mapa dos eixos estruturantes do tecido

Desta feita, a cidade veio a dividir-se segundo os eixos principais, em quatro áreas urbanas. Os bairros de S. Brás, S. Pedro, S. Sebastião e o largo central do Pelourinho. Este último, datado de 1462, está na origem do espaço urbano, com o carácter portuário, administrativo, comercial e habitacional, evidenciado pela construção de apoio ao porto, habitações de dois pisos dedicados ao comércio e residência dos comerciantes. O bairro de S. Pedro consiste na primeira zona de expansão habitacional do século XV, marcada pela construção da Capela N. Sr.^a do Rosário. O bairro de S. Brás formou-se em finais do século XVI e inícios do século seguinte, com a chegada e instalação dos jesuítas e urbanização da parte norte do eixo estruturante que concorre com a rua da Direita e atravessa o bairro.

4.2 A composição urbana

A malha urbana e a rede viária

Pelo estudo e análise das zonas alta e baixa, nota-se a dissonância da malha que está na base da composição dos quarteirões pertencentes a cada área urbana. Muito embora haja claramente uma diferença, possivelmente determinada pelas condições iniciais de adaptação e posteriormente de evolução da malha urbana nas respectivas zonas, persiste uma tendência de regularidade. Em S. Sebastião existe uma malha evidentemente regular, estruturada pelos paralelismos e perpendicularidades de fácil leitura no espaço urbano, enquanto que nas demais áreas nota-se uma aproximação á regularidade ou irregularidade, em alguns poucos casos. Portanto, considera-se por Pires Fernandes (2007), a existência de três tipos de malhas: os quarteirões regulares de S. Sebastião, alguns quarteirões irregulares de S. Pedro, e finalmente os quarteirões que se definiram como “*tendencialmente regulares*”.

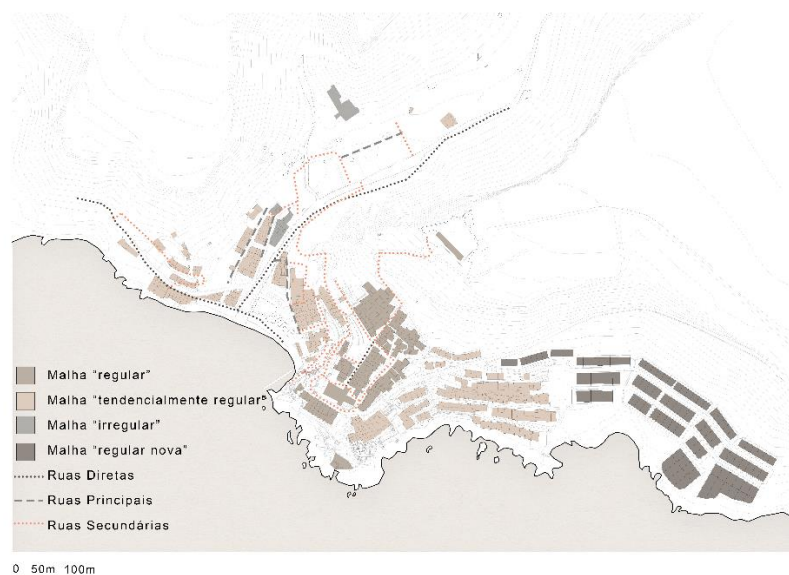


Figura 43_Map dos tipos de malha urbana da cidade

A condição regular e irregular da malha se confirma nas condições de continuidade e descontinuidade da estrutura viária da cidade. Identifica-se uma composição hierárquica das ruas decorrente da nomenclatura das mesmas, como rua da Direita ou simplesmente rua ou beco. Na zona baixa exemplifica-se o caso das ruas Direita de S. Pedro e da Cidade, com dimensões que variam entre os 13,5 e 7m e as respectivas ruas ramificadas com dimensões de 2,2 a 3,5m. Na zona alta também é visível uma situação similar, determinada pela rua da Direita do Forte e respectivas ramificações, presentes na composição da malha ortogonal e reticulada do Bairro de S. Sebastião. (Pires, 2007).

Na composição da malha urbana está evidente a descontinuidade viária, resultante das limitações físicas do território e destacada na ligação das áreas urbanas. Verifica-se, na zona baixa a questão de impasse ou beco sem saída nas fronteiras dos quarteirões. Além disso, a articulação do bairro de S. Sebastião ao largo do Pelourinho estabelece outro impasse na estrutura viária, resolvida por uma rampa ingreme que une os dois pontos. Da mesma forma, na *“ligação entre o bairro de S. Pedro e o Convento de S. Francisco em que não foi possível dar continuidade à rede e, nesse caso, o impasse é resolvido através de escadarias.”* (Pires, 2007, p. 126).

I Loteamento e ocupação do solo

Segundo o manual urbanístico da Cidade Velha, a malha urbana foi adaptada ao contexto pós destruição no séc. XVIII, definindo uma lógica baseada na malha pré-existente e tendo em conta o fator da topografia como condicionante do loteamento.

No âmbito da reconstrução setecentista, a implementação dos lotes acontece perpendicularmente à rua e com uma base de 6,6 x 19,8 m que pode duplicar, conforme as necessidades. (Pires, 2007). Este modelo padronizado de loteamento é refletido em

grande parte dos quarteirões e é reproduzida até nas construções isoladas pela cidade. O traçado urbano sofre alterações com a topografia e dá lugar a lotes cuja largura varia para 9,9m ou 13,20m nos casos de habitações de famílias mais abastadas, que possuíam um lote e meio ou duplo lote, principalmente nas ruas da Banana e Carreira, no bairro de São Pedro. Esta variação acontece na frente e na profundidade do lote, pela adição ou subtração de múltiplos e submúltiplos de 13,5m. Com isso, verifica-se nos lotes de edifícios públicos e situações de gaveto, frentes de 20,5m. Noutros casos, identifica-se situações de subtração para 13,5m ou adição para 27,5m de profundidade. Estas variações se aplicam á construção mais recente, ao passo que na zona do Pelourinho mais remota, verifica-se falta de métrica e padrão do loteamento. Nesta perspetiva, pode-se compreender que existe uma matriz na base do loteamento da cidade, mas existem situações pontuais que definem uma solução diferente ou adaptada. Pires entende que, apesar do lote ser a matriz de distribuição interna dos quarteirões, é a frente a medida que efetivamente conta para a ideia de distribuição regular da cidade, pois é o elemento visível nas ruas.

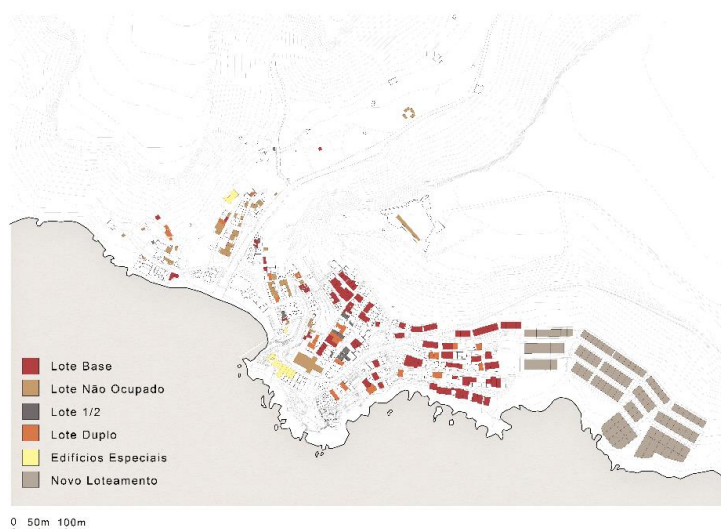


Figura 44_Mapa dos tipos de lote da cidade

Quanto á ocupação do lote, é notório á primeira vista, que a área não construída é superior á área construída e existe uma certa informalidade do espaço público. Decorrente da análise percentual do espaço construído e não construído, Pires Fernandes (2007, p.159) esclarece que *“embora o espaço urbano da Ribeira Grande acarreta todas as funções que a caracterizam como cidade ou capital, ela não deixa de ser, pelo menos no que os números dizem, um aglomerado com fortes características rurais.”*

A área construída, no caso das habitações é 1/3 do lote e o restante é área não construída de carácter privado. O espaço público constitui-se pelos largos, ruas e espaços informais e pouco caracterizados da cidade. O largo de Pelourinho é o único espaço público qualificado, circunscrito pelas instalações da Camara Municipal, comércio local e estacionamento público.

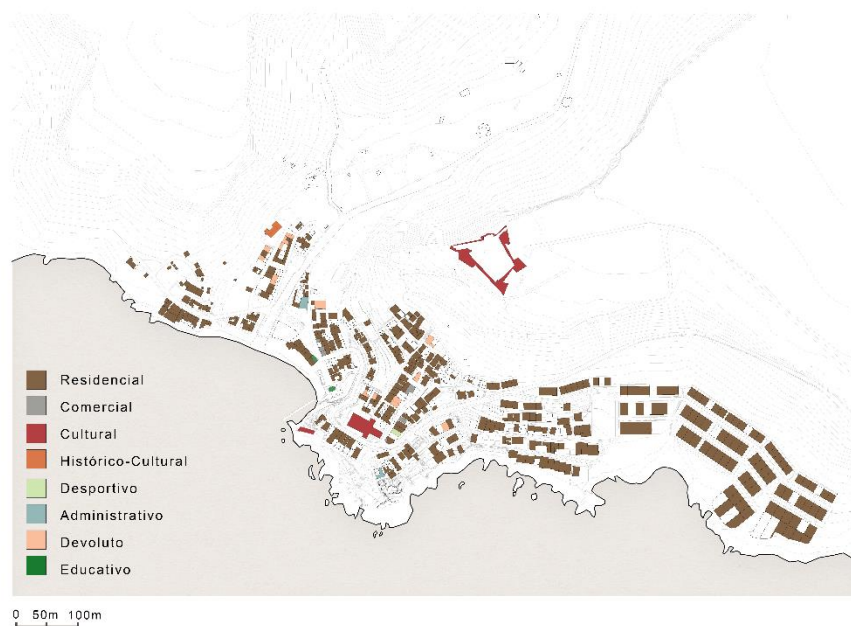


Figura 45_Map de ocupação do solo

4.1 Normas interventivas do sítio histórico

Área protegida e qualificada

A área considerada Património Mundial abrange a fortaleza de São Filipe, os bairros de São Pedro, São Brás, São Sebastião e Santo António e a área agrícola constituída pela Ribeira Grande, Ribeira do Convento e Ribeira de Santa Marta.

Com base no manual intitulado *Cidade Velha Guia de Normas Urbanísticas*, elaborada pela colaboração entre a CRAterre e o Instituto do Património Cultural de Cabo Verde, com apoio da UNESCO no quadro da Convenção para a Proteção do Património Mundial Cultural e Natural apresenta-se, a seguir, aspetos gerais dos princípios interventivos no preexistentes e nas construções novas neste contexto.

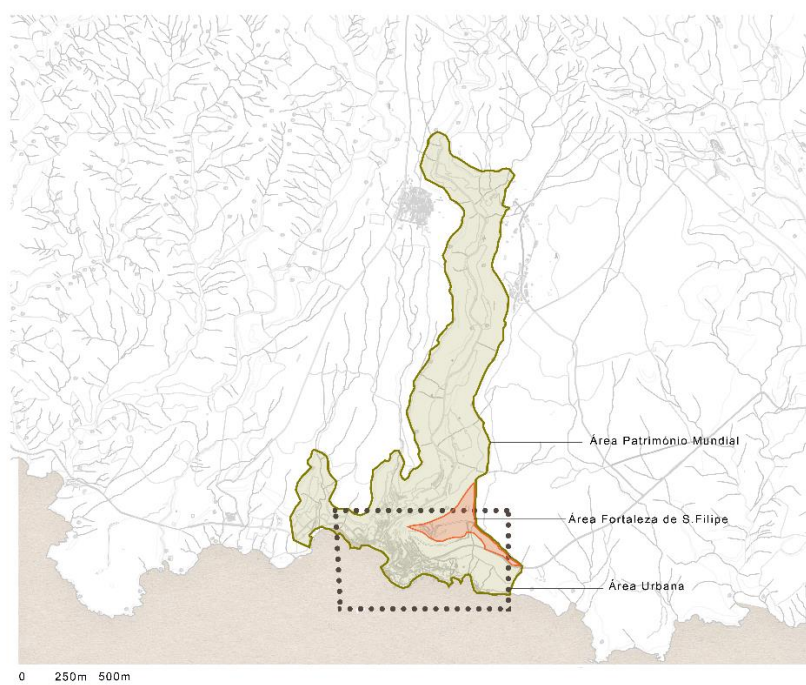


Figura 46_Mapa ilustrativo da área considerada Património Mundial

Intervir no preexistente

As obras de conservação estão associadas á manutenção do edificado no sentido de prevenção de patologias e neste caso, exige-se que as paredes e caixilharias sejam pintadas ou caiadas regularmente, passagens de água sejam desobstruídas e sejam substituídas telhas degradadas. No âmbito do restauro, incide-se na reparação de patologias construtivas e restituição da integridade do edifício e este tipo de intervenção requer utilização de técnicas e materiais construtivos originais do edifício ou outra solução mediante aprovação da Câmara. As obras de reabilitação incluem a alteração de anomalias construtivas e possíveis dissonâncias, tanto no espaço privado quanto no público e essas alterações devem respeitar a imagem do sítio histórico, pela adoção de soluções para o melhoramento do conforto térmico e adequação do edifício a novos usos. **(Pato, 2018)**. Segundo o manual urbanístico do sítio, qualquer tipo de obra só pode ser realizada após aprovação pela Câmara Municipal e muitas vezes não é o que acontece. As obras de ampliação são frequentes neste contexto, pelo facto do aglomerado familiar ser abastado, onde a autonomia construtiva resulta de condições financeiras limitadas. Mais do que a autoconstrução, existe uma lógica evolutiva e plurifamiliar que requer certa flexibilidade, onde pátios são apropriados, pisos são duplicados para abrigar novos membros. A ampliação não é permitida sobre o edificado, sendo possível a extensão dentro dos limites do lote. Portanto, o edifício deve estar inteiramente alinhado com as cercas pré-existentes. A dissonância dos edifícios tornam possíveis obras de demolição, obrigatoriamente fundamentadas e comprovadas pela CMRGS e pelo IPC. A instabilidade construtiva e impossibilidade técnica de reabilitação de edifícios em ruínas pode levar também á demolição. O mesmo acontece em construções dissonantes e sem valor patrimonial, como é exemplo dos anexos. **(Pato, 2018)**.

Novas construções

As novas habitações deverão inspirar-se nas tipologias vernaculares promovendo, sempre que possível, a existência de espaços exteriores no lote: varandas na frente das casas, pátios ou quintal, no interior do lote. Estes espaços exteriores, bem como os bancos aí localizados, devem ser construídos na configuração tradicional.

As fachadas deverão harmonizar-se com as construções já existentes respeitando a identidade do Sítio histórico. Deve privilegiar-se a utilização de materiais locais nas fachadas e paredes interiores.

A área dos vãos deve ser reduzida de modo a evitar grandes ganhos solares no interior. A sua disposição nas fachadas deve promover uma boa ventilação. **(Pato, 2018).**

Deve manter-se o ambiente de conjunto com pequenos edifícios evitando grandes superfícies nos planos das coberturas

As construções destinadas a comércio ou serviços devem integrar-se no contexto histórico e, desde que possível, respeitar os princípios descritos neste Guia. São, contudo, admitidas exceções, nomeadamente para uma correta adequação à função a que se destinam, desde que devidamente fundamentadas e ficando sujeitas à aprovação da Câmara Municipal mediante parecer vinculativo do IPC.

Estes equipamentos devem enquadrar-se nos regulamentos existentes, nomeadamente no PDM e ficam sujeitos a avaliação conjunta da Câmara Municipal e IPC, podendo ser pedidos outros elementos justificativos para além dos descritos nas presentes normas. **(Pato, 2018).**

Caso prático – Pousada de São Pedro

“De caminho, a pousada de São Pedro, uma conceção do Arq. Português Siza Vieira, completa, de maneira singela, a recuperação dos traços da arquitetura tradicional cabo-verdiana, a contrariar os modismos e a modernidade das construções, que vem polvilhando grande parte da área rural da ilha de Santiago e não só.” (Pereira, 1988, p.24). Reforçando a ideia de Daniel Pereira, entende-se a importância das intervenções adaptadas ao contexto e o aproveitamento das disponibilidades técnica e material locais. O projeto foi concebido no plano de conservação da cidade, enquanto sítio histórico a valorizar e preservar. O arquiteto considera essas duas premissas na intervenção de recuperação de antigas casas do bairro de São Pedro, localizadas no centro da cidade, nas imediações do vale da ribeira.



Figura 47_Pousada de São Pedro

O projeto respeita as novas normas urbanísticas implementadas na sequência da preservação do sítio histórico e constitui um exemplo para obras futuras que se desenvolvam nesse contexto. Considera-se a utilização de materiais locais, como pedra, telha cerâmica e madeira, mimetizando a cultura construtiva original.

Numa época complicada na decisão do rumo da cidade, a obra foi alvo de vandalização em 2016, assim como vários edifícios monumentais pela cidade, como pronúnciação de manifesto pela comunidade. *“Na altura, a agência Lusa constatou a falta de segurança da pousada e sinais de degradação, como portas caídas e paredes sujas, vidros partidos e lixo por toda a parte.”*²⁴. Esta questão resulta na cedência da gestão do edifício pelo instituto de património cultural para a camara Municipal da Ribeira Grande de Santiago. Posto isto, é apresentado um projeto baseado no manual ilustrado urbanístico da Cidade Velha, com o intuito de envolver a comunidade no desenvolvimento da cidade, por meio de formação e sensibilização da comunidade na procura dum equilíbrio no domínio da arquitetura da cidade.

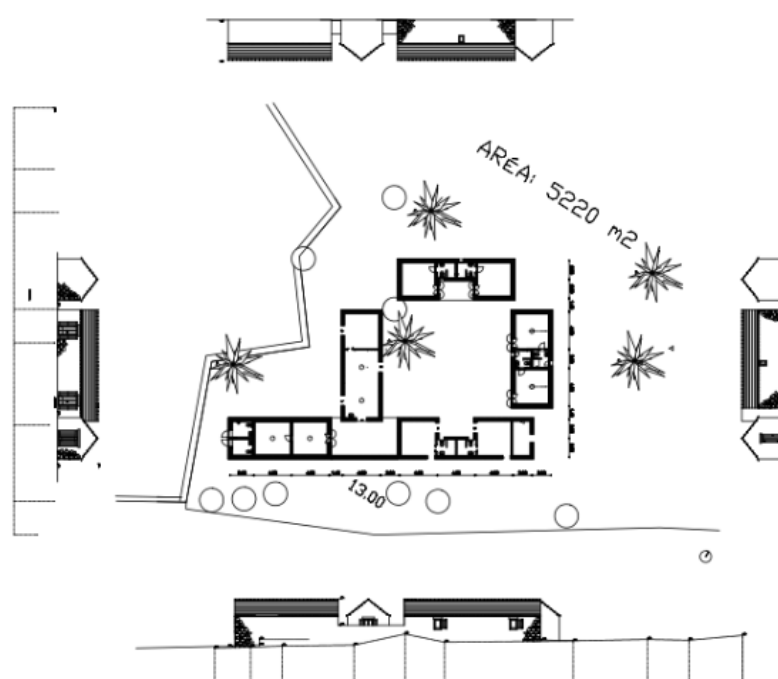


Figura 48_Planta e alçados da reabilitação da Pousada de São Pedro

²⁴ <https://www.dn.pt/lusa/pousada-desenhada-por-siza-vieira-na-cidade-velha-de-cabo-verde-passou-para-gestao-municipal-9689510.html>

5.

PROJETO

Enquadramento

Decorrente da análise urbana anterior, apresenta-se no presente capítulo os casos de referência e a proposta de intervenção adotada para responder às questões teóricas discutidas ao longo do trabalho.

Em síntese, é feita uma abordagem das estratégias gerais da proposta no âmbito urbano e arquitetónico, procurando sucessivamente expor as intenções projetuais para cada uma das escalas de intervenção.

A primeira, focada nas relações físicas entre os elementos que referenciam a cidade, voltando ao ponto 3.1.2, onde é descrita a arquitetura alóctone do local.

A segunda, empenhada no reforço das relações, tanto fisicamente como visualmente, apoiada na análise da composição da malha urbana e da rede viária vista no ponto 4.2.

A terceira, incidente na intervenção arquitetónica nas áreas consideradas potencializadoras desta relação, através duma aproximação e reinterpretação da arquitetura autóctone vista no ponto 3.1.1.

A operação nas três escalas é desmistificada na estratégia de intervenção e complementada na sequência pela estratégia programática apoiada na reflexão do subcapítulo 3.2, referente ao património vivido e aos espaços de vivência.

5.1 Casos de referência

Reabilitação Urbana no Alto de Bomba (2021) - Arquitetos Nuno Flores e Ângelo Lopes

A reabilitação do bairro da Bomba faz parte da primeira fase do projeto que abrange a melhoria de bairros precários da cidade da Praia, em Cabo Verde. A imersão na zona periurbana e caracterização específica das áreas permitiu a implementação do plano estratégico, tendo em vista as condições sociais e físicas. A nível físico reflete-se o desenho da malha urbana, equipamentos e infraestruturas preexistentes e socialmente, envolve-se a participação dos moradores no processo de idealização e materialização do projeto. As intervenções cirúrgicas nos vazios urbanos consistem na criação de espaços públicos, como praça de jogos, campos de basquetebol, melhoria das vias públicas, além do desenho de mobiliário urbano. Com isso, é potenciada a micro sociabilidade em diversos recantos do bairro, dinamizando as atividades comunitárias.



Figura 49_ Vista aérea das zonas reabilitadas



Figura 50_ Mobiliário urbano concebido para espaço de lazer



Figura 51_Espaço desportivo

Síntese:

Mobilidade: Opta por estratégias de transição entre níveis e alargamento de patamares para áreas de descanso/ convívio.

Integração: Inclui soluções programáticas de carência no bairro, como espaços desportivos e de lazer.

Sociabilidade: Potencia as relações sociais.

Participação: Investe na força de trabalho da comunidade do bairro.

Arquitetura e Paisagem: um passeio pelas ruínas do Castelo Sandsfoot – Arquitetos Levitate

O projeto trata-se da intervenção mínima nas ruínas do Castelo de Sandsfoot do século XVI, na Inglaterra. O estado de degradação das muralhas resulta da erosão marítima, ficando localizado num declive e por isso considerado inseguro para visitação. Esta proposta visa conservar as pedras de granito e permitir o acesso, depois de anos fechado ao público.

A passarela é projetada no primeiro pavimento, suportada pelos apoios verticais enraizados no piso inferior, com toques mínimos na preexistência. As muralhas ásperas são

complementadas com a presença do aço galvanizado no guarda corpo e madeira de carvalho no assoalho e corrimão.



Figura 52_Integração da plataforma nas ruínas do Castelo



Figura 53_54 Enquadramento da paisagem

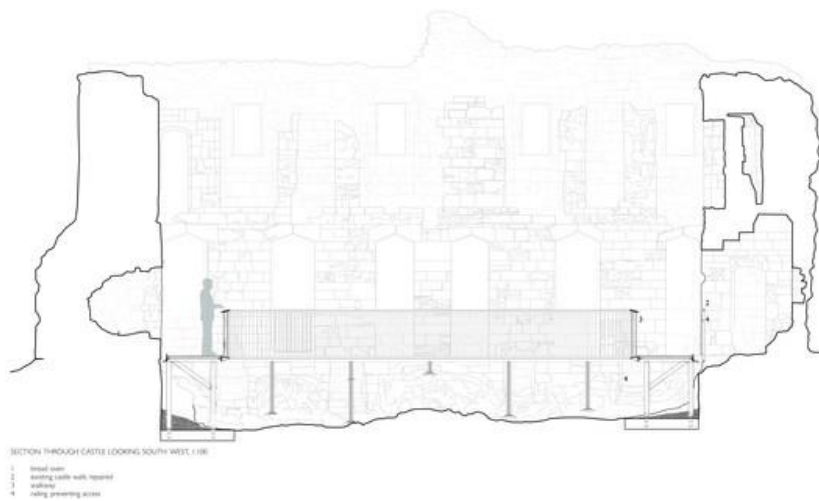


Figura 55_Corte Longitudinal da proposta

Síntese:

Intervenção mínima: Adota soluções pouco intrusivas na estrutura preexistente.

Materialidade: Incorpora materiais leves e adequados ao tipo de intervenção.

Apropriação: Tira partido das ruínas para o enquadramento da paisagem.

Acessibilidade: Permite o acesso público agradável ao local.

Escola Primário do Gando (2010) Burkina Faso – Arquiteto Francis Kéré

Tendo em consideração as condições climáticas locais, o projeto tem como premissa o conforto climático e a sustentabilidade na construção. As soluções construtivas são de baixo custo, tirando partido dos materiais locais e da mão de obra comunitária para a sua materialização. O programa direciona-se para o usufruto da comunidade e compreende um campus educativo, constituído pelo volume retangular da escola primária e pela biblioteca, que é concebida como um espaço complementar ao currículo escolar padronizado com ensinamentos tradicionais entre idosos e crianças e introduz o tema educacional de interesse para o projeto em

desenvolvimento. As paredes são construídas com tijolos de argila, conferindo maior inércia térmica e consequentemente, maior conforto térmico. Foi adotada uma cobertura de chapa metálica saliente para escoar a água das chuvas, evitando a infiltração das paredes. O teto de tijolo empilhado a seco e perfurado protege o interior do espaço do calor da chapa e permite maior ventilação do espaço, com entrada de ar frio pelas janelas e saída do ar quente pelas aberturas.



Figura 56_ Fachada principal da Escola Primária do Gando



Figura 57_ Composição dos elementos da fachada



Figura 58_Atmosfera das salas de aula

Ventilação: Opta por estratégias naturais de ventilação do espaço, através da densidade do ar aliada à sua circulação.

Luz: Adequa a quantidade de iluminação natural necessária para o espaço. Ex: Janelas venezianas

Sustentabilidade: Aplica materiais e técnicas locais, associados ao melhoramento do comportamento térmico. Ex: Argila

Durabilidade: Usa materiais que conferem longevidade construtiva. Ex: Tijolos de argila

Inovação: Adapta utensílios quotidianos ao contexto arquitetónico. Ex: Peças cerâmicas no controle da luz.

Participação: Envolve a comunidade na construção do projeto.

5.2 Estratégia de Intervenção

A proposta de intervenção parte do carácter dual da Cidade Velha, no entendimento das dimensões do património construído autóctone, que marca a relação da arquitetura com a disponibilidade local e alóctone, que afirma as estratégias de ocupação testemunhadas pela arquitetura militar e religiosa da cidade. De forma análoga, reconhece-se a dualidade perante as dinâmicas de ocupação atualizadas com o título de património mundial como intermediário da relação entre a comunidade local

e a presença externa, onde confronta-se a escala local particular com a ocupação temporária dos visitantes.

Dito isto, a essencialidade local persiste como matriz principal da proposta, no sentido de adaptar a intervenção ao contexto físico e sociocultural, com base no modo de apropriação dos espaços pelos moradores, tendo em vista a informalidade como característica intrínseca.

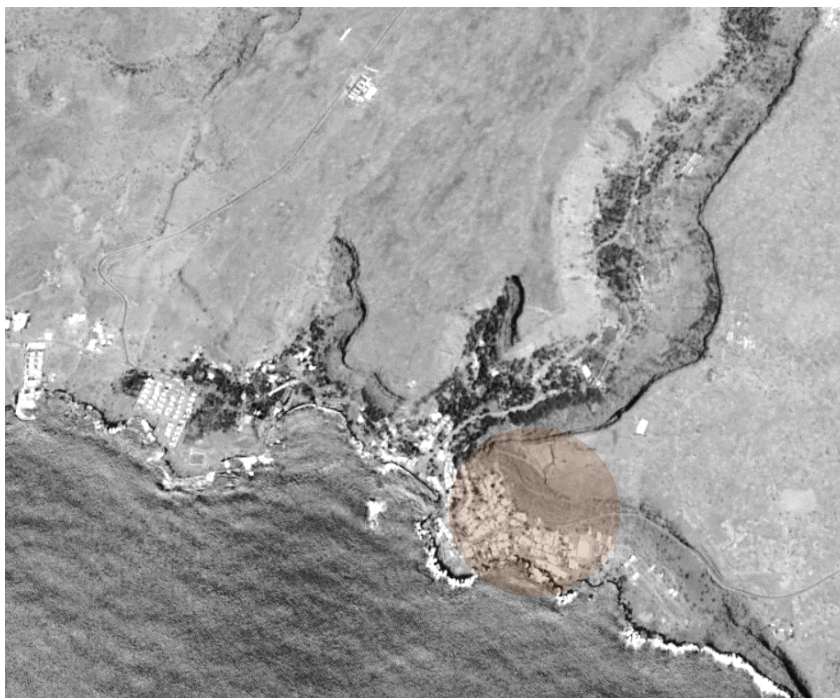


Figura 59_ Identificação do bairro de São Sebastião

A intervenção é composta por uma dimensão urbana, focada na fenomenologia da Rua Direita, tendo em vista a sua importância para a estruturação dos bairros da cidade. É escolhida a Rua Direita do Forte, entendida como a artéria de ligação entre os promontórios da Sé e do Forte de São Filipe, intermediados pela zona habitacional do bairro de São Sebastião. Determinam-se três áreas estratégicas ao longo do percurso, onde é proposta uma intervenção mínima no preexistente, uma intervenção nova de carácter comunitário e cultural e o colmate do acesso viário e pedonal ao Forte através duma plataforma mirante.

A topografia é uma condicionante indissociável da intervenção, na medida em que o objetivo é estabelecer relações

físicas e visuais ao longo da zona de encosta. Desta feita, é definida uma relação em três momentos ao longo do trajeto, na tentativa de suavizar as condições topográficas.

Num primeiro momento, a relação do percurso com a Sé Catedral, arruinada e cuja proposta é de intervenção mínima e temporária, preservando integralmente a condição de ruína. No segundo momento, entre o centro comunitário e a zona habitacional do bairro de São Sebastião, procura-se uma relação de proximidade em termos de escala, materialidade e morfologia, com o objetivo de democratizar o espaço ao invés de o institucionalizar. No terceiro momento, o miradouro apresenta-se como uma plataforma sobre a encosta que permite contemplar a paisagem e rematar o acesso viário e pedonal ao Forte.

A componente programática

A arquitetura para uma formação e expressão cultural partilhadas é o conceito que se adequa às inquietações levantadas desde o início, no reconhecimento de duas realidades díspares em termos económicos, culturais e sociais que habitam o mesmo espaço. À vista disso, pretende-se através deste projeto propor a inserção urbana dum novo equipamento dedicado às duas presenças, entendido como um dispositivo de interface cultural. Complementa-se o programa com a apropriação do espaço circunscrito pelas ruínas da Sé com uma componente também cultural, dedicado a espetáculos e exposições temporárias.

O programa arquitetónico do novo equipamento fragmenta-se em duas partes complementares, um espaço dedicado à difusão cultural e outro de produção artesanal, com o intuito de valorização das práticas tradicionais.

A área em questão localiza-se no seio das habitações do bairro de São Sebastião, onde não existe qualquer equipamento de apoio às necessidades básicas da comunidade. Portando, o programa proposto parte do pressuposto que, tanto o

equipamento novo, como a intervenção no preexistente podem trazer novas dinâmicas urbanas para este bairro exclusivamente habitacional, integrados na articulação das plataformas da Sé e do Forte de São Filipe.

5.3 Proposta Urbana

A nível urbano, propõe-se o redesenho da Rua Direita do Forte, na perspetiva de preservar e reforçar as relações estruturais deste elemento no contexto do bairro de São Sebastião, realçando a identidade local. A malha urbana do bairro habitacional é caracterizada na sua génese pela ortogonalidade, evidenciada pelo eixo vertical (sudoeste/nordeste) ou Rua Direita do Forte, a partir do qual ramificam-se perpendicularmente as ruas secundárias condicionadas pelas escarpas. Como visto no ponto 4.2, este eixo consiste no elo de ligação dos dois promontórios de

destaque da zona alta. Na extremidade sudoeste conecta-se com a plataforma da Sé Catedral, assente na cota 20 e na extremidade nordeste, com o Forte de São Filipe, assente na cota 100. A diferença de cotas resulta num percurso constituído por elementos de mobilidade, como rampas, escadas e a presença inevitável de muros de contenção à volta dos quarteirões, que consistem soluções consideradas adaptadas ao contexto e por isso, pouco modificadas na intervenção.

No caso das escadas, propõem-se espaços de permanência nalgumas situações de descontinuidade viária, com o intuito de suavizar o percurso com momentos de pausa e descanso. Aplica-se esta solução no caminho de acesso ao Forte a partir das escadas que marcam o limite urbanizado do bairro e na situação de impasse na rua tangente à área de intervenção do novo equipamento.

O redesenho incide no redimensionamento da Rua Direita, propondo nas áreas de intervenção um desafogo, configurando espaços públicos inspirados na relação íntima dos moradores com o espaço de rua. Assim, parte-se duma artéria essencial de estruturação do bairro, para uma proposta de alargamento da mesma, em momentos de chegada, permanência e continuidade, estabelecendo relações mais agradáveis com a envolvente. Como já referido na estratégia de intervenção, estas relações estabelecem-se em três momentos estratégicos:

O momento de chegada, no encontro do alçado sudoeste da Sé Catedral com o eixo de acesso à capital e a outras localidades. Na fachada oposta, as ruínas posicionam-se como pórticos de transição para a área urbanizada do bairro de São Sebastião e por isso, é demarcada essa relação com a melhoria dos acessos tirando partido das escadas e rampas exteriores, conjugada com a definição espacial no plano de cobertura e pavimento da nova estrutura proposta para o interior da área ocupada pelas ruínas.



Figura 60_Zona ampliada da Sé Catedral

Na sequência, o momento de permanência, caracterizado pela praça que envolve o equipamento proposto que resulta do alargamento da Rua Direita do Forte para dentro da área de intervenção, posicionada na margem esquerda da mesma. Procura-se quebrar a densidade habitacional com o desafogo da rua como ponto de permanência. A implantação do equipamento adapta-se à malha preexistente para acompanhar a lógica morfológica da envolvente, tanto nos limites do lote, quanto nas cérceas.



Figura 61_Zona ampliada do Centro Cultural e Comunitário

Por fim, o momento de continuidade do ritmo do percurso com a reconfiguração do acesso viário desativado e o caminho pedonal ao Forte, com zonas de alargamento e permanência

que colmatam o encontro inesperado das duas vias sobre a encosta.

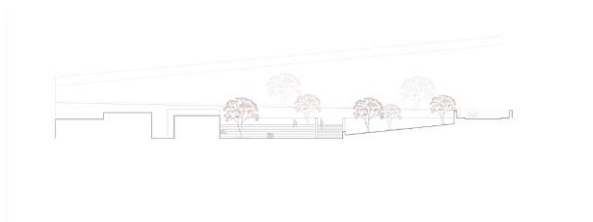


Figura 62_Perfil do espaço de permanência



Figura 63_Perfil da plataforma mirante



Figura 64_Zona ampliada da plataforma mirante



Figura 65_Planta e perfil geral da proposta

5.4 Proposta Arquitetónica

Intervenção mínima no preexistente

A Sé Catedral posiciona-se de forma estratégica na cidade e principalmente na relação com a Rua Direita do Forte, o elemento ordenador da proposta urbana. Neste sentido, procura-se através da relação preexistente e o conceito de intervenção mínima, preservar a essência das ruínas, destacando as conexões físicas e visuais que estabelecem com o entorno. Propõe-se, portanto, a instalação duma estrutura temporária no espaço configurado pelas estruturas arruinadas, com toques subtis na preexistência, tendo como base a divisão espacial original e as vistas naturalmente criadas pelo tempo.

Morfologia

No espaço amplo do corpo principal propõe-se um momento dedicado a apresentações/espetáculos, constituído pelo pódio e respetivas bancadas, sombreadas pela estrutura de madeira construída ao longo do eixo longitudinal da Sé. A cobertura e a estrutura de suporte delimitam a área das bancadas e seguem em direção ao antigo presbitério com um plano mais estreito e encaixado nos alinhamentos preexistentes.

O afunilamento da estrutura conecta-se com o passadiço embutido entre as paredes preexistentes, acedido pelo volume das escadas desenhadas, aproximadamente, na zona do antigo altar. Na transição para o plano superior, acede-se ao primeiro patamar, projetado sobre o vão naturalmente formado pela degradação das paredes na fachada Este, com vista para o bairro e servindo ao mesmo tempo de sombreamento para a área da antiga casa de tribuna, atualmente exteriorizada em relação à estrutura principal.

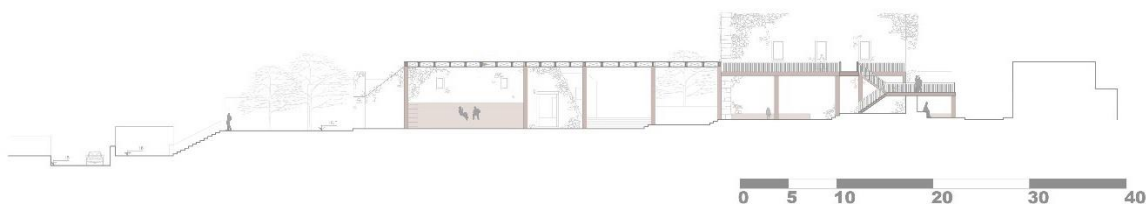
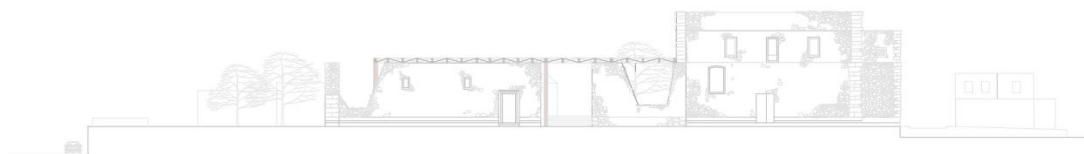


Figura 66_Corte longitudinal da proposita

Este espaço exterior é equipado com bancos que permitem um lugar de permanência à sombra, de frente para a rua. No patamar seguinte, acede-se ao passadiço que delimita as paredes preexistentes e acede aos vãos originais da Sé, permitindo a visualização enquadrada de diferentes perspetivas da cidade.

A estrutura trata-se de um módulo independente fisicamente, mas adaptado virtualmente ao preexistente, feito de perfis de madeira padrão, com sistemas de encaixe reforçados com parafusos. Os apoios verticais são formados por duas colunas encaixadas às vigas no plano de cobertura e reforçadas no plano de chão por uma pequena peça de madeira à semelhança do caso da sala comunitária projetada pelos arquitetos O'Donnell Brown em Glasgow. A cobertura do corpo principal é revestida com panos tradicionais, o “pano di terra” visto no ponto 3.2, trazendo aspetos identitários ao espaço dedicado a manifestações culturais. As faixas de tecido são entrelaçadas nas vigas transversais com a técnica de espinha de peixe, frequentemente utilizada na cestaria.

Na zona de cobertura acessível, aproveita-se a mesma estrutura, no entanto adotam-se vãos menores para garantir o reforço da área de acessos verticais, do passadiço e da projeção do patamar na fachada este. Por cima da estrutura de madeira, sobrepõem-se uma placa do mesmo material utilizado no pavimento, que uniformiza todo o conjunto. O guarda corpo materializa-se com ripas de madeira.



Alçado sudeste

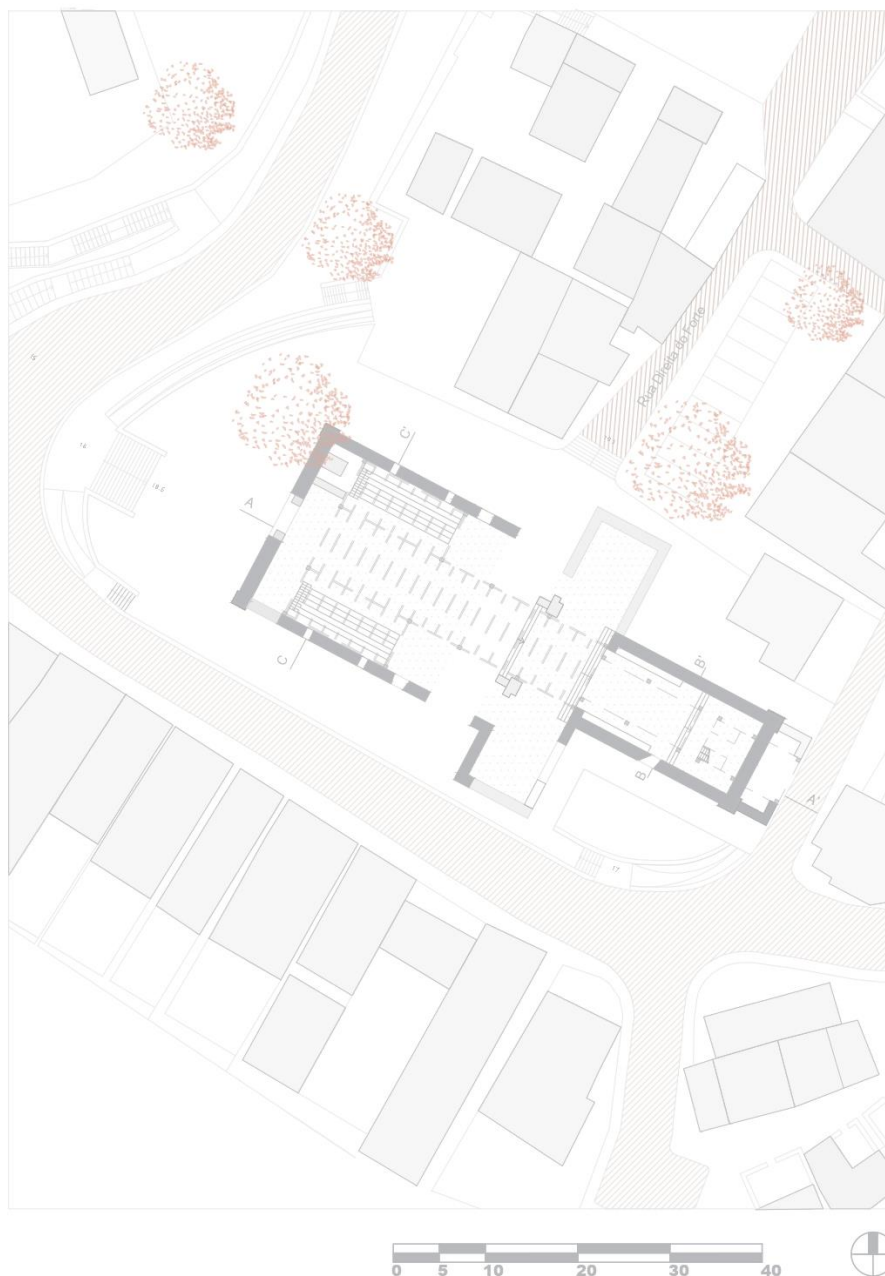
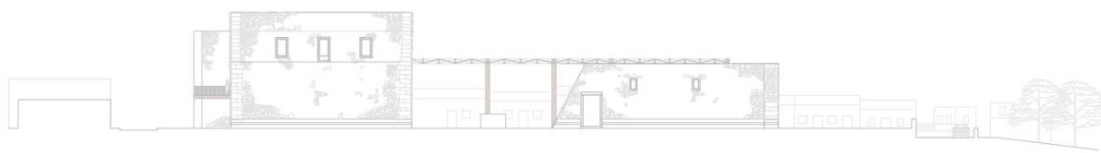


Figura 67_Planta do piso terreo e alçado sudeste



Alçado nordeste

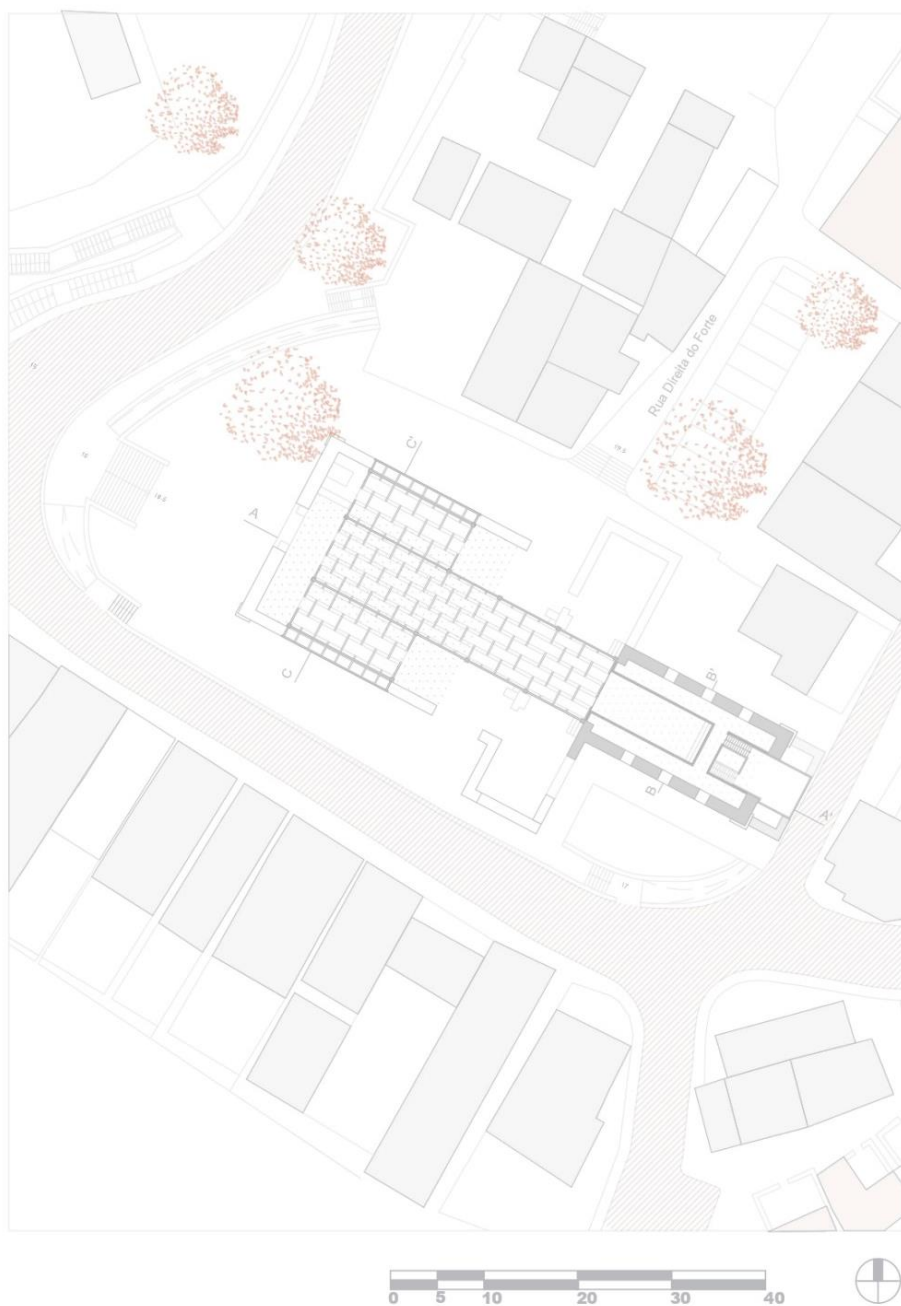


Figura 68_Planta de Cobertura e alçado nordeste

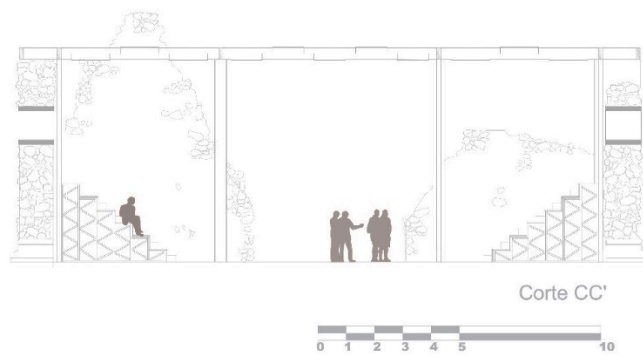


Figura 69_Corte transversal CC

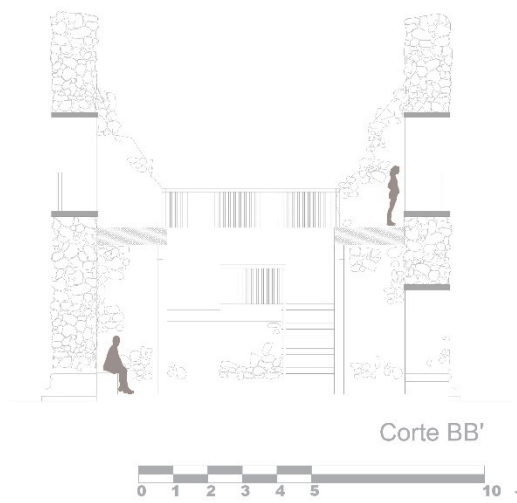


Figura 70_Corte transversal BB

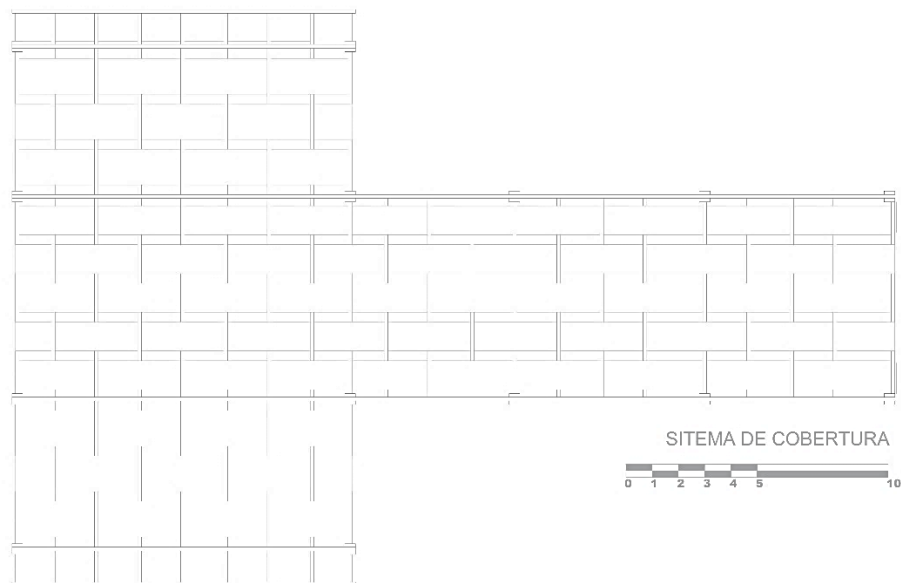


Figura 71_Sistema de cobertra com panos de terra entrelaçados

Intervenção nova- Centro Cultural e Comunitário

O desenvolvimento do projeto do equipamento tem como principal premissa uma aproximação ao modelo habitacional tradicional, apoiada nas formas autóctones de construção. As questões climática e topográfica são bastante particulares neste contexto, por isso a intervenção procura soluções de sombreamento e acessibilidade controladas e adaptadas às mesmas.

Morfologia

A área de intervenção está enquadrada no percurso da Rua Direita do Forte, no momento de alargamento e consequente acesso ao edifício pontuado pela situação de gaveto. Trata-se duma ocupação em dois volumes, modulados em banda consoante a configuração dos lotes da envolvente.

A aproximação aos volumes, tendo como ponto de partida a Sé, acontece num plano de rampa que acede à plataforma do anfiteatro ao ar livre, que ladeia a Rua Direita do Forte e intermedia os dois blocos. O acesso ao volume de difusão cultural, paralelo à Rua Direita acontece na parte posterior (fachada noroeste), através das escadas que delimitam o interior do lote. Outra opção seria o acesso pelas escadas exteriores preexistentes, adaptadas à intervenção e sombreada pela projeção da cobertura deste mesmo volume. O interior constitui-se pelo auditório acedido a partir do patamar das escadas exteriores e igualmente pelas escadas de acesso ao piso 0, onde se encontra a sala polivalente semienterrada.



Figura 72_Planta piso 2 e Corte AA

O volume de formação cultural constitui-se também por dois pisos, cujo acesso principal acontece no piso superior, no alinhamento da Rua Direita com a esquina do próprio limite do volume, sobre o qual a cobertura projetava-se em direção à rua, consistindo um compasso de espera que antecede a efetiva entrada. No interior depara-se com um momento de receção e exposição temporária, apoiada pela zona de serviços e relacionado com o passadiço que circunscreve o vazio entre as partes e proporciona iluminação e ventilação. Na outra extremidade, surge a biblioteca relacionada fisicamente e visualmente com o piso inferior, dando continuidade ao programa de ensino para a área de oficinas localizadas imediatamente abaixo. Ao longo do piso inferior é projetado um conjunto de espaços dedicados à formação cultural, como salas abertas teórico-práticas, sala de dança e um espaço de refeição de usufruto coletivo. O pátio intermedeia a zona de oficinas e salas de apoio, com o intuito de iluminar e ventilar as áreas semienterradas. O interior do quarteirão relaciona-se diretamente com este volume, proporcionando uma possível extensão das atividades para o exterior, na medida em que os espaços são entendidos como democráticos e por isso, pouco caracterizados, dando liberdade para uma apropriação diversificada dos mesmos. A métrica base é composta por módulos de 5x5 m conforme o esquema abaixo, com zonas de transição (ilustradas a preto) do espaço público para o privado, orientadas pela relação do interior e o exterior do lote. As paredes exteriores materializam-se em paredes maciças de adobe, contrastadas pela estrutura leve de madeira no interior e na zona de cobertura.



Figura 73_Corte longitudinal BB



Figura 74_Planta piso 1 e corte alçado Oeste

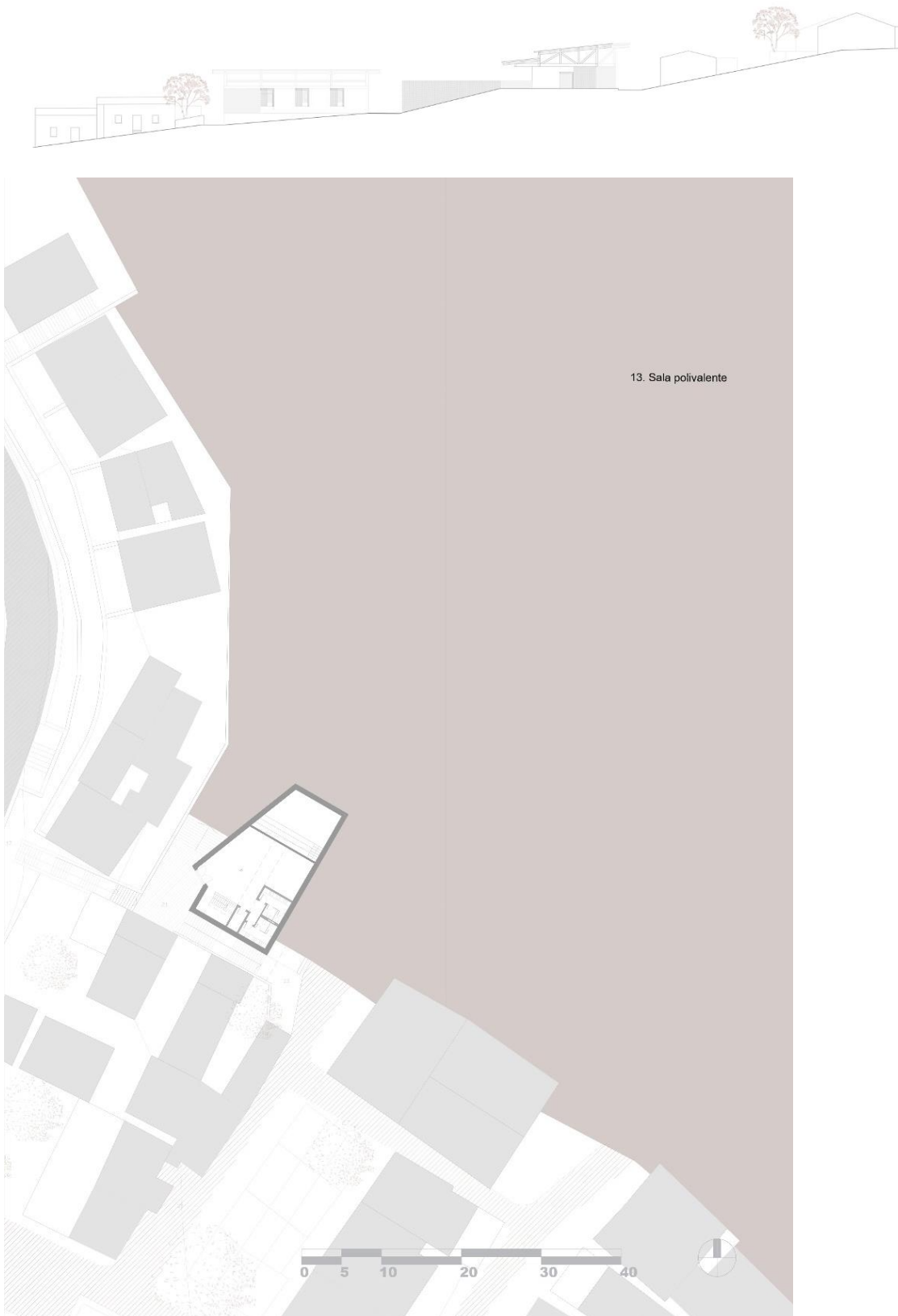


Figura 75_Planta piso 0 e alçado Este

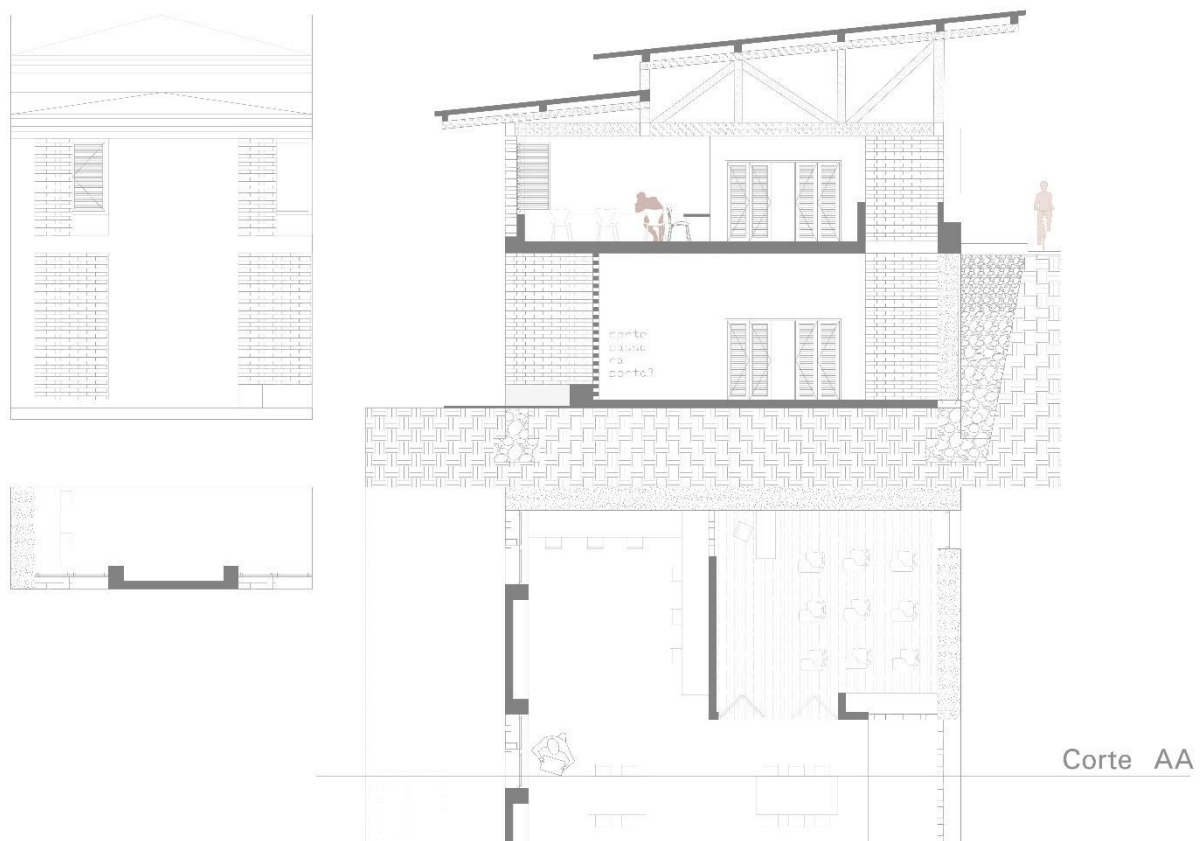


Figura 76_Detalhe construtivo da proposta

CONCLUSÃO

Este trabalho elucidou um conjunto de aspetos relativos ao título de património mundial da Cidade Velha, por meio da análise do património construído, vivido e natural, baseada no carácter arquitetónico dual da cidade. Por um lado, constatou-se o testemunho histórico da presença europeia nos primórdios da fundação da cidade, marcada pela arquitetura militar e religiosa. E por outro, identificou-se a arquitetura autóctone como arquétipo de casa materializada por meio da disponibilidade local e por isso, um bom exemplo de sustentabilidade na construção. Deste modo, reconhece-se a relevância das técnicas e sobretudo das atividades culturais, recentemente integradas no PCI, na medida em que consistem os mais ricos recursos das ilhas. No quarto capítulo é feita uma análise do espaço urbano da cidade, onde nota-se a resistência da malha urbana dos eixos principais e uma organização espacial condicionada naturalmente pelas situações de encosta e baía e composta pela arquitetura habitacional tradicional, contraposta pela arquitetura recente, maioritariamente autoconstruída e dissonante em relação à imagem original da cidade.

É sobre o contexto de dualidade que surge a proposta de intervenção, com espaços inspirados nas vivências quotidianas da comunidade e consequente relação com o tecido urbano, especialmente com o espaço de rua. Na escala arquitetónica, considerou-se a intervenção mínima como exercício de reocupação da Sé, no sentido de reverter a situação de abandono do património edificado da cidade e aproveitar a sua importância histórica para abrigo de manifestações culturais. Sob outra perspetiva, propôs-se um equipamento novo integrado na zona habitacional do bairro de São Sebastião, como resposta à inexistência de equipamentos nesta área, que converse diretamente com a envolvente e dissolva as necessidades da comunidade, visando uma formação e expressão cultural partilhadas.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, L., 1990. Dúvidas e Certezas na História dos Descobrimentos Portugueses, Vega, LDA: Lisboa
- ANDRADE, E., 1997. Cabo Verde: Povo, Cultura, Identidade Cultural, in Cultura: Revista Semestral, Ano 1, Nº 1, Publicom: Praia.
- BATALHA, L., 2002. The Cape Verdean "Community in Portugal: Anthropological Constructions from Within and Without. Tese de doutoramento, University of Oxford.
- BARCELLOS, S., 2003. Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné. Notas e Comentários de Daniel A. Pereira. Praia: IBNL.
- BOLETIM OFICIAL. 2012. Conselho de Ministros, I Série, nº4.
- CARTER, K., AULETTE, J., 2009. Cape Verdean Women and Globalization: The politics of gender, culture, and resistance, USA: Palgrave Macmillan
- CHOAY, F., 2010. Alegoria do Património. Edições 70, Lda.
- CONVENTO, O., 2009. Guia interpretativo do lugar. Centro de Artes e Ofícios Trás di Munti. Praia
- CUNHA, L., RUI, J., 2022. Turismo e desenvolvimento dos territórios insulares- apontamentos para uma geografia do turismo em Cabo Verde. Universidade de Coimbra.
- DOSSIER, (2009) Candidatura da Ribeira Grande de Santiago, Praia.
- FEIJÓ, J., 1815 Ensaio económico sobre as ilhas de Cabo Verde - 1797, Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa V, Academia das Ciências: Lisboa.
- FERREIRA, É., 1997. Cabo Verde. Lisboa: Universidade Aberta.
- FERNANDES, J., 1996. Cidades e Casas da Macaronésia. FAUP publicações: Porto.
- FIGUEIRA, M., 1998. As artes plásticas e o artesanato: a fiação e tingidura em Cabo Verde. AAVV. Descoberta das Ilhas de Cabo Verde. AHN: Praia.
- GONÇALVES, J., 2003. Património como categoria de pensamento. Rio de Janeiro: DP&A.
- JANEIRINHO, L., MESTRE, M., 2019. Inspira-te, Património Criativo - Educação Patrimonial, Empreendedorismo Cultural e Turismo de Conhecimento. Praia.
- LEAL, J., 2009. Etnografias Portuguesas. Lisboa: Dom Quixote.
- LENGEN, J., 2004. Manual do Arquiteto Descalço. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto.
- MANGORRINHA, J., 2007. Território de Recursos: raízes, tendências e turismo na República Dominicana, Portugal: Edawards
- MENDONÇA, C., 2018. Arquitetura Militar de Cabo Verde. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura: Universidade de Évora.

- MIMOSO, A. B., 2016. Interpretação e consolidação da Sé da Cidade Velha em Cabo Verde.
- MINISTÉRIO DA CULTURA 2008. Cidade Velha “Centre Historique de Ribeira Grande Cap-Vert – Proposition d’inscription sur la Liste du patrimoine mondial”. Ministério de Cultura de Cabo Verde: Praia.
- MORRIS, A.E.J. 1994. History of Urban Form before the Industrial Revolutions, New York: Longman Scientific & Technical, 1994
- PATO, A., 2018. Cidade Velha- Guia de Normas Urbanísticas. França: CRAterre editions .
- PEREIRA, D., 2004. A Importância Histórica da Cidade Velha. Ilha de Santiago - Cabo Verde: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro ed. Cabo Verde.
- PEREIRA, D. A., 1988. Marcos cronológicos da Cidade velha. Instituto cabo verdiano do livro. Cabo Verde:
- PIRES, F., 2007. Da Cidade Da Ribeira Grande à Cidade Velha. Praia: Universidade de Cabo Verde.
- PITA, A., 2016. Insularidade caboverdiana além da questão geográfica e emigração como consequência representada na arte. Universidade Autónoma de Madrid.
- POULOT, D., 2012. A compreensão do património contemporâneo e seus limites. Revista do Património Histórico e Artístico Nacional.
- PLANO DE URBANIZAÇÃO DA VILA DA RIBEIRA GRANDE, Lisboa, 1967
- QUINT, N., 2009. O Cabo-verdiano: Uma língua mundial, in Revista de Estudos Cabo-Verdianos, Nº 3. Uni-CV: Praia
- ROSSI, A., 1977. A Arquitetura da Cidade. Edições Cosmos: Lisboa
- SANTOS, M., 1995. História Geral de Cabo Verde, (Vol. 2), Praia/Lisboa, IICT/INC 1995.
- SANTOS, F., 2012. Património Mundial e Mediadas Arquitetónicas. Revista de Estudos Cabo-Verdianos.
- SEMEDO, C., 2010. Cidade Velha: Património, Musealização e Desenvolvimento Turístico em Cabo Verde, Dissertação de Mestrado.
- SILVA, A., 1998. Espaços Urbanos de Cabo Verde, o tempo das cidades-portos, Lisboa
- TAVARES, J. L. 2010. Cidade do Mais Antigo Nome. Cabo Verde: Assírio & Alvim.
- VEIGA, Manuel. 1998. Cabo Verde: Insularidade e Literatura, Paris, Karthala.
- VENÂNCIO, C., 2009. O Fato Africano: Elementos para uma Sociologia da África, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Massangana.

Webgrafia

Yávar, Javiera. "Arquitetura e Paisagem: um passeio pelas ruínas do Castelo Sandsfoot, por Levitate" [Arquitectura y Paisaje: un recorrido por las ruínas del Castillo Sandsfoot por Levitate] 04 Abr 2014. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo) Acessado 6 Jan 2023. <<https://www.archdaily.com.br/br/01-187226/arquitetura-e-paisagem-um-passeio-pelas-ruinas-do-castelo-sandsfoot-por-levitate>> ISSN 0719-8906

"Urban Rehabilitation of Alto de Bomba / OUTROS BAIRROS" [Reabilitação Urbana de Alto de Bomba / OUTROS BAIRROS] 21 Aug 2020. ArchDaily. Accessed 7 Jan 2023. <<https://www.archdaily.com/945786/urban-rehabilitation-of-alto-de-bomba-outros-bairros>> ISSN 0719-8884

<http://cidadevelha.com/cidade-velha-patrimonio-mundial-unesco/>, 2014. *Cidade Velha Património Mundial UNESCO*, 31 Janeiro.

https://countrymeters.info/pt/Cape_Verde, s.d.

<https://pt.weatherspark.com/y/31476/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Cidade-Velha-Cabo-Verde-durante-o-ano>, 2016.

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>

<http://cidadevelha.com/cidade-velha-patrimonio-mundial-unesco/>, 2014. *Cidade Velha Património Mundial UNESCO*, 31 Janeiro.

https://countrymeters.info/pt/Cape_Verde, n.d.

ANEXO 1

Fotografias complementares do local



Figura 19_As montanhas escarpas e a zona de baía



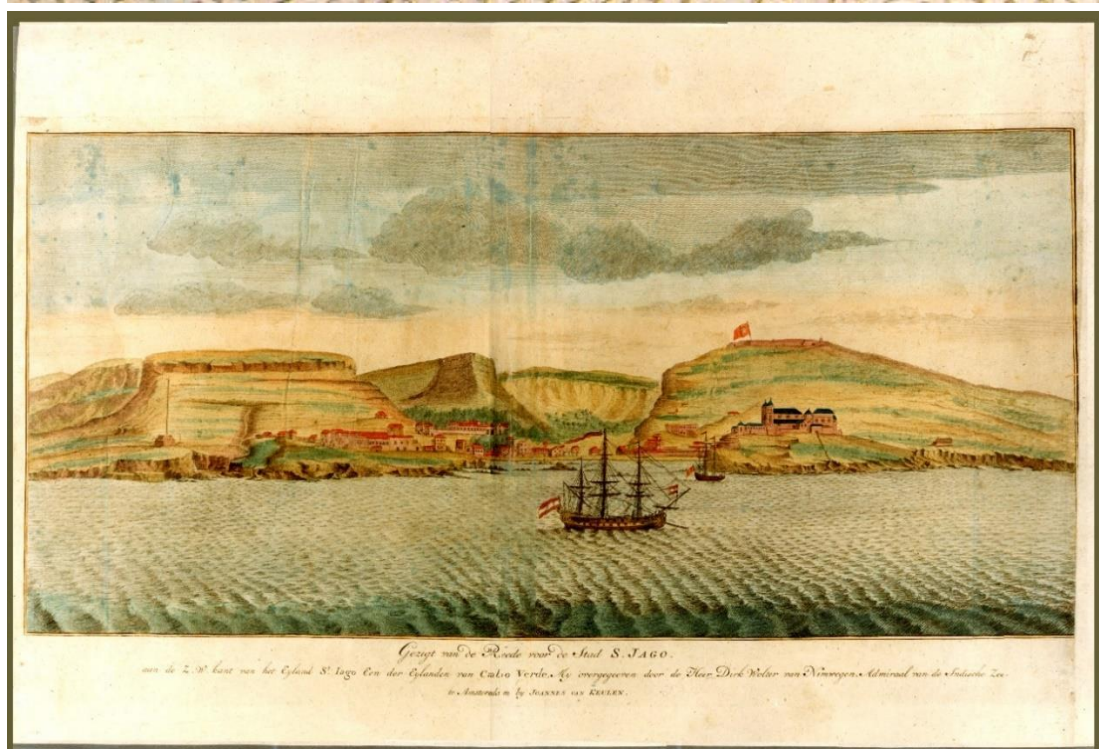
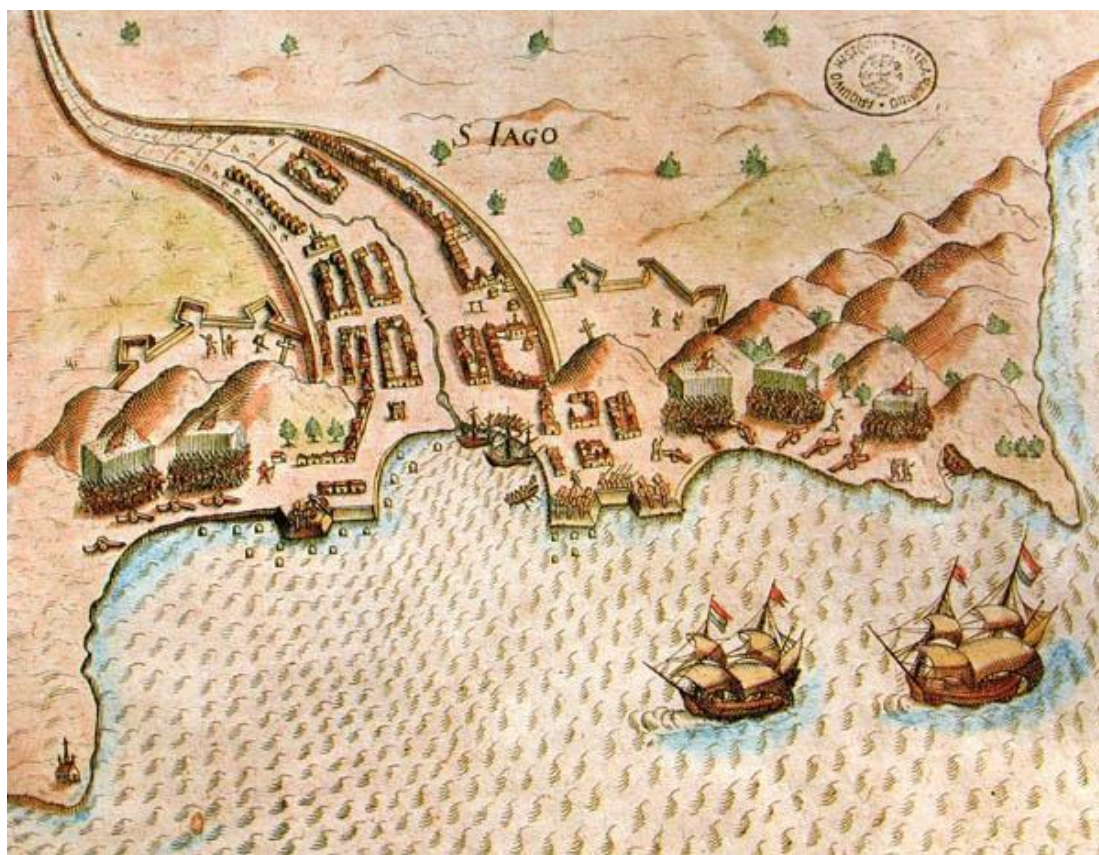
Figura 20_ Duas perpectivas da via rampeada de acesso ao centro da cidade

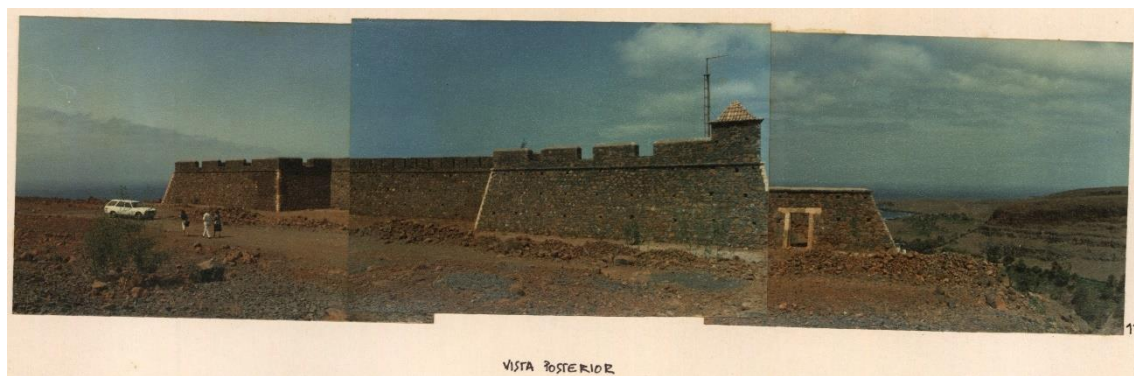
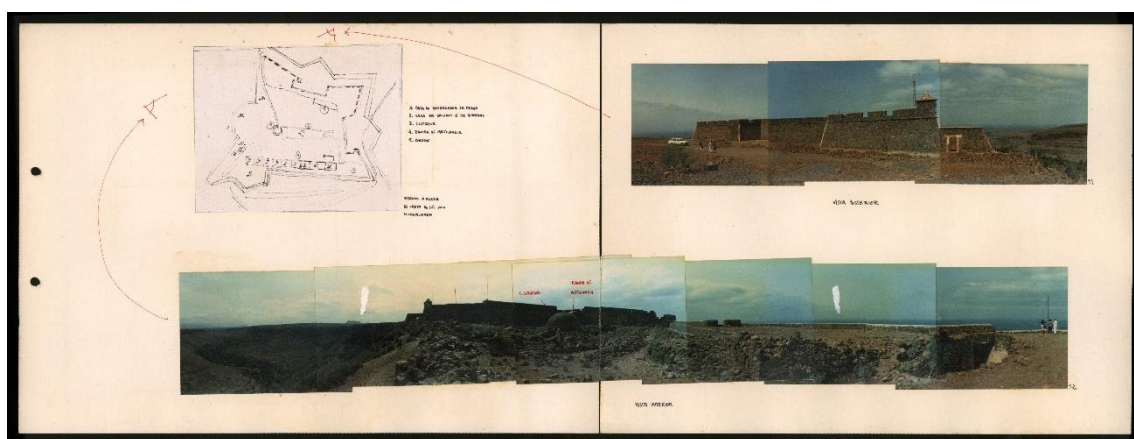


Figura 21_Habitações reabilitadas

ANEXO 2

Imagens antigas da Cidade Velha – FONTE: Arquivo histórico de Cabo Verde





FORTALEZA S. FILIPE 7



VISTA INTERIOR



CISTERNA



CISTERNA

FORTALEZA S. FILIPE 8



16



17



18



19

"RESTAUR" INACABOS (POR DO ANO 60)



16



17



19

"RESTAURADO" INACABADO (FIM DOS ANOS 60)



CAPELA DE
S. ROQUE

92

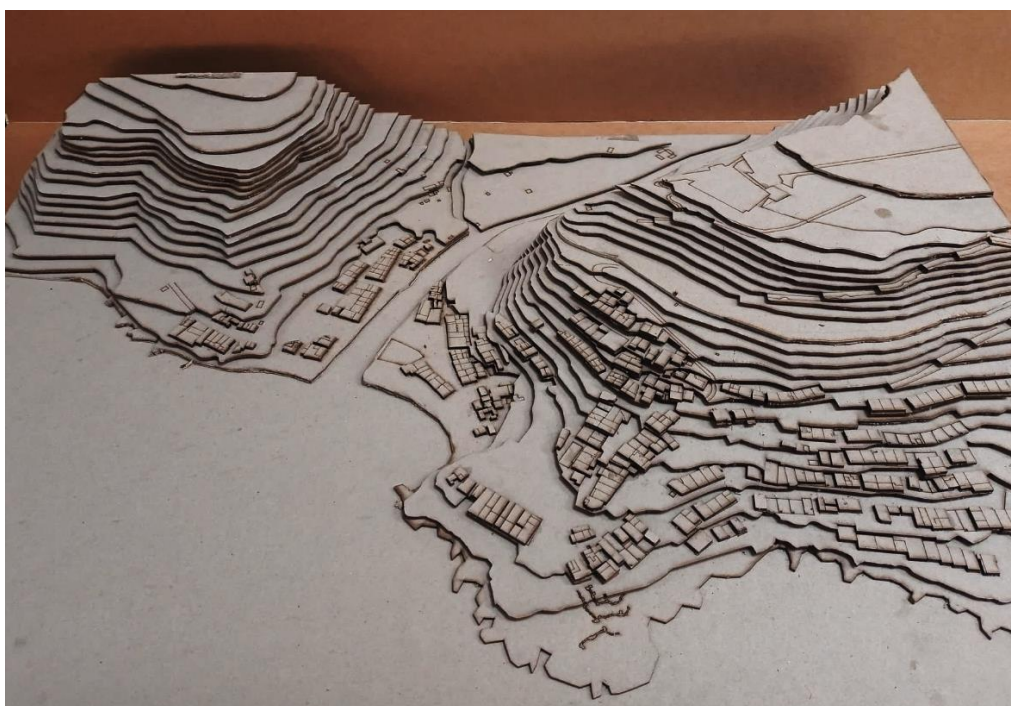
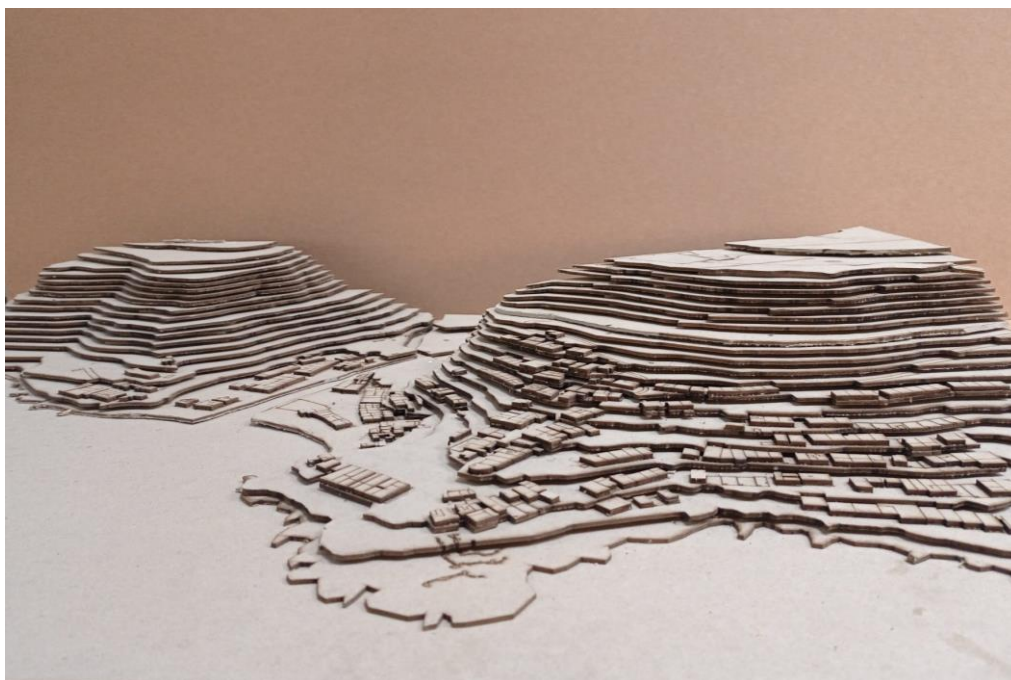
FORTE DO
PRESÍDIO

ANEXO 3

Fotografia das maquetes e painéis finais

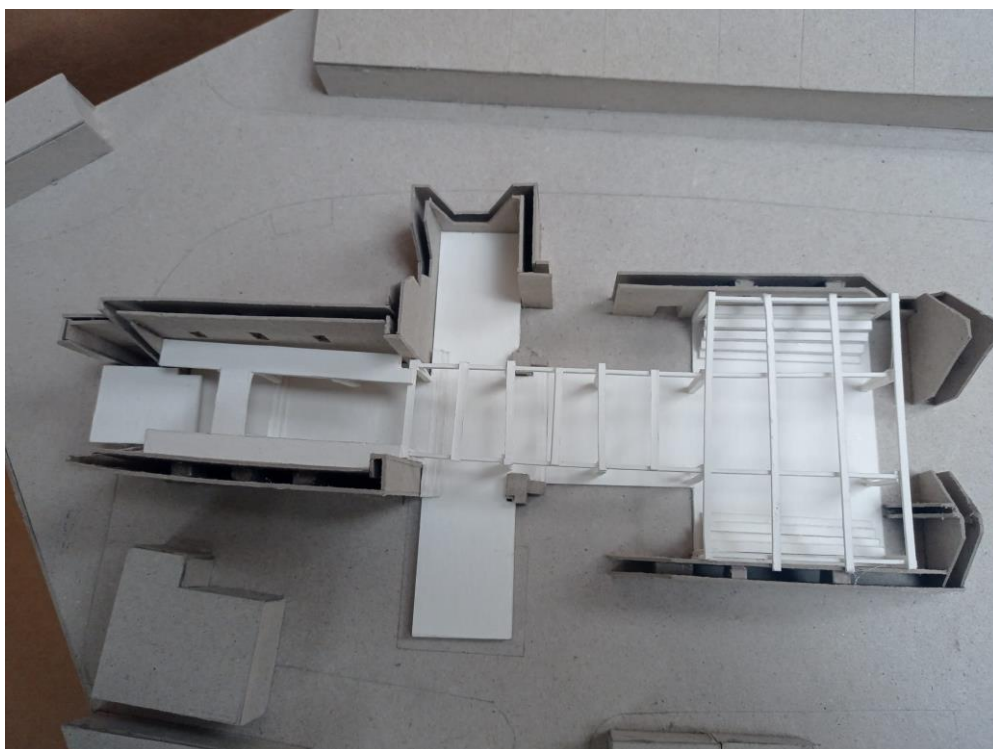
Maquete da Cidade Velha

Escala 1/1500



Maquete da Proposta - Sé Catedral

Escala 1/120





Maquete da proposta - Centro Cultural e Comunitário

Escala 1/200





Enquadramento Territorial

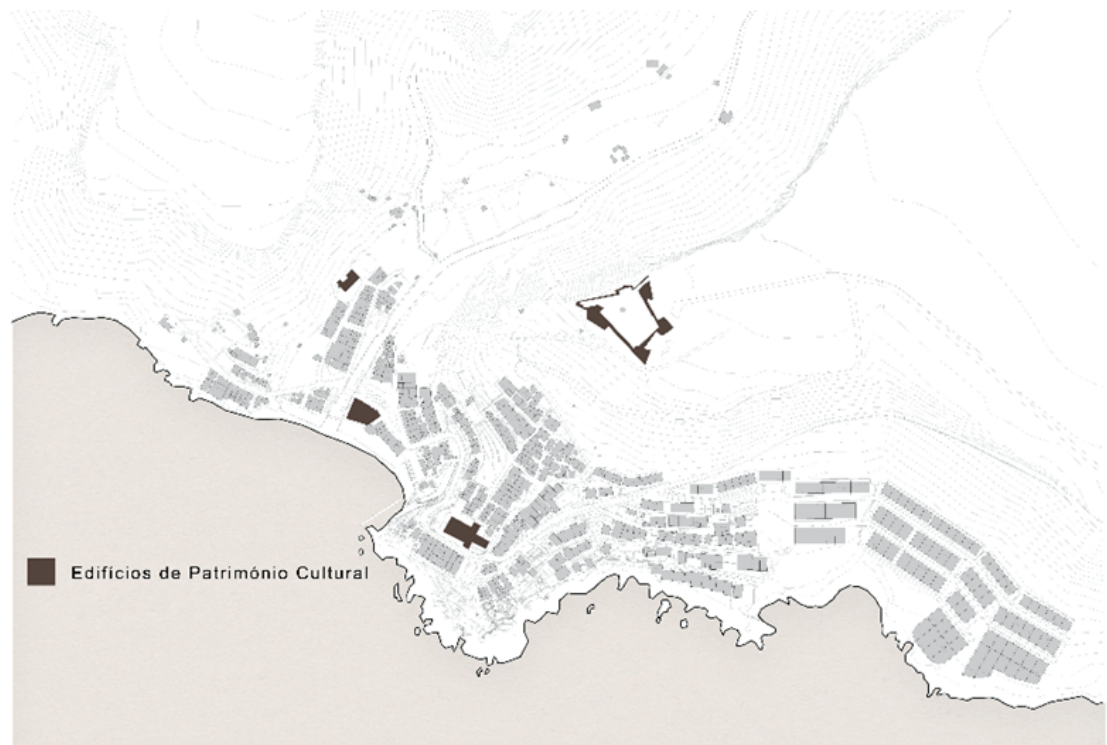
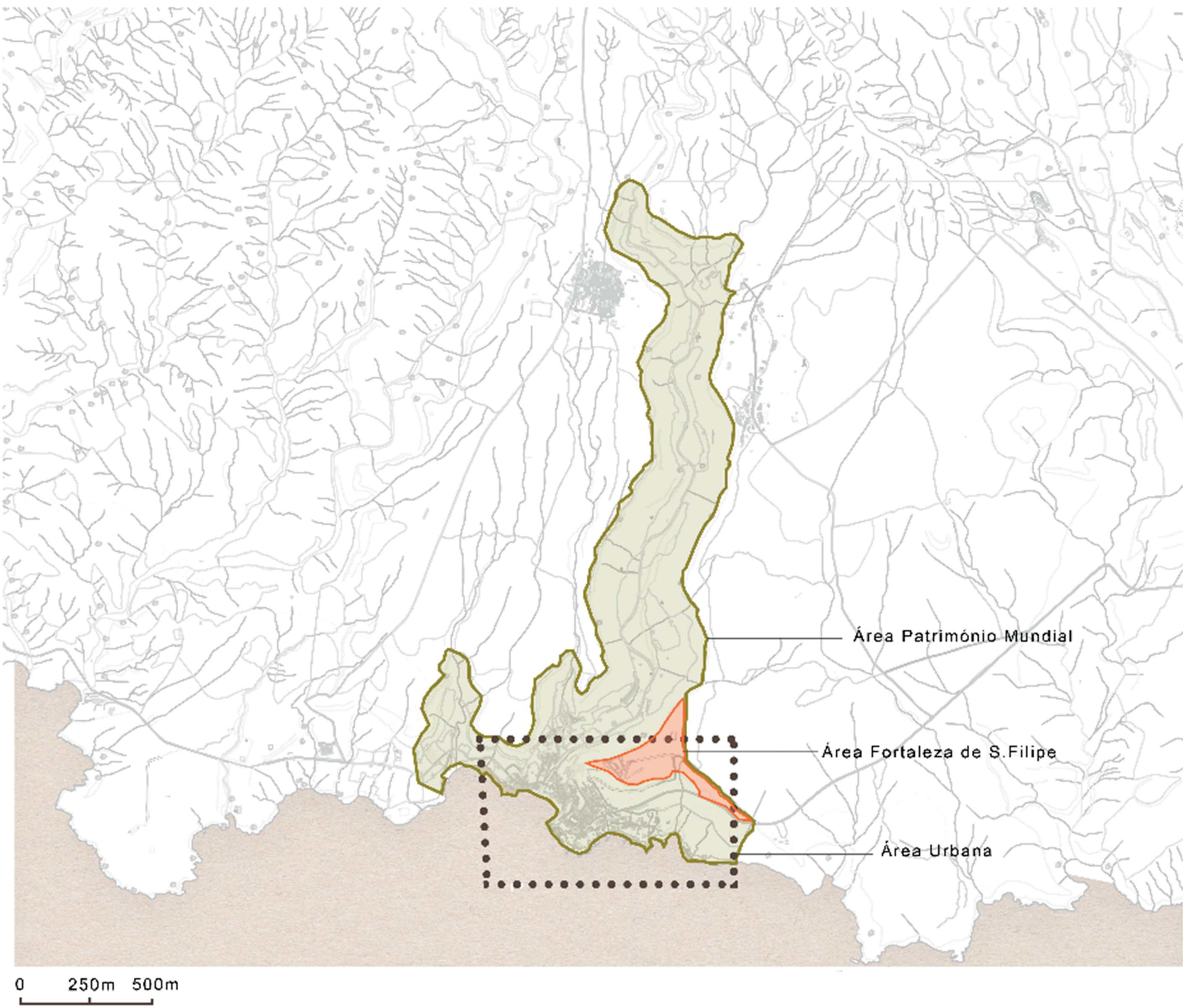
RESUMO

O trabalho presente organiza um conjunto sucessivo de intervenções, a pontuar um percurso historicamente significativo entre a baixa da Cidade Velha, sobranceira à praia, e o alto de Achada Forte, onde se implanta o Forte Real de São Filipe, na Ilha de Santiago, em Cabo Verde. Pretende-se contribuir para a requalificação do Centro Histórico da Cidade Velha, primeira capital de Cabo Verde, marcada pela arquitetura militar e religiosa e classificada como património mundial da Humanidade, pela UNESCO. A permanência e a memória constituem valores a sublinhar, tanto num quadro de valorização monumental, quanto na imaginação de uma infraestrutura de suporte às dinâmicas quotidianas – espaço comunitário e qualificação de percurso urbano - adequada ao cultivo da identidade popular.

Partindo-se do redesenho do encontro da cidade com o mar, na orla marítima que alberga atividades piscatórias e comerciais, essenciais à promoção do turismo e valorização da economia local, inscreve-se um percurso perpendicular à encosta, de cariz local, simultaneamente utilitário e turístico, a articular monumentos históricos da cidade, mediados de forma estratégica pela proposta do centro cultural e comunitário, que servirá de palco a manifestações culturais do povo da Cidade Velha.

Em reação manifesta ao notório abandono dos monumentos históricos da Cidade Velha, sinaliza-se a relevância de uma intervenção baseada na preservação e atribuição de um valor de uso a tais edifícios, de valor histórico e cultural indisputáveis.

Palavras chave: Cidade Velha, Centro Histórico, percurso urbano, identidade popular, Ilha de Santiago-Cabo Verde



Mapa com indicação dos edifícios monumentais



Mapa com indicação dos edifícios monumentais



Mapa de ocupação do solo



Fotografia aérea do Forte de São Filipe

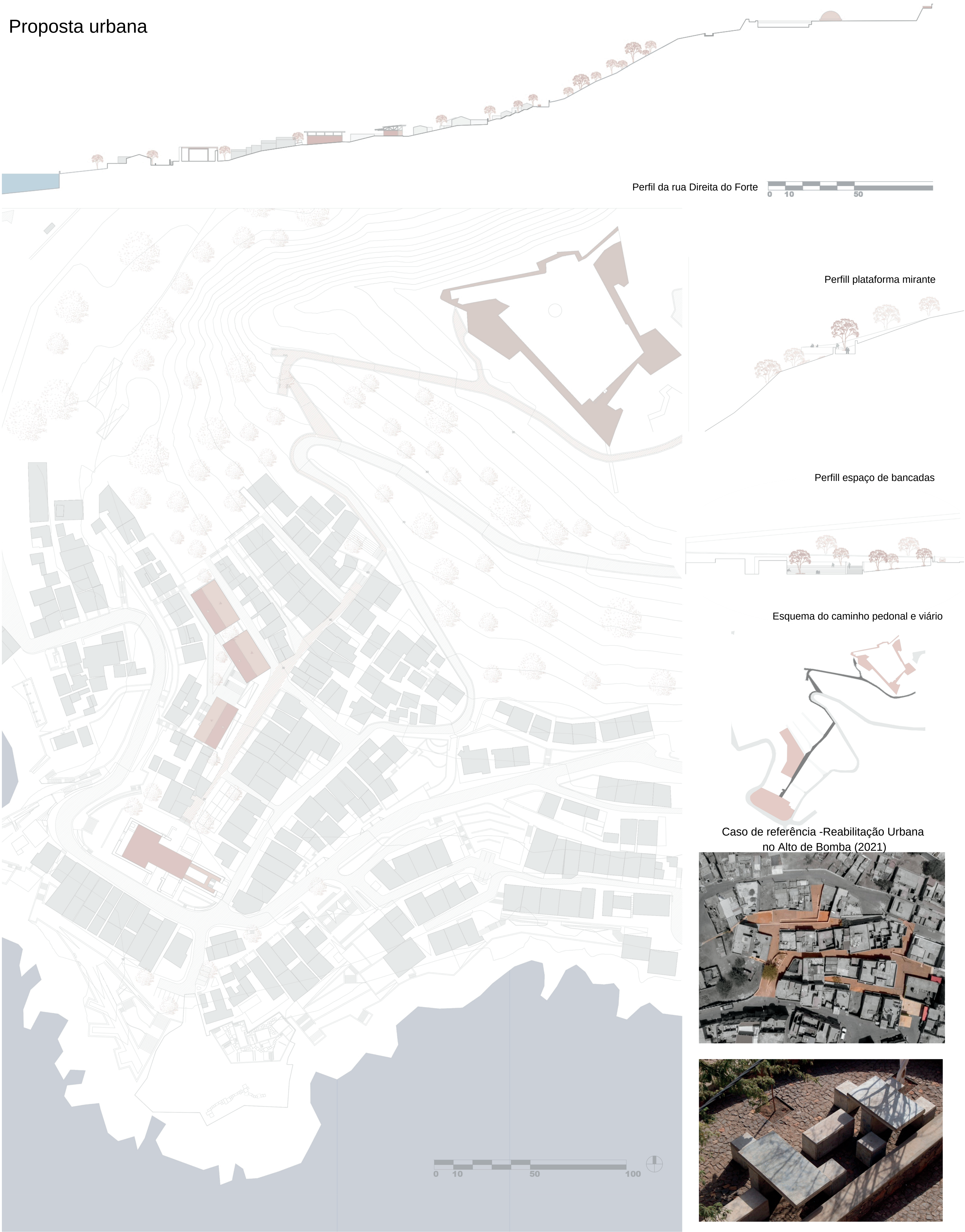


Casas tradicionais da cidade

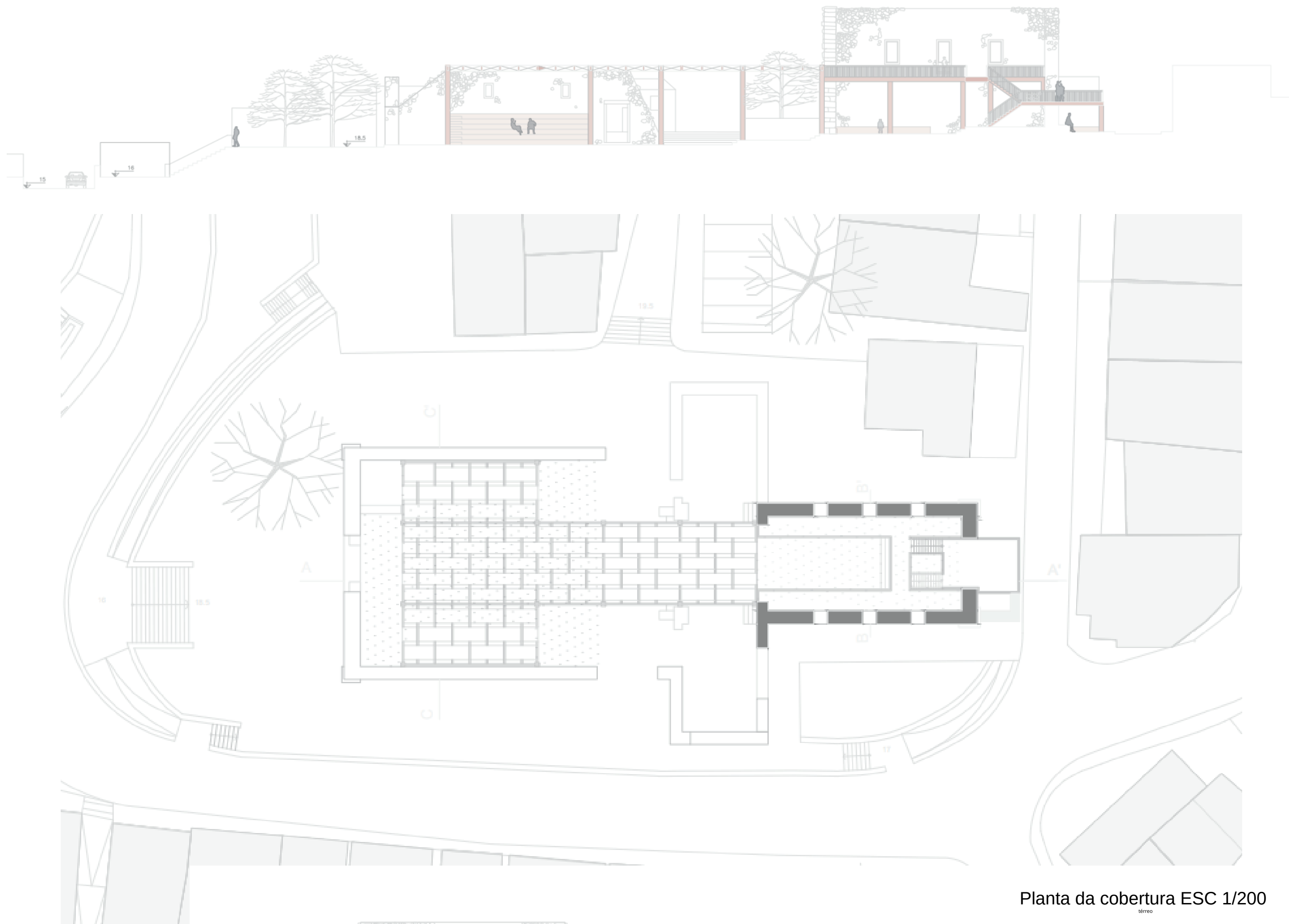


Fotografia aérea do bairro de São Sebastião

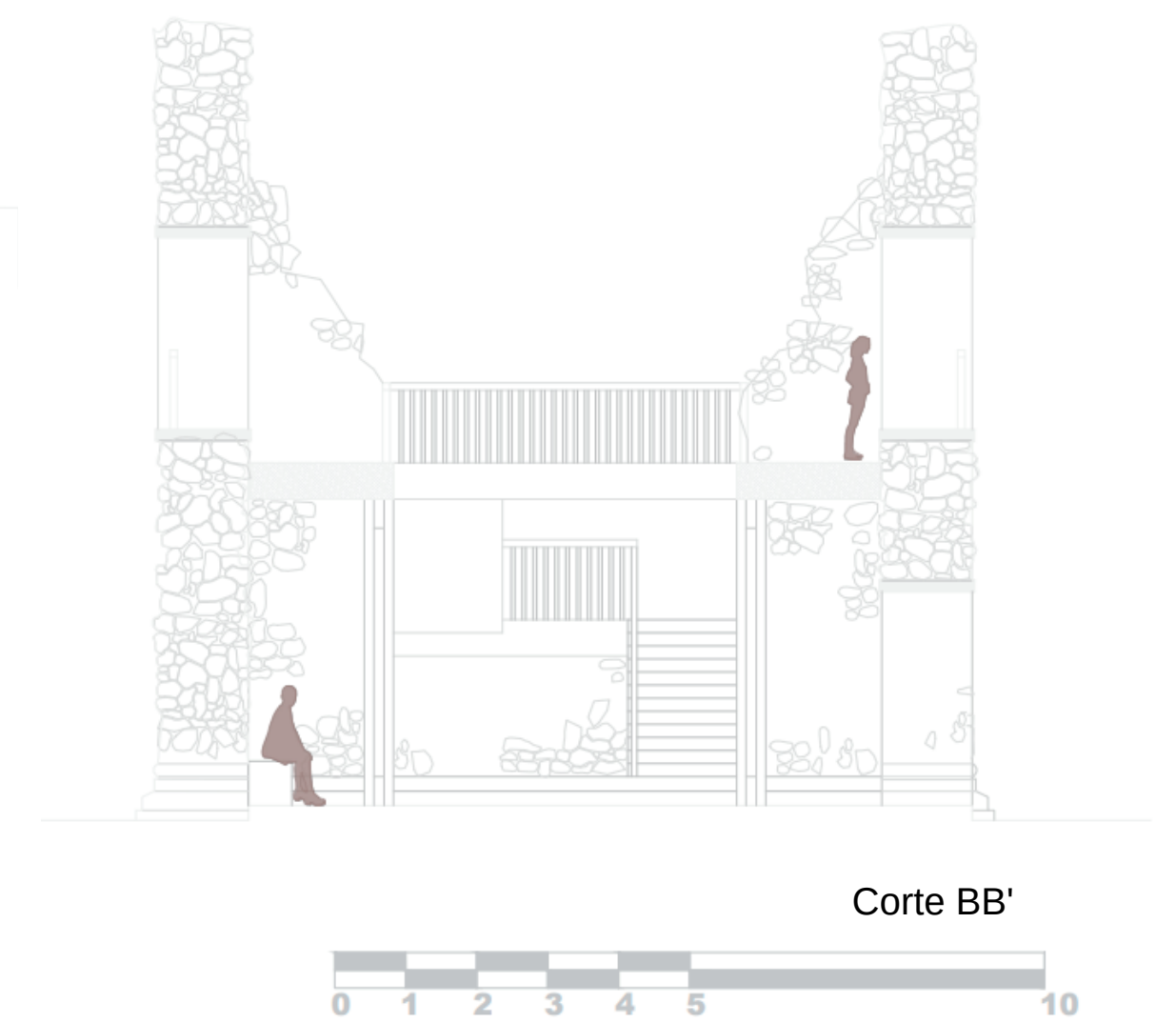
Proposta urbana



Proposta Arquitetónica

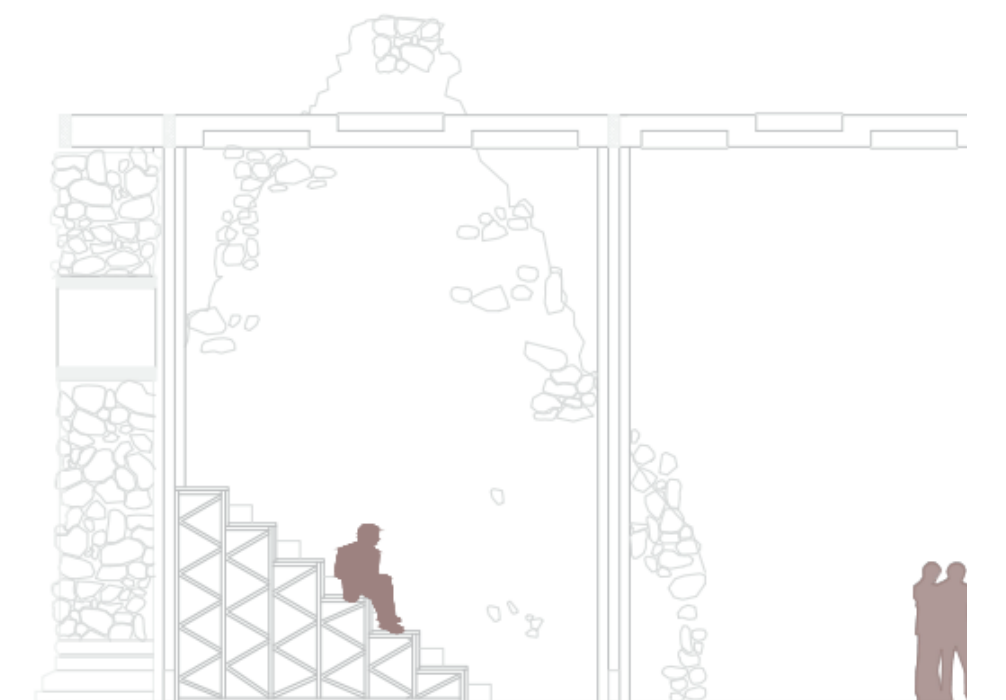


Planta da cobertura ESC 1/200

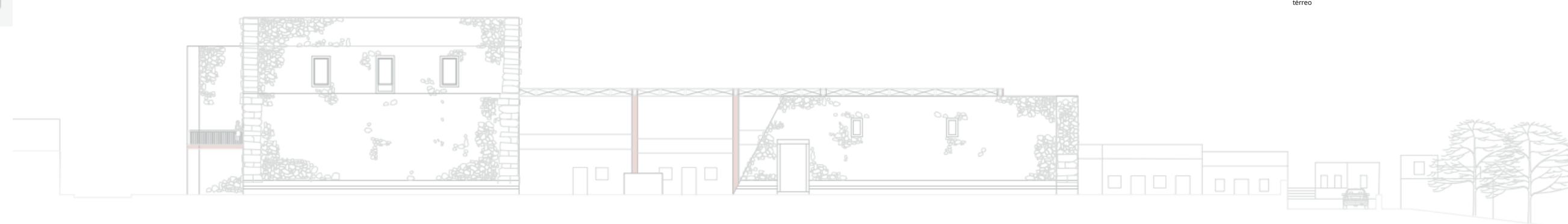


Corte BB'

0 1 2 3 4 5 10

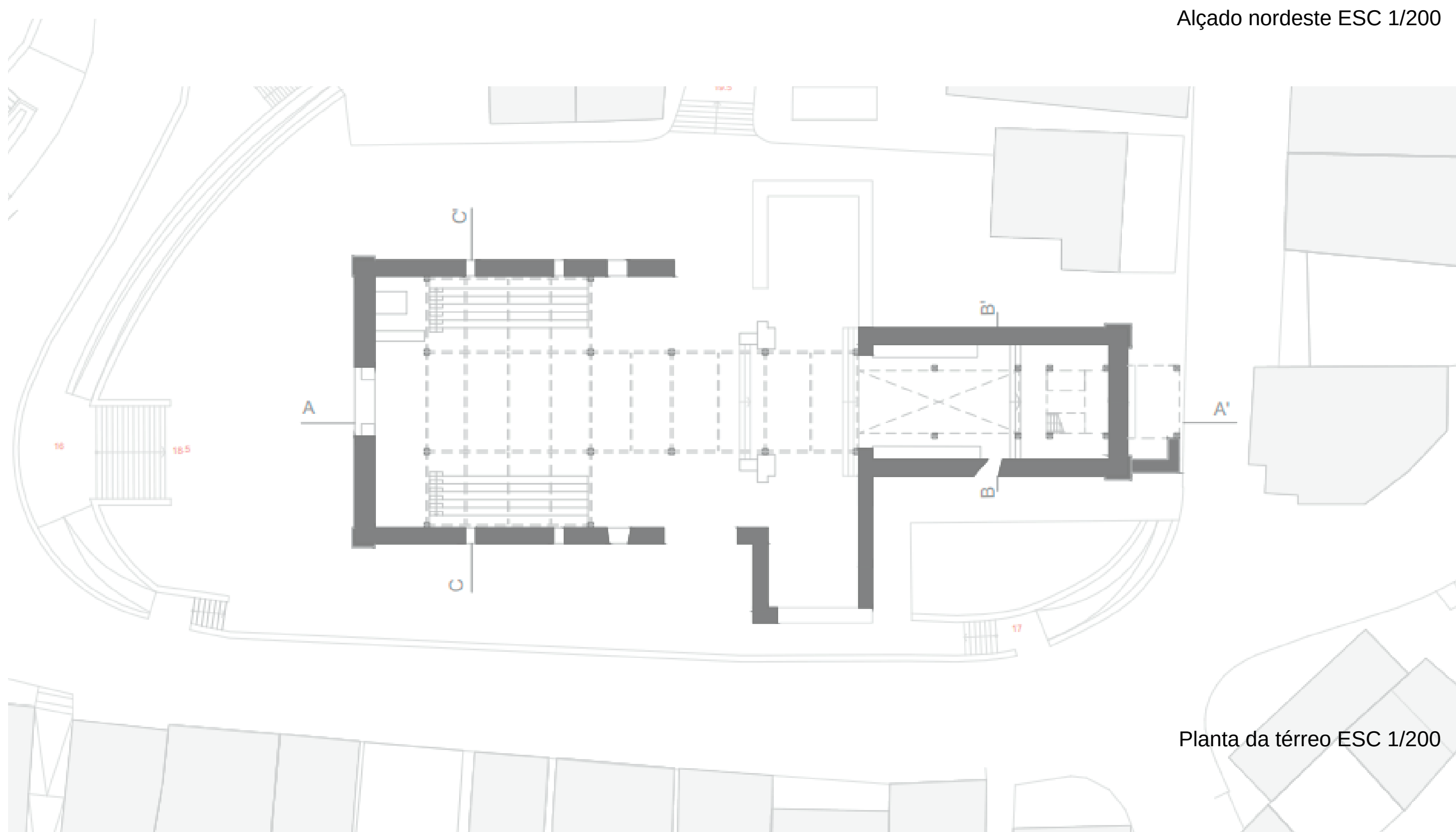
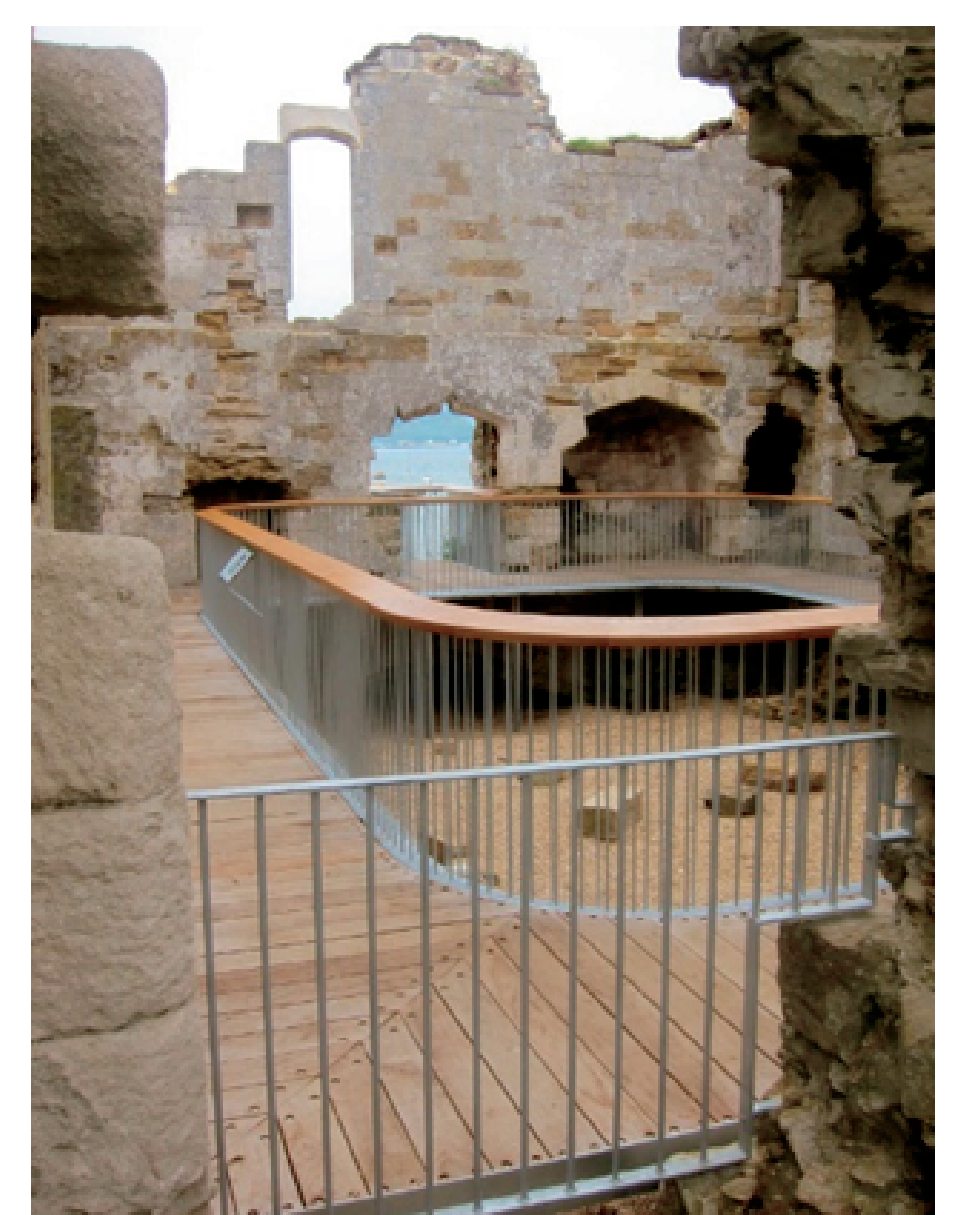


Corte CC'

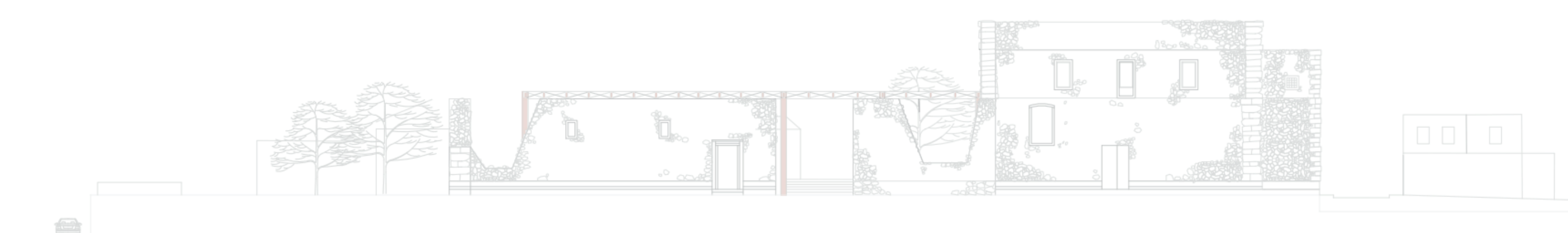


Alçado nordeste ESC 1/200

Caso de referência - Castelo Sandsfoot

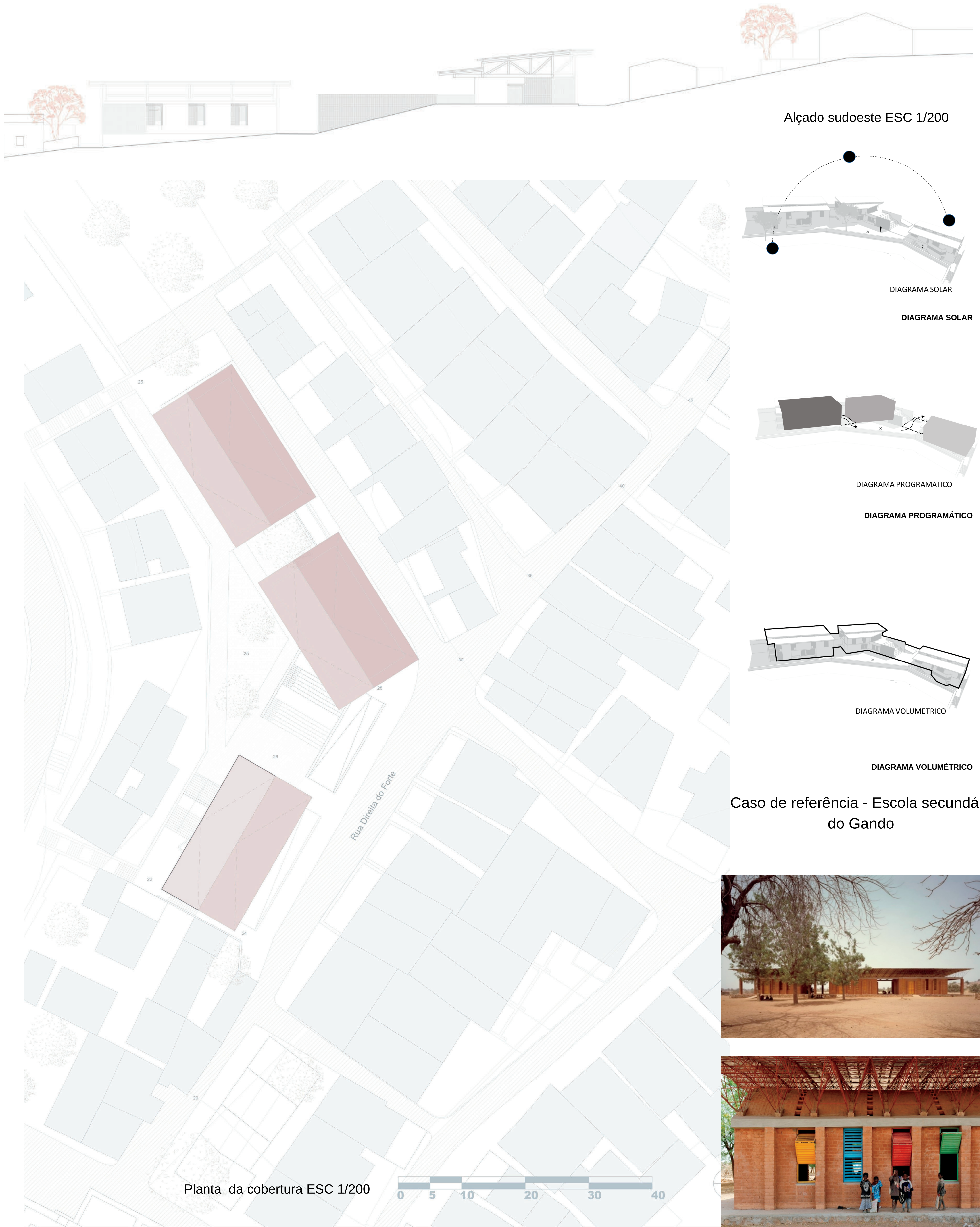


Planta da térreo ESC 1/200



Alçado sudeste ESC 1/200

Proposta Arquitetónica



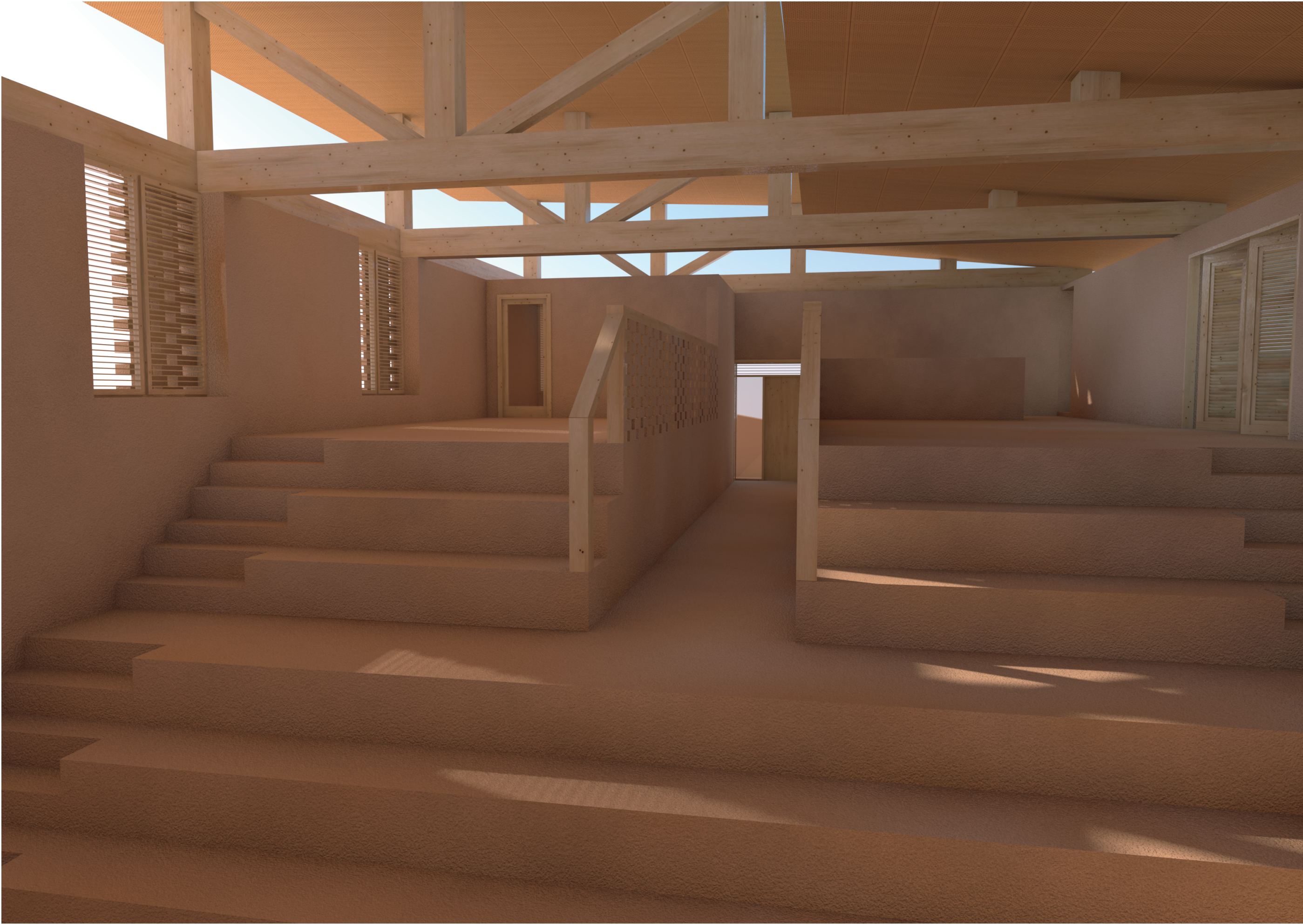


Alçado sudoeste ESC 1/200

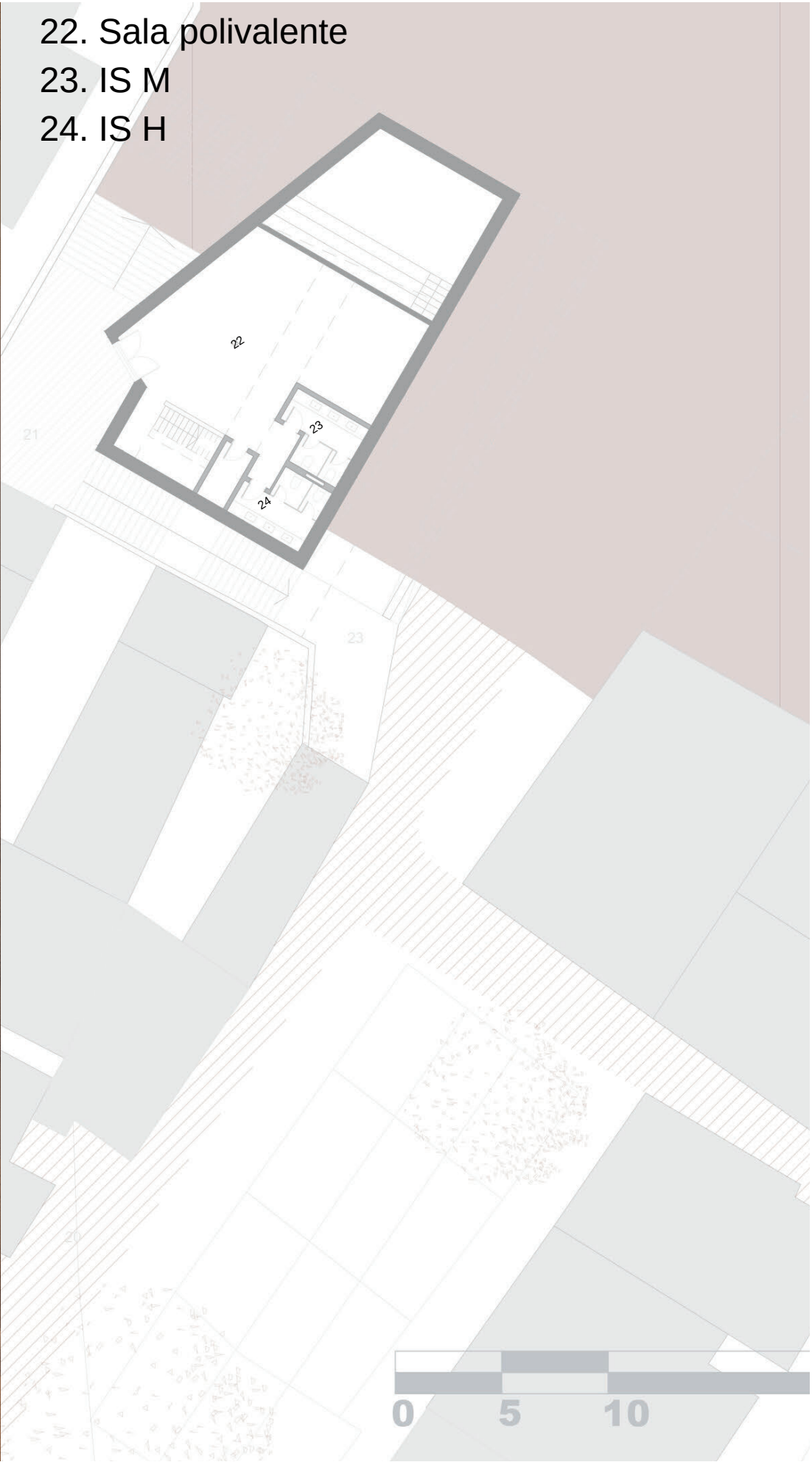


Planta do piso 0 ESC 1/200

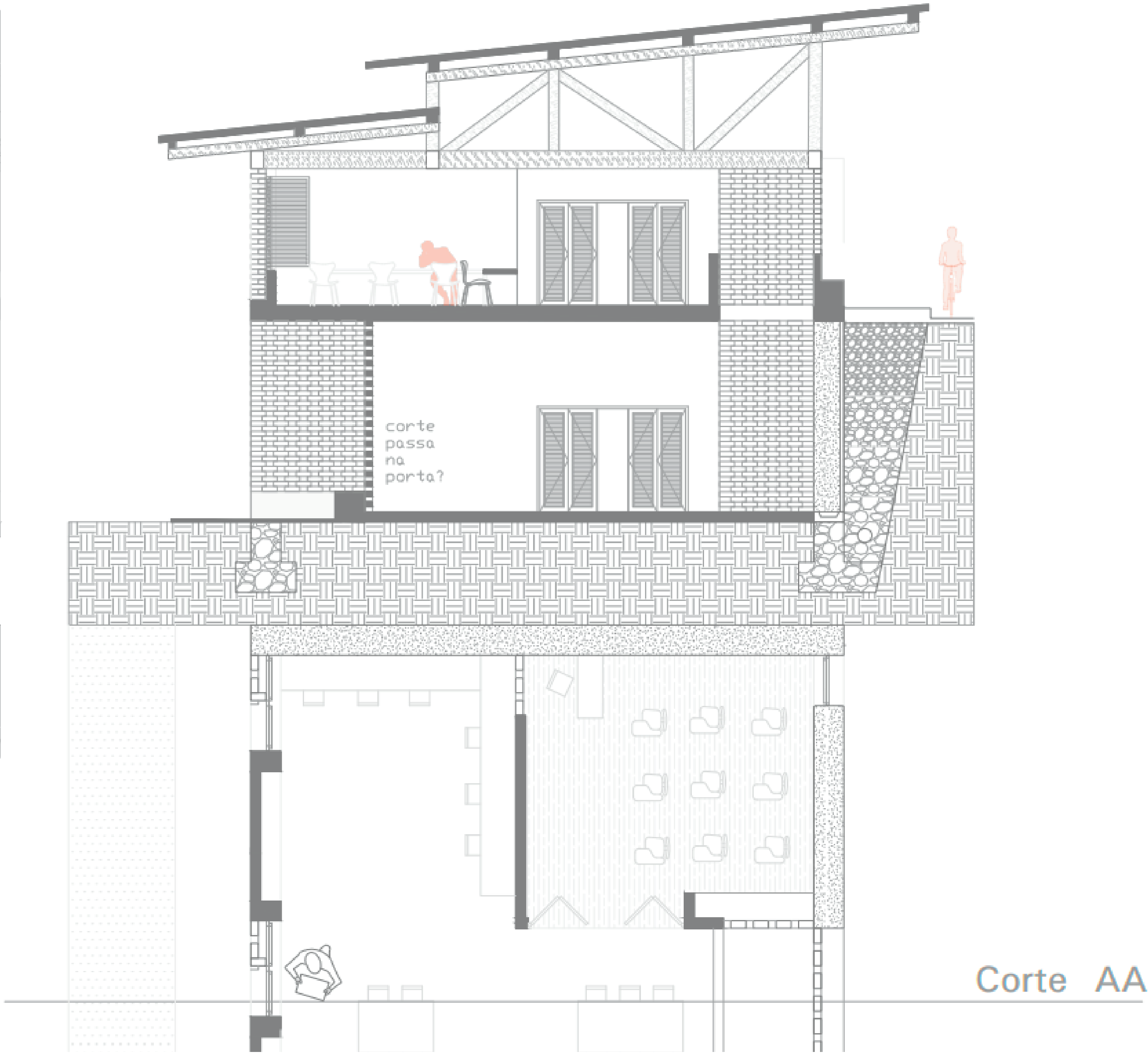
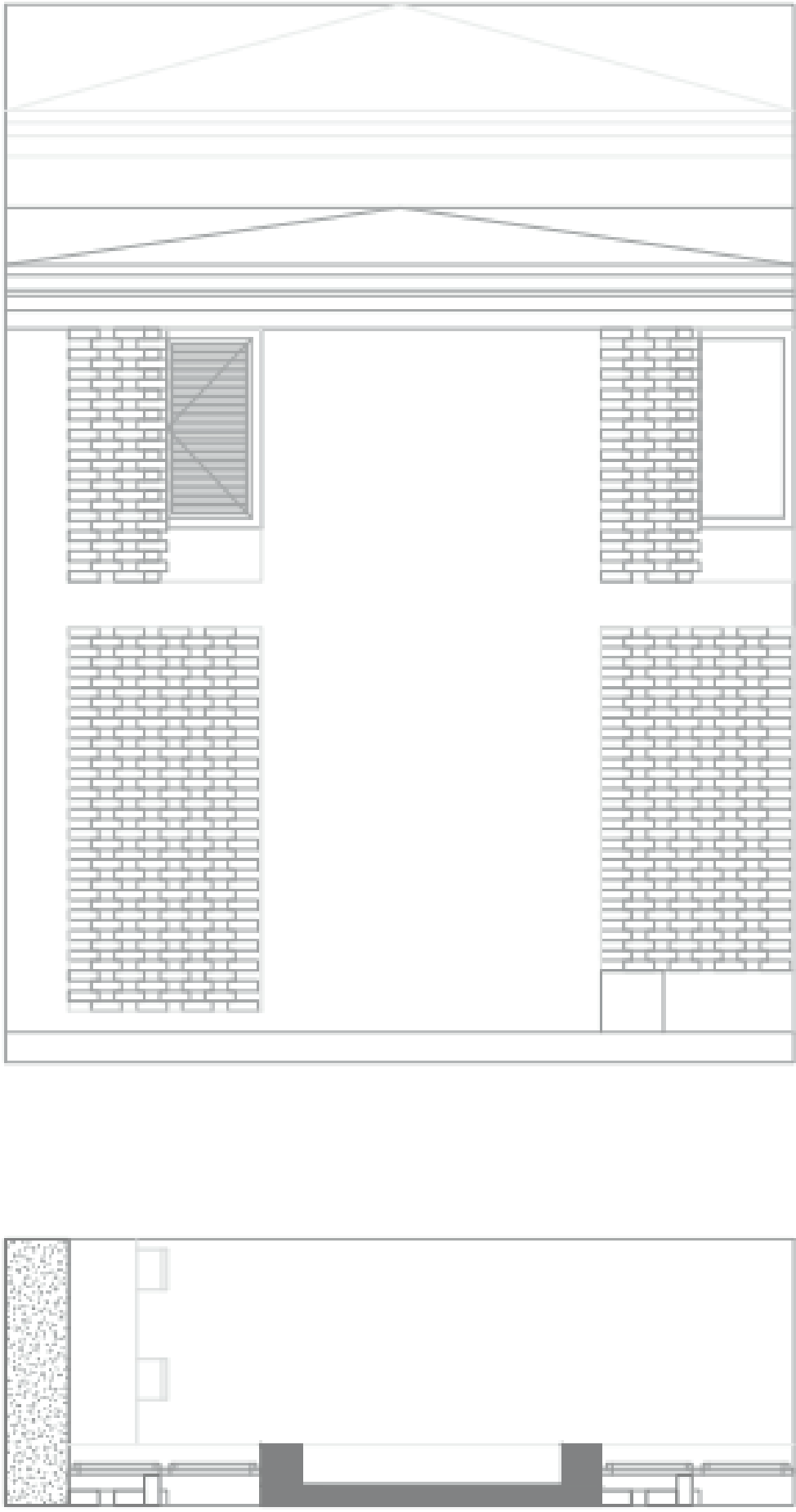




Visualização do auditório



Planta do piso -1 ESC 1/200



Corte AA

Detalhe construtivo 1/50



Visualização exterior do centro



Visualização da biblioteca